

IRENILZA OLIVEIRA E OLIVEIRA

**“THEY ARE REALLY TOUGH, BUT ALSO MIDDLE”:
DIFERENTES ESTRUTURAS PARA SENTENÇAS COM
PREDICADO *TOUGH***

Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação do Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas para obtenção do Título de Doutor em Lingüística.

Orientador: Prof. Dr. Jairo Morais Nunes

CAMPINAS

2009

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca do IEL -
Unicamp

OL4t	<p>Oliveira, Irenilza. They are really tough, but also middle: diferentes estruturas para sentenças com predicado tough / Irenilza Oliveira e Oliveira. -- Campinas, SP : [s.n.], 2009.</p> <p>Orientador : Jairo Morais Nunes. Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem.</p> <p>1. Movimento tough. 2. Língua inglesa. 3. Sintaxe gerativa. 4. Programa minimalista. I. Nunes, Jairo Morais. II. Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Estudos da Linguagem. III. Título.</p> <p>tjj/iel</p>
------	--

Título em inglês: They are really tough, but also middle: different structures for tough constructions.

Palavras-chaves em inglês (Keywords): Tough movement; English; Generative syntax; Minimalist Program.

Área de concentração: Linguística.

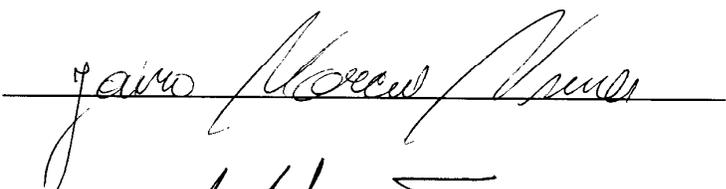
Titulação: Doutor em Linguística.

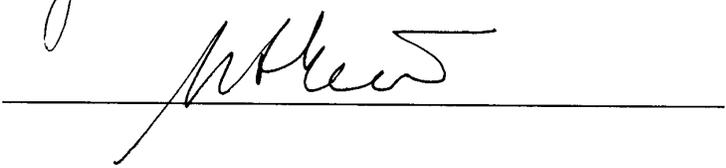
Banca examinadora: Prof. Dr. Jairo Morais Nunes (orientador), Profa. Dra. Mary Aizawa Kato, Profa. Dra. Sonia Maria Lazzarini Cyrino, Profa. Dra. Ilza Maria de Oliveira Ribeiro, Profa. Dra. Marcelo Barra Ferreira, Profa. Dra. Ruth Elisabeth Vasconcellos Lopes (suplente), Prof. Dr. Juanito Ornelas de Avelar (suplente), Profa. Dra. Elaine Bicudo Grolla (suplente).

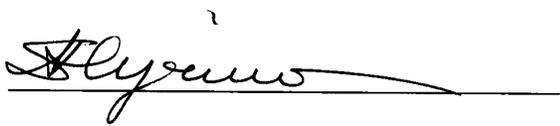
Data da defesa: 10/11/2009.

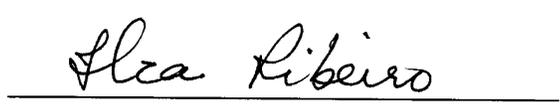
Programa de Pós-Graduação: Programa de Pós-Graduação em Linguística.

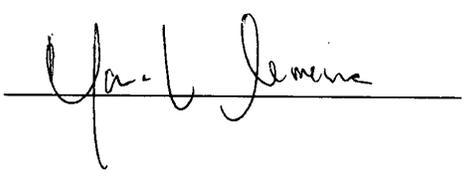
BANCA EXAMINADORA:

Jairo Morais Nunes 

Mary Aizawa Kato 

Sonia Maria Lazzarini Cyrino 

Ilza Maria de Oliveira Ribeiro 

Marcelo Barra Ferreira 

Ruth Elisabeth Vasconcellos Lopes _____

Elaine Bicudo Grolla _____

Juanito Ornelas de Avelar _____

***Dedico esta tese a Seu Irenio e Dona Valdete, meus pais.
Tudo fica menos difícil quando penso em vocês.***

AGRADECIMENTOS

Agradeço à CAPES pelo financiamento de minha pesquisa entre 1999 a 2003 e à FAPESP (processo n.º 2006/00965-2), que financia o Projeto Temático “Sintaxe Gerativa do Português Brasileiro na Entrada do Século XXI: Minimalismo e Interfaces”, coordenado pelo Professor Jairo Nunes e do qual participo como pesquisador júnior.

Agradecerei sempre:

Ao Professor Jairo Nunes, verdadeiro orientador e amigo generoso e paciente. Muito obrigada pela leitura das inúmeras versões desse texto, pela indicação dos caminhos e por me fazer continuar.

À Professora Mary Kato, por me trazer para essa área de estudos, pelos ensinamentos teóricos e de vida, pela sua serenidade. Agradeço a Mary também pela leitura cuidadosa dos trabalhos (dissertação, qualificação fora de área... acho que todos) que realizei durante todo o período em que estive ligada ao IEL. Mary é, para mim, um símbolo da Sabedoria.

Aos Professores membros da banca de exame de qualificação desta tese, Marcelo Ferreira e, novamente, Mary Kato, pela leitura atenciosa e sugestões valiosas para a conclusão do texto.

Aos Professores que constituíram a banca de defesa, Mary Kato, Sônia Cyrino, Ilza Ribeiro e Marcelo Ferreira, pelo cuidado com que leram esta tese e pelos questionamentos pertinentes que ajudaram na reelaboração de alguns aspectos formais e teóricos deste trabalho.

Aos professores do IEL que durante o Mestrado e Doutorado me prepararam para a finalização dessa etapa da minha vida acadêmica. Um agradecimento especial à Professora Charlotte Galves.

À Professora Cecília Perroni, pela amizade, pelo carinho, pelo cuidado ao nos receber em Campinas e pela orientação do texto de qualificação em Aquisição da Linguagem.

À Professora Ester Mirian Scarpa, pela orientação do texto de qualificação em Fonética e Fonologia e pelas conversas informais, porém sempre iluminadoras.

Novamente, à Professora Ilza Ribeiro, pela iniciativa de levar o Programa de Pós-Graduação em Lingüística do IEL para a Universidade Estadual de Feira de Santana. Sua responsabilidade, competência e bom humor facilitaram bastante a nossa trajetória.

Às Professoras Mirian Barbosa Silva, Vera Rollemberg, e Maria Eline Mendes, da Universidade Federal da Bahia, por terem iniciado a minha trajetória na pesquisa em estudos lingüísticos.

Aos funcionários do IEL, em especial a Rose, Carlos e Belkis, pela dedicação e eficiente e simpático atendimento.

Aos tantos colaboradores que, tantas vezes, se dispuseram a fazer julgamento de gramaticalidade das sentenças – David Hill, MaryAnn Walter, Justin M Fitzpatrick, Jessica Coon Seth Alfred Cable e Carrie Gillon, do MIT; e Suzanne Gessner, Joe Stemberger, Lisa Matthewson, Nahal Namdaran, Ryan Waldie, Martin Oberg, Marion Caldecott e Eric Rosen, da UBC; Professor Graeme Hodgson, do British Council – Brasil e Professora Sally Inkpin, da UNEB. Minha grande gratidão a Andrés, Amélia e Isabela por terem facilitado o meu contato com todos eles.

Ao Professor Marc Authier, da Universidade da Pensilvânia, por sua gentileza ao me enviar cópia de seu texto, em co-autoria com a Professora Lisa Reed, em que discutem as construções com predicado *tough* do francês.

A Marina Augusto, Ana Paula Scher, Raquel Santos, Evani Viotti, Helena Britto, Lourdes Jorge, Angélica Rodrigues, Flávia Castro Alves, Maria Clara Paixão, Alba Verona, Adriana Lessa, Juanito Avelar, Marcello Marcelino, Jéssica Arroteia, Brenda Veloso, Cristina Ximenes, Cynthia Zocca, Ana Cláudia Bastos,

Simone Floripi e Cosme Batista, pelos muitos momentos de partilha de saberes e de confraternização.

Aos meus amigos/irmãos, conquistados aí e já levados da Bahia, Amélia, Andrés, Silvinha, Beth, Cristina, América, Edleise, Nelmira, Dilzete e Gilcélia, com quem passei ótimos momentos da minha vida campineira e a quem estarei sempre ligada.

À minha família campineira – a Família Eugênio –, pelo acolhimento e amizade desde 1998.

Aos meus irmãos e irmãs, sobrinhos e sobrinhas, afilhado, comadre, sogra, cunhados e cunhadas, e aos meus amigos e amigas – Cristina, Edil, João, Pérola e Luís, Nilzete, Celina, Antonilma, Letícia –, por me trazerem conforto em intensos momentos de dificuldades.

Aos meus colegas/amigos e alunos do Departamento de Educação – *Campus XIV* da Universidade do Estado da Bahia, por fazerem o meu trabalho ter sentido e por me proporcionarem inícios de semana maravilhosos.

E, é claro, agradeço muito a Silvinho, ímpar na minha vida, e Luquinha (nosso Tico), que me fez crescer, sorrir sempre e profundamente amar.

Agradeço a Deus.

*"A palavra pertence metade a quem a profere
e metade a quem a ouve."*

(Michel de Montaigne)

RESUMO

Neste trabalho, apresento uma análise para construções com *tough movement* do inglês como (i) *John is easy to please* e (ii) *John is easy to convince Mary to visit*. As análises anteriores para sentenças com *tough movement* são baseadas ou na geração de um elemento nulo na posição pós-verbal (Chomsky, 1977, 1981; Hicks, 2003, entre outros) ou no alçamento do DP argumento interno para especificador do TP da matriz (Bayer, 1990 e Hornstein, 2001). Essas propostas, no entanto, consideradas isoladamente, parecem ser insuficientes uma vez que deixam de capturar algumas propriedades dessas construções ou violam princípios da Gramática Universal e não consideram as diferenças sintáticas entre sentenças como (i) e (ii), propondo para elas uma única explicação sintática. Assim, tomando como evidência as propriedades semânticas e sintáticas internas ao predicado encaixado e a relação sintática que se estabelece entre este predicado e o núcleo da oração mais alta, mostro que as sentenças em (i) e (ii) possuem subjacentes estruturas sintáticas diferentes no que tange ao complemento infinitivo do predicado *tough*. As sentenças como (i) apresentam propriedades de construções de reestruturação, como não licenciamento de DP na posição de argumento interno, dependência temporal da oração encaixada em relação à oração matriz e impossibilidade de negação exclusiva da oração encaixada, o que revela uma estrutura mono-clausal cujo predicado encaixado representa um *vP*, nos termos de Harley (2006), em que os núcleos relativos à checagem de caso acusativo (F) e à projeção de argumento externo (Voice) não estão presentes. Daí o movimento do DP argumento interno do verbo encaixado para o especificador de TP. Por outro lado, sentenças com (ii) licenciam DP na posição de argumento interno e não apresentam dependência temporal da oração encaixada em relação à oração matriz. Para explicar a sintaxe desse tipo de sentença com *tough movement*, assumiu-se a proposta de Hornstein segundo a qual, a lacuna pós-verbal é gerada pelo movimento A-barrado do argumento interno

em direção primeiro ao SpecCP da encaixada, motivado pela presença de um traço A'-WH do DP. Na derivação desse tipo de sentença estaria também envolvido um movimento lateral do DP (Nunes, 1995, 2001) da oração encaixada para o especificador do adjetivo para checar o traço temático desse predicado e um último movimento deste DP para a posição de sujeito sintático da matriz.

Palavras-chave: movimento *tough*, voz média, língua inglesa, sintaxe gerativa, Programa Minimalista

ABSTRACT

In this dissertation, I analyze English *tough*-movement constructions such as (i) *John is easy to please* and (ii) *John is easy to convince Mary to visit*. Previous works on these constructions have been based on a null operator merged into the object position (Chomsky, 1977, 1981; Hicks, 2003, among others) or on the raising of the DP towards the matrix SpecTP (Bayer, 1990 and Hornstein, 2001). However, these proposals do not account for the distinct properties these two types of *tough*-construction have. Based on the semantic and syntactic properties of the embedded clause of these constructions and on the syntactic relation it bears with the *tough*-adjective, I argue in favor of the existence of two types of *tough*-constructions. Sentences like (i) are restructuring clauses as they do not allow a DP in the object position or embedded negation, and are dependent on the tense specifications of the matrix clause. More specifically, these constructions are monoclausal and their embedded clause involve just a vP layer, lacking the functional heads related to accusative Case (F) and external argument projection (Voice) in the terms of Harley (2006). Given this syntactic configuration, the object moves to the matrix SpecTP. On the other hand, a sentence like (ii) allows a DP in the object position and its embedded clause is temporally independent. To account for the syntactic structure of this type of sentence with *tough*-movement, I adopted Hornstein's (2001) proposal, according to which the empty category in the object position is derived from the A'-movement of the DP towards the SpecCP due to a A'/wh-feature. From this position, the DP moves sideways (Nunes, 1995, 2001) to check the θ -feature of the adjective *tough* and then to the matrix SpecTP.

Key words: *tough* movement, middle voice, English, generative syntax, Minimalist Program

SUMÁRIO

CAPÍTULO I: Introdução	1
1.1. Apresentação	1
1.2. Diferenças entre as construções com <i>tough movement</i>	3
1.2.1. Licenciamento de argumento externo	4
1.2.2. Movimento-wh do predicado complexo	5
1.2.3. Interpretação <i>individual level vs stage level</i>	6
1.2.4. Dependência temporal da oração encaixada	7
1.2.5. Restrições no francês	7
1.3. A proposta	9
1.4. Pressupostos Teóricos	12
1.4.1. O Programa Minimalista	12
1.4.1.1. Categorias funcionais e lexicais e estrutura sintática	13
1.4.1.2. As operações sintáticas e economia	14
1.4.1.3 A Teoria dos Subarranjos	16
1.4.2. A Morfologia Distribuída	17
1.5. Organização da tese	18
CAPÍTULO II: Propostas para as construções <i>tough</i>	21
2.1. Regra de apagamento do objeto	21
2.2. Movimento de sintagma-wh	26
2.3. <i>Tough constructions</i> e estruturas de alçamento	30
2.4. Conclusão	41
CAPÍTULO III: Construções médias no inglês	43
3.1. Caracterizando as construções médias	43
3.1.1. A sintaxe das construções médias	43
3.1.2. Aspectos semânticos das construções médias	47
3.2. Análises sintáticas das construções médias	51
3.2.1. Construções médias e detransitivização	52
3.2.2. Construções médias no modelo minimalista	59
3.2.3. Formação média e Morfologia Distribuída	64
3.3. Conclusão	72

CAPÍTULO IV: <i>Tough construction</i> (I) e a formação média	75
4.1 Propriedades semânticas das construções <i>tough</i> (I)	75
4.1.1 Interpretação arbitrária do sujeito da oração encaixada	75
4.1.2 Leitura estativa	84
4.2. Propriedades sintáticas das construções <i>tough</i>	85
4.2.1. Transitividade	86
4.2.2. O Caso do DP	91
4.2.3. O tipo de verbo leve selecionado pelo predicado <i>tough</i>	93
4.2.4. Construções <i>tough</i> e <i>preposition stranding</i>	95
4.2.5. Requerimento de modificador	103
4.3. Conclusão	112
CAPÍTULO V: <i>Tough constructions</i> : reestruturação vs movimento longo	115
5.1. As estruturas de reestruturação	115
5.2. Semelhanças entre as TCs I e as construções de reestruturação	118
5.3. Semelhanças entre TCs I e as construções de alçamento	120
5.4. Dois problemas para a análise	125
5.4.1. O sintagma <i>for</i> -DP	126
5.4.2. Construções <i>tough</i> e lacuna parasita	133
5.5. Evidências translingüísticas para diferentes “ <i>tough movements</i> ”	140
5.6. <i>Tough constructions</i> e movimento longo	146
5.6.1. A sintaxe das TCs II: Hornstein (2001)	148
5.7. Uma vantagem da proposta	152
5.8. Conclusão	159
Considerações finais	163
Referências bibliográficas	167

CAPÍTULO I: Introdução

1.1. Apresentação

Neste trabalho, pretendo apresentar uma análise para construções com predicado *tough* do inglês dos tipos apresentados em (1) e (2), tendo como ponto de partida as propriedades semânticas e sintáticas internas ao predicado encaixado e a relação sintática que se estabelece entre este predicado e o núcleo da oração mais alta.

(1)

- a. Bureaucrats are easy to bribe
- b. The problem was tough to deal with.

(2)

- a. John is easy to persuade Mary to please.
- b. John is easy to convince Bill to do business with.

As construções em (1) são sentenças complexas formadas por uma oração principal que tem como núcleo um adjetivo que subcategoriza, como seu complemento, uma oração infinitiva. Esse predicado encaixado, cujo argumento externo é nulo e tem interpretação arbitrária por sua vez, é transitivo e apresenta também uma lacuna na posição de argumento interno que pode ter funções sintáticas diferentes. Em (1a), a lacuna funciona como objeto direto do verbo e em (1b) a categoria vazia é objeto indireto do verbo, isto é, complemento de uma preposição selecionada pelo verbo. Nessas sentenças, a posição vazia na posição de argumento interno do verbo encaixado não pode ser preenchida por um objeto foneticamente realizado, como se atesta em (3).

(3)

- a. *John is easy to convince him/Bill
- b. *The problem was tough to deal with it.

O fato sintático que gera as questões em torno dessas sentenças é justamente essa lacuna que há em posição interna ao verbo da cláusula encaixada e a co-interpretação direta entre esta categoria vazia e o DP-sujeito da oração matriz. Ou seja, a leitura que se obtém de sentenças como (1a) e (1b) é que *John* é objeto de *convince* (4a) e *The problem* é o complemento de *deal with* (4b).

(4)

- a. John_i is tough to convince e_i.
- b. The problem_i was tough to deal with e_i.

Os exemplos em (2) são estruturas com o predicado *tough* mais complexas do que as apresentadas em (1). Em (2a) se vê uma relação de identidade não entre o DP-sujeito da matriz e uma categoria vazia na posição de objeto do verbo principal da oração encaixada, mas entre esse DP e uma categoria vazia na posição de objeto lógico do verbo da oração que funciona como complemento do primeiro verbo encaixado. Já em (2b), o DP-sujeito da matriz serve como antecedente para uma categoria vazia na função de objeto indireto da oração complemento do primeiro verbo encaixado. Assim, as sentenças em (1) e (2) são diferentes no que diz respeito ao nível de encaixamento da posição vazia que tem como antecedente o DP-sujeito da oração matriz.

1.2. Diferenças entre as construções com *tough movement*

Considerem-se as sentenças (1) e (2), repetidas em (5) e (6) abaixo.

(5)

- a. Bureaucrats are easy to bribe
- b. The problem was tough to deal with.

(6)

- a. John_i is easy to persuade Mary to please e_i.
- b. John_i is easy to convince Bill to do business with e_i.

Como se verá no decorrer desse trabalho, a hipótese a ser defendida é que TCs (do inglês *tough constructions*) como essas em (5) (TC I) são construções de reestruturação e que o movimento do DP desde a posição de argumento interno do verbo até a posição de sujeito da matriz é motivado pela ausência de Caso acusativo estrutural na oração infinitiva.

No entanto, como se vê em (6) (TC II), há sentenças com predicado *tough* mais complexas. Como foi mostrado na seção anterior, nessas construções, a relação de identidade que se percebe não é entre o DP-sujeito da matriz e uma categoria vazia na posição de objeto do verbo da primeira oração encaixada; nelas, o sujeito da matriz é o antecedente de uma categoria vazia na posição de objeto lógico do verbo de oração ainda mais encaixada.

Sentenças em (5) e (6) indicam que as construções *tough* são derivadas a partir de operações sintáticas diferentes. A seguir serão discutidos alguns aspectos desses dois tipos de construções com predicado *tough*.

1.2.1. Licenciamento de argumento externo

O primeiro fato sintático que distingue essas sentenças em (6) é o preenchimento da posição de argumento interno do primeiro verbo encaixado: enquanto as TCs I não admitem nenhum tipo de constituinte preenchendo a posição de argumento interno do verbo complemento do adjetivo *tough*, as TCs II apresentam sempre um DP foneticamente realizado nessa posição. Esse DP (*Mary / Bill*) funciona como agente da ação descrita na oração mais encaixada. Essa interpretação deixa evidente que, diferentemente das TCs I, as TCs II exibem um predicado verbal cuja estrutura argumental necessariamente projeta a posição de argumento externo agente.

No que diz respeito à sentença em (6a), note-se que a presença do DP *Mary* como sujeito semântico da oração infinitiva em que se encontra a lacuna impossibilita uma análise sintática para essa construção baseada em movimento-A. O DP *John* se movimentando da posição de objeto de *please* para o especificador do TP da matriz violaria Minimalidade uma vez que, entre o DP a ser movido e o alvo do movimento, há um outro DP. Ou seja, o DP *Mary* seria o candidato mais próximo para a checagem dos traços não-interpretáveis do T da matriz. Assim, assumindo-se que movimento-A barra envolve um constituinte com o traço de Caso checado, a conclusão é que o Sistema VP do predicado encaixado projeta um núcleo capaz de checar o traço de Caso do seu argumento interno.

Quanto à sentença em (6b), sendo a preposição um núcleo que tem traço de Caso não-interpretável e que por isso estabelece relação de checagem de Caso com o seu complemento, o DP *Bill* já teria o seu traço de Caso checado pela preposição, estando, assim, indisponível para outras relações de checagem dessa natureza. Dessa forma, verifica-se que nas TCs II a posição sintática de sujeito da oração matriz não é derivada de movimento-A do argumento interno da encaixada.

1.2.2. Movimento-wh do predicado complexo

Nanni (1980 apud Anderson 2005) defende que a derivação da TC I (que apresenta apenas uma oração infinitiva) envolve reestruturação lexical, enquanto a formação da TC II (que envolve mais de uma oração encaixada) deriva de um processo não lexical.

(7)

- a. How easy to tease is John?
- b. How easy to tease John is!
- c. *?How hard to convince Bill to marry was the girl?
- d. *?How hard to convince Bill to marry the girl was!

Para a autora, a TC I envolve a criação de um predicado adjetival complexo já que seus elementos (o adjetivo *tough* e a oração infinitiva), uma vez combinados, apresentam comportamento de um predicado. Essa distinção entre esses dois tipos de TC explicaria o contraste em (7): assumindo que nas sentenças interrogativas-wh e exclamativas-wh do inglês a palavra-wh carrega seu complemento na sua trajetória para SpecCP, a TC I (7a-b), formando um predicado complexo, poderia ocupar essa posição de complemento; enquanto a TC II (7c-d), que não deriva de uma reestruturação lexical, não poderia assumir essa posição. Como Nanni nota, somente a TC I pode aparecer em contextos sintáticos comumente ocupados por um adjetivo como (8a). Uma TC II não pode aparecer nesses ambientes (8b).

(8)

- a. an easy to clean bath
- b. *an easy to ask Bill to clean bath

Corroborando a proposta de Nanni, Anderson (p. 90) ainda mostra um dado de Mair (1987) em que uma TC I numa estrutura de coordenação com adjetivos

predicativos regulares (9), o que favorece a hipótese de uma formação compatível com um predicado complexo na TC I.

(9) There was an irony in the fact that the final pain killing bullet should come from a team like Stoke, a little long in the toot, but wily and hard to put down.

Embora Nanni proponha que as TCs que envolvem apenas uma oração infinitiva (TC I) sejam resultado de um processo lexical, o fato de a autora observar essas diferenças entre os dois tipos de TCs, no que concerne à relação que se observa entre o adjetivo *tough* e o predicado encaixado, se apresenta como mais uma evidência de que as TCs I e TC II são sintaticamente formadas a partir de passos derivacionais diferentes.

1.2.3. Interpretação *individual level* vs. *stage level*

Uma terceira diferença entre as TCs I e as TCs II é que as primeiras conduzem a uma leitura de propriedade do sujeito da matriz (*individual level*) enquanto nessas, a interpretação que está disponível é *stage level* (cf. contraste em (10)). Ou seja, enquanto a combinação de predicado *tough* mais oração infinitiva das TCs I resulta numa leitura *individual level*, expressando uma propriedade permanente e essencial do sujeito-tema, a formação de TCs II produz uma interpretação *stage level*, indicando uma característica temporária do sujeito-tema.

(10)

- a. John is tough to please = John has the property of being tough to please.
- b. This book is easy to read = This book has the advantage of being easy to read.
- c. John is easy to convince Mary to meet \neq John has the property of being easy to convince Mary to meet.
- d. John is easy to convince Bill to tell Mary that Tom should meet \neq John has the property of being easy to convince Bill to tell Mary that Tom should meet.

1.2.4. Dependência temporal da oração encaixada

Um outro aspecto que distancia os dois tipos de sentença é o fato de a oração encaixada das TCs I ter a sua especificação de tempo determinada pelo tempo da oração matriz (11a), enquanto a oração encaixada das TCs II é temporalmente independente da oração matriz. Segundo julgamento dos falantes consultados, a sentença em (11b) é aceitável, mas não a sentença em (11a). Note-se que a expressão de tempo futuro que se percebe na oração encaixada (*by the next election / tomorrow*) é diferente do tempo presente especificado na oração matriz¹.

(11)

- a. * These bureaucrats are tough to bribe by the next election.
- b. John is tough to persuade Bill to visit tomorrow.

1.2.5. Restrições no francês

Além disso, embora os dois tipos de construções com o predicado *tough* sejam licenciados em inglês, algumas línguas licenciam o primeiro, mas não derivam o segundo tipo de construção. Este é o caso do francês. Veja-se que a sentença (12), uma TC I, é licenciada nesta língua.

(12) Ce fort_i sera facile à assiéger t_i

¹ No entanto, quando foram apresentadas TCs II em que o verbo matriz se encontrava no passado (i), todos os falantes consultados consideraram a estrutura agramatical.

(i)

- a. **/ * John was easy to convince Bill to kill tonight.
- b. **/ * John was tough to persuade Bill to visit tomorrow.

No entanto, conforme Authier & Reed (2009) e Sportiche (2006) mostram, construções com predicado *tough* com mais de uma oração encaixada (TC II) não são permitidas no francês (13a-c)².

(13)

- a. ? Ce fort_i sera facile à penser à assiéger t_i
this fort will be easy to (think / persuade the army to) lay siege to
- b. * Ce fort_i sera facile à penser à persuader l'armée_k d' assiéger t_i
this fort will be easy to (think / persuade the army to) lay siege to
- c. *Ce livre serait difficile à empêcher ta soeur de lire ____.
this book would-be difficult to to-prevent your sister of to-read

Segundo julgamento de Sportiche, quanto mais encaixada se encontra a lacuna correferente ao sujeito da matriz, mais inaceitável é a sentença. Veja-se o contraste entre (13a) e (13b) ressaltado pelo autor.

No que diz respeito à possibilidade de adjunção de uma oração com lacuna parasita, não há consenso entre os dois trabalhos sobre TCs do francês supracitados. Enquanto Authier & Reed consideram esse tipo de estrutura agramatical (14a), Sportiche o considera gramatical. O exemplo apresentado pelo autor está em (14b).

(14)

- a. *Ce climatiseur est emmerdant à nettoyer t sans démonter PG d'abord.
this AC is annoying to to-clean t without to-take-apart PG first
- b. Ce fort sera facile à assiéger t sans encercler PG
This fort will be easy to lay siege t without surrounding PG

Dados do francês indicam que a diferença entre TCs I, com movimento curto, e TCs II, com movimento longo, é também marcada morfológicamente, com o uso de partículas diversas. Considerem-se as sentenças em (15).

² Exemplos (a) e (b) Sportiche (2006) e exemplo (c) de Authier & Reed (2009).

(15)

- a. Il est facile **de** résoudre ce problème.
- b. Ce problème est facile **a** résoudre.

Observe-se, inicialmente, que na estrutura em que uma lacuna aparece na posição de objeto é a partícula **a** que introduz o complemento oracional (15b); por outro lado, a partícula **de** inicia o complemento oracional em que o DP argumento interno aparece na posição pós-verbal (15a).

Note-se, então, que a proposta que analisa as TCs I com base na ausência de traço de Caso no sistema verbal da oração encaixada parece ser indicada para explicar o contraste entre as sentenças em (12) e (13): assumindo-se que a partícula **a** revela um sistema verbal defectivo, em (12), em que só há uma oração encaixada, o DP *ce fort* se submete a movimento-A diretamente para SpecTP da matriz e a sentença é bem-formada. Em (13), para chegar ao SpecTP, o DP teria que se submeter a, pelo menos, duas instâncias de movimento-A. A sentença em (13a), com duas orações encaixadas, é aceitável (segundo julgamento de Sportiche), porém menos natural do que (12). Já a sentença em (13b) tem três orações encaixadas e a última oração é introduzida pela partícula **de** (o que seria indício de um sistema verbal não defectivo). Assim, o DP *ce fort* teria que se mover por três posições até SpecTP, mas já no primeiro movimento ele cruzaria o DP *l'armée*, argumento interno do segundo verbo encaixado, daí a sua agramaticalidade.

1.3. A proposta

Conforme será discutido no próximo capítulo, as análises apresentadas para explicar a estrutura das sentenças com predicado *tough* como (1) e (2) têm sido baseadas ou na geração de um elemento nulo na posição que se vê vazia posterior ao verbo da oração mais encaixada (Chomsky, 1977, 1981; Hicks, 2003, entre outros) ou no alçamento do DP desde a posição pós-verbal do predicado encaixado até o especificador do TP da matriz (e.g. Bayer, 1990 e Hornstein,

2001). Essas propostas, no entanto, consideradas isoladamente, parecem ser insuficientes uma vez que, embora pretendam dar conta da preocupação maior, que é explicar a relação temática que se observa entre o verbo encaixado e o sujeito da matriz, suas implementações técnicas deixam de capturar algumas propriedades sintáticas e/ou semânticas dessas construções ou violam princípios da Gramática Universal como, por exemplo, Minimalidade e Teoria do Caso. Além disso, essas análises não consideram as diferenças sintáticas entre as sentenças do tipo apresentado em (1) e as sentenças ilustradas em (2), propondo para elas uma única explicação sintática.

A questão principal que se tentará responder neste trabalho é a mesma que se encontra nos textos anteriores sobre este tema: como a sintaxe mapeia a relação semântica existente entre a posição interna ao verbo do predicado encaixado e a posição de sujeito da sentença matriz?

A diferença entre este e os outros trabalhos ficará a cargo do ponto do qual partirá a pesquisa. Aqui, o trajeto será feito a partir das especificidades sintáticas e semânticas que diferenciam as sentenças em (1) das sentenças em (2).

Deste modo, este trabalho também buscará responder às seguintes questões:

- Que tipo de estrutura representa a oração encaixada desses dois tipos de sentença?
- Quais relações temáticas podem ser encontradas nas *tough-constructions*?
- Qual a natureza das categorias vazias nas posições pós-verbal e de sujeito da oração encaixada?

Foi mostrado que, embora tenham sido geralmente analisadas como resultado de uma mesma estrutura sintática, as sentenças com predicado *tough* do tipo em (1) e (2) são diferentes no que concerne à grade argumental do verbo encaixado selecionado pelo adjetivo: enquanto as primeiras não admitem nenhum

tipo de constituinte preenchendo a posição de argumento interno do verbo complemento do adjetivo *tough*, essas últimas apresentam um DP foneticamente realizado nessa posição.

Nas sentenças em (1), o fato de existir uma categoria vazia na posição de objeto do predicado encaixado co-indexada com um DP com função de sujeito sintático somado ao fato de a posição de sujeito da oração encaixada se encontrar vazia favorece uma análise segunda a qual essas construções devam ser derivadas de movimento-A.

Por outro lado, as sentenças em (2), por admitirem que o sujeito da matriz seja o antecedente de uma categoria vazia complemento de um verbo ainda mais encaixado, e ainda por apresentarem um DP entre a posição vazia e o seu antecedente, bloqueiam a possibilidade de uma análise baseada em Movimento-A uma vez que esse movimento violaria a condição de minimalidade.

Além disso, como foi mostrado na seção 1.2, embora os dois tipos de construções com o predicado *tough* sejam licenciados em inglês, algumas línguas licenciam o primeiro, mas não derivam o segundo tipo de construção.

Diante dessas diferenças, o que se percebe é que uma análise que considere sentenças como (1) e (2) como resultantes de uma mesma estrutura não se manteria, uma vez que não conseguiria explicar o motivo de apenas um dos tipos licenciar determinados movimentos sintáticos e porque algumas línguas só permitem um dos tipos de sentenças. Ainda não explicaria a possibilidade de esses dois tipos de sentença com predicado *tough* serem morfologicamente diferentes. Assim, centrada na hipótese de que as sentenças apresentadas em (1) e (2) sejam derivadas por operações sintáticas diferentes, principalmente no que diz respeito à composição das categorias funcionais envolvidas no predicado oracional que complementa o adjetivo, esta tese defenderá que a oração encaixada das sentenças em (1) é derivada dos mesmos passos derivacionais que compõem a construção média, em que não estão disponíveis os núcleos responsáveis pela projeção do argumento externo e pela checagem do traço de

Caso acusativo; enquanto a oração encaixada das sentenças do tipo apresentado em (2) envolveria esses dois núcleos funcionais.

A análise para as TCs do inglês será baseada em dados já discutidos na literatura sobre esse tipo de construção, em dados de *corpora* de língua inglesa oficiais e em dados julgados quanto à sua gramaticalidade por falantes nativos dessa língua.

1.4. Pressupostos Teóricos

1.4.1. O Programa Minimalista

O Programa Minimalista (PM) (Chomsky 1995, 1998, 1999), programa de estudos lingüísticos no qual se baseará o presente trabalho, se apresenta como uma releitura do modelo de Princípios & Parâmetros (Chomsky 1981, 1986). Este programa propõe que a faculdade da linguagem (FL), seja um sistema ótimo e não passível de redundância.

Assumido isto e tendo em vista o ponto central deste programa, que é discutir como FL se apresenta como uma solução ótima para as condições de legibilidade estabelecidas pelos sistemas de pensamento e sensório-motor (que dispõem de propriedades independentes de FL), os níveis de representação serão restringidos, de forma que haverá apenas aqueles que são necessários para a interpretação de expressões lingüísticas por esses sistemas:

- (i) forma fonética (PF), interpretada na interface articulatório-perceptual, meio de comunicação entre FL e o sistema sensório-motor, que utiliza informações específicas tais como ordenação dos constituintes, estruturas silábica e prosódica, certas propriedades de caráter fonético e as relações que estas propriedades estabelecem entre si; e

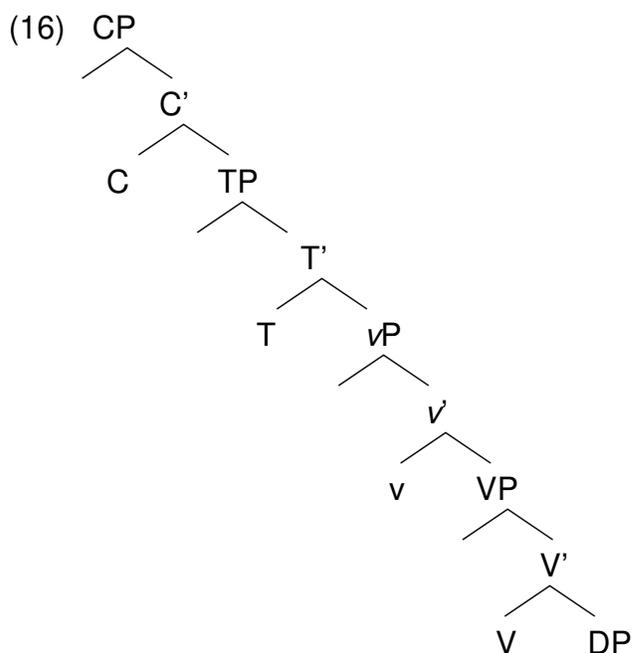
- (ii) forma lógica (LF), interpretada na interface conceptual-intencional, servindo de elo entre FL e o sistema de pensamento, que lida com informações relativas aos traços semânticos e estruturas de evento e quantificação, dando-lhes interpretação e estabelecendo relações entre elas.

Uma expressão lingüística (EXP) será, pois, construído da derivação que, para ser considerada convergente, deverá, após a operação que divide a computação (*Spell-Out*) ter sido processada, formar o par compatível (π, λ) (sendo π o objeto de PF e λ o objeto de LF) e ter todos os seus elementos interpretados nesses dois níveis de interface.

1.4.1.1. Categorias funcionais e lexicais e estrutura sintática

Quanto às categorias de acordo com as quais os itens lexicais (LI) se classificam, existem as substantivas – ou lexicais – (verbo, nome, adjetivo) e as funcionais: C – que é a categoria responsável pela representação sintática de propriedades semânticas como força ilocucionária, focalização e topicalização; T – que abriga o traço de tempo da sentença; e *v* – categoria que dá um caráter verbal ao predicado.

Com base nessas categorias lexicais e funcionais, a estrutura sintática básica a ser assumida neste trabalho é a ilustrada em (16)



1.4.1.2. As operações sintáticas e economia

Uma vez que não se assume uma estrutura profunda, para que exista compatibilidade entre o léxico e a LF, os LIs que entrarão na derivação da expressão lingüística serão arranjados num conjunto de pares chamado *numeração* que, além dos itens lexicais indica o índice desses LIs, ou seja, o número de vezes que esses itens serão utilizados pela computação para formar o par (π, λ) .

Assim, no trajeto do mapeamento da numeração para LF, a computação selecionará da numeração um LI α , reduzindo por um o seu índice e introduzindo-o na derivação. Novamente a computação tomará um outro LI β e este será combinado ao objeto sintático já formado pela primeira instância dessa operação e juntos formarão um novo objeto $K(\alpha, \beta)$. Conforme Chomsky (1995), a primeira operação é denominada *Select* (selecionar) e segunda *Merge* (conectar). Essas são as operações básicas propostas pelo PM.

A eliminação do caráter redundante da estrutura sintática proposta pela Teoria X' padrão se dá justamente neste ponto: uma vez que um elemento é

selecionado da numeração e concatenado a um outro objeto, o seu estatuto frasal é determinado no curso da derivação e pela relação sintática que ele estabelece com o objeto ao qual é concatenado.

O objeto sintático resultante da operação *merge* poderá, no entanto, ser formado por dois processos diferentes: por “substituição”, quando os elementos concatenados formam uma nova categoria, ou por “adjunção”, quando o resultado da conexão dos elementos não é uma nova categoria, mas uma categoria com mais de um segmento.

A computação de uma EXP só será convergente nos níveis de interface se esses níveis receberem apenas as informações relevantes para cada um deles e se essas informações estiverem acomodadas de forma que os sistemas a eles relacionados possam utilizá-las. Desta forma, e sabendo-se que os LI presentes na numeração são dotados de traços fonológicos, semânticos e formais³ que por sua vez podem ser legíveis para os sistemas (interpretáveis) ou não-legíveis (não-interpretáveis), é inserida a operação *Agree* (concordar) (Chomsky 1998) para a eliminação desses últimos. Esta operação, tendo como elementos um item lexical α e um traço F associado no seu domínio, estabelece entre eles uma relação de concordância, valorando traços não-interpretáveis.

Move (mover) é outra operação motivada pelo requerimento de eliminação de traços não-interpretáveis, mais especificamente, o EPP. Uma vez que é estabelecida uma relação de concordância entre um objeto α e um traço F de um objeto no domínio de α , este último pode se mover para se concatenar a α . Os alçamentos de um DP para a posição de especificador de T ou de um verbo para se adjungir ao núcleo de *vP* são exemplos da aplicação dessa operação. Nota-se, então, que mover é uma combinação de concordar e conectar (Chomsky 1998).

Como há, no PM, o requerimento de que uma EXP seja derivada através de um sistema computacional econômico, as operações mais simples são preferidas

³ Os traços formais podem aparecer, por exemplo, sob a forma de traços de pessoa e número (traços ϕ), de Caso (nominativo, acusativo etc) e de EPP (que requer que um elemento ocupe a posição de especificador de uma projeção máxima).

em detrimento das operações mais complexas. Comparando-se as três operações em ação na computação, conectar e concordar se apresentam mais simples do que mover, já que esta última envolve um passo derivacional a mais do que as duas primeiras. Em termos práticos, isto significa que na derivação de uma dada EXP, conectar deverá sempre preceder mover se o elemento necessário para conectar estiver disponível na numeração; mover devendo ser utilizada como último recurso (*last resort*) para que a derivação se torne convergente.

1.4.1.3 A Teoria dos Subarranjos

Uma vez observadas as operações do sistema computacional com sua aplicação regulada por requerimentos de economia e as categorias funcionais com suas propriedades seletivas, o problema que surge é que, em determinadas derivações, parece ser o caso de uma operação mais econômica não adiar a ocorrência de uma outra mais custosa, mesmo o elemento necessário para a primeira estando disponível para a computação. Tomando-se como exemplo o par em (17)⁴, sendo (17a) uma derivação convergente, a derivação da sentença (17b) deveria fracassar uma vez que o movimento do DP *someone* precede a inserção do expletivo *there*. No entanto, ambas as sentenças são bem-formadas.

(17)

- a. Someone is wondering whether there is someone here.
- b. There is someone wondering whether someone is here.

Com a finalidade de se resolver esse impasse, reduzindo a complexidade da derivação, Chomsky (1998) sugere que a numeração seja dividida em subarranjos (LA_{1, 2,3...}): um subarranjo LA₁ é extraído da numeração, trazido para a memória ativa e submetida às operações do sistema computacional. Quando a computação termina os procedimentos com LA₁, formando um objeto sintático K, retorna-se à

⁴ Exemplos extraídos de Hornstein, Nunes & Grohmann (2005:352).

numeração, estendendo K ou formando um objeto independente M, que será concatenado a K ou a sua extensão.

Voltando para o problema em (17), se há expletivo no subarranjo que está na memória ativa, conectar precede mover. Caso contrário, aplica-se mover.

O PM propõe como um requisito imprescindível dos subarranjos que eles representem objetos sintáticos naturais relativamente independentes, que contenham apenas uma instância de *v* ou de *C*.

1.4.2. A Morfologia Distribuída

Esta tese também levará em consideração os pressupostos teóricos da Morfologia Distribuída (Halle & Marantz, 1993). De acordo com essa teoria, os itens lexicais que entram na derivação de uma expressão lingüística não são formados em um componente lexical único e lançados já com traços fonológicos na estrutura sintática concomitantemente à sua computação, mas são distribuídos entre outros componentes.

Segundo Harley & Noyer (1999), na Morfologia Distribuída, uma expressão lingüística apresenta (pelo menos) dois tipos de estrutura durante sua derivação: a morfossintática, em que é apresentada a constituição estrutural de seus morfemas (aqui, na sua forma abstrata) e a morfofonológica, que exhibe a constituição estrutural de seu material fonológico. Segue exemplo de Harley & Noyer (18).

(18) The expression *cows*:

Morphosyntactic description: [Root [+plural]]

Morphophonological description: [kaw+ z]

Esses autores ressaltam que, nessa perspectiva teórica, a estrutura morfossintática de uma expressão poderá ser gerada por diversos mecanismos, no componente sintático ou, pós-sintaticamente, no componente morfológico (Morphological Structure). No entanto, é a sintaxe que desempenha o papel mais determinante na derivação das estruturas morfossintáticas.

Uma vez que os itens do vocabulário são subespecificados, um aspecto importante dessa teoria é o fato de termos tradicionalmente utilizados para designar os constituintes da sentença, tais como substantivo (nome), verbo, adjetivo não entrarem assim especificados na computação. Os constituintes da sentença são selecionados como morfemas (neste caso, morfemas lexicais ou radicais – *l-morphemes* ou *Roots* (Pesetsky 1995)) e ganham suas definições categoriais a partir das relações locais que estabelecem com os morfemas funcionais (*f-morphemes*) ou seja, as noções categoriais dos elementos da sentença são conseguidas derivacionalmente, a partir da combinação de morfemas mais básicos. Assim, um radical é especificado como *nome* se o morfema funcional mais próximo que o c-comande for um D (eterminante), mas será definido como verbo ou particípio se for c-comandado localmente por morfemas funcionais como T (flexão), Asp (aspecto) ou *v* (verbo leve). Desta forma, utilizando um exemplo de Harley & Noyer (1999), um radical como *destroy* poderá ser um nome *destruction* se for c-comando localmente por um D; um particípio *destructing* se estiver sob c-comando local de Asp ou de *v*; e um verbo *destroys* se Asp ou *v* forem c-comandados por T.

1.5. Organização da tese

O texto apresenta a seguinte organização: No Capítulo 2, são apresentadas algumas das propostas sobre a estrutura das TCs com o intuito de mostrar como essas análises capturam algumas propriedades das TCs e, ao mesmo tempo, ressaltar a necessidade de uma proposta de explicação que considere as diferenças semânticas e sintáticas entre as TCs em que se observa propriedades de movimento curto e de movimento longo do argumento interno do verbo encaixado. Em seguida, no Capítulo III, é feita uma revisão sobre características sintáticas e semânticas das construções médias do inglês. Neste capítulo ainda são comparadas, com base em Roberts (1987), as propriedades sintáticas das construções médias com as propriedades da estrutura passiva. O objetivo é mostrar que, no que diz respeito a um aspecto muito importante para as duas

estruturas (a projeção do sujeito lógico), às construções médias e às sentenças passivas subjazem estruturas sintáticas diferentes. Considerando-se as conseqüências advindas de uma ou de outra estrutura, conclui-se que na formação da oração encaixada das TCs I estão envolvidos os passos derivacionais que formam a construção média. No quarto capítulo, as TCs I são analisadas. A partir das características que essas construções com *tough-movement* exibem, é confirmada a hipótese de que essa formação com predicado *tough* apresenta propriedades relativas às construções médias. Os aspectos morfossintáticos e semânticos de TCs I são comparados com construções de reestruturação estudadas por Wurmbrand (2001) no capítulo V. As semelhanças encontradas entre essas estruturas no que concerne ao tipo de movimento a que o argumento interno é submetido e às propriedades sintáticas e semânticas do predicado encaixado levam à conclusão de que as TCs I do inglês são construções de reestruturação, logo diferentes das TCs II, cuja estrutura não pode ser explicada a partir de movimento-A do argumento interno. Ainda nesse capítulo, apresenta-se uma proposta de explicação para as TCs II fundamentada em Hornstein (2001). O capítulo VI é a conclusão do trabalho.

CAPÍTULO II: Propostas para as construções *tough*

Há uma enorme literatura na área que se ocupa de explicar a relação semântica entre a posição de objeto da cláusula encaixada e a de sujeito da matriz. Essas propostas transitam entre os recursos de se postular uma regra de apagamento do objeto (*complement object deletion*), a projeção de um constituinte sintático nulo na posição de objeto do verbo encaixado e de se assumir o alçamento do objeto verbo da posição de argumento interno da oração encaixada para a posição de argumento externo da matriz. Neste capítulo, serão discutidas as propostas de representantes dessas abordagens. O objetivo é mostrar alguns problemas internos a essas análises com base nos pressupostos teóricos da Teoria Gerativa.

2.1. Regra de apagamento do objeto

A regra de apagamento do objeto é apresentada por Lasnik & Fiengo (1974) para explicar a sintaxe das TCs. Segundo esses autores, essa regra de apagamento requerida para derivar uma estrutura como (1) é a mesma empregada para a formação de sentenças como (2)⁵, em que também se observa uma co-interpretação entre o sujeito da matriz e o referente do argumento interno do verbo da oração encaixada.

(1) John_i is easy to please e_i.

(2)

a. Mary_i is pretty to look at e_i.

b. That music_i is melodious to listen to e_i.

⁵ Exemplos de Lasnik & Fiengo (1974:58)

c. Nureyev_i is a marvel to watch e_i.

Sua proposta vem como uma resposta à análise sugerida por Postal & Ross (1971) segundo a qual, as TCs seriam derivadas de regras transformacionais que as gerariam a partir de estruturas-D como essa em (3a). De acordo com essa proposta, o primeiro passo seria a extraposição do predicado para uma posição acima da cláusula infinitiva, seguida da inserção do expletivo *it*. Essas operações resultariam em estruturas como (3b). Para se obter a ordem final, haveria, então, o movimento do objeto da infinitiva para a posição de sujeito da matriz, substituindo, desta forma, o expletivo (3c).

(3)

- a. [to please John] is easy
- b. It is easy [to please John]
- c. John_i is easy [to please t_i]

Lasnik & Fiengo (1974) apresentam argumentos contra a hipótese de que as TCs são derivadas de regra de movimento como a mencionada acima. Primeiro, eles afirmam que uma *tough-construction* que, para eles, é compatível com o tempo progressivo (4a), não poderia ser derivada de estruturas como (4b) e (4c), que se mostram agramaticais por estarem no tempo progressivo.

(4)

- a. John is being easy to please.
- b. *To please John is being easy.
- c. *It is being easy to please John.

Conforme análise desses autores, em sentenças no tempo progressivo que contêm sintagmas adjetivais ou nominais, a propriedade descrita pelo adjetivo deve estar sob controle do referente do sujeito do sintagma adjetivo. Para isto,

este sujeito deve ter o traço [+animado]. Assim, o contraste entre as sentenças em (4) seria justificado. Em (4a), o DP *John* controlaria a propriedade descrita pelo adjetivo *easy*. O mesmo não poderia acontecer com as sentenças (4b) e (4c), em que uma oração e um expletivo, respectivamente, funcionam como sujeito da sentença.

Segundo, os autores afirmam que o fato de as TCs poderem ser complementos de verbos de controle como *to try* “tentar” (5a) se torna um contra-argumento para a hipótese de que elas derivariam de regras de movimento, uma vez que um predicado como *to try* não comporta complementos oracionais em que uma oração (5b) ou um expletivo (5c) funciona como sujeito.

(5)

- a. John tries to be easy to please.
- b. *John tries (for) to please John/him to be easy.
- c. *John tries (for) it to be easy to please John/him.

Além disso, os autores consideram que as TCs podem pressupor intencionalidade do referente do sujeito, como mostra a compatibilidade com advérbios voltados para o agente como *intentionally* “intencionalmente” (6a) e com verbos modais do tipo *must* “dever” e *could* “poderia”, em que o DP funciona como sujeito temático do predicado adjetival (6b, c).

(6)

- a. John is intentionally easy to please.
- b. John must be easy to please.
- c. John could be easy to please.

A sua proposta é que as TCs, assim como outras construções em que é flagrante a co-interpretação entre o sujeito da matriz e uma lacuna na posição de objeto da oração encaixada, são derivadas de uma regra de apagamento do

objeto. Partindo de construções como (7), essa regra, obrigatoriamente, apagaria a segunda ocorrência do DP John.

(7)

- a. John_i is being easy to please ~~John_i~~.
- b. John_i tries to be easy to please ~~John_i~~.

A afirmação feita por esses autores de que as TCs pressupõem que o referente do sujeito exerce controle sobre a propriedade descrita pelo adjetivo – podendo essa propriedade descrita ser intencionalmente adquirida ou apresentada pelo sujeito – parece estar baseada em construções *tough* mais marcadas, em que “um diferente tipo de verbo *be*, marcado [+ativo], homófono ao verbo *be* predicativo, se apresenta na oração matriz” (Rothstein, 2004). Conforme Rothstein, este tipo de verbo *be* tem o mesmo sentido do verbo *act* “agir” e, assim, atribui papel- θ agente ao DP que se encontra na posição de sujeito, que apresenta o traço [+animado]⁶. Com base nessas propriedades desse tipo de verbo *be*, é possível explicar o contraste entre as sentenças (4a) e (4c) (repetidas em (8a-b)): em (8a) a posição de sujeito é preenchida pelo DP pleno John, que recebe o papel- θ agente do *be* [+ativo]; enquanto (8b) tem na posição de sujeito um pronome expletivo, incapaz de saturar o papel- θ do verbo *be*. Desta forma, construções como aquelas em (6) e (7), com a interpretação sugerida por Lasnik & Fiengo, podem ser explicadas a partir de uma estrutura agentiva em que o sujeito

⁶ De acordo com o que é discutido por Rothstein, há casos em que o referente do sujeito de uma sentença com *be* [+ativo] tem traço [-animado] ou não apresenta volição ao qualquer tipo de controle sobre o evento descrito. Nessas sentenças em (i), há fatores externos que induzem o comportamento do referente do sujeito.

(i)

- a. The car is being very noisy this morning; I think we may need to buy a new muffler.
- b. The birds are being very noisy this morning.
- c. The baby is being very difficult this evening; I think she is teething.

da matriz *John* controla a ação descrita na oração encaixada e, ao mesmo tempo, é afetado por essa ação⁷.

(8)

- a. John is being easy to please.
- b. *It is being easy to please John.
- c. *This book is being easy to read.

Partindo dessa análise, explica-se também o contraste entre sentenças como (8a) e (8c). Em (8c), o sujeito da matriz apresenta o traço [- animado], logo, incompatível com o traço [+ ativo] do verbo *be* da oração matriz.

Deste modo, concluo que o fato de o sujeito-tema das construções *tough* apresentadas exercer controle sobre a propriedade descrita pelo adjetivo não é a regra geral, mas uma possibilidade de uso dessas sentenças restrita a um contexto bastante marcado: um uso agentivo de *be*. No entanto, embora as construções trazidas por Lasnik & Fiengo ilustradas em (6) e (7) aparentem participar de um outro ambiente sintático e se referir a um outro contexto semântico diferente do que está sendo proposto analisar neste trabalho, duas das hipóteses desses autores apresentam-se como uma contribuição para a explicação de duas das questões que considero principais no estudo das TCs do tipo I: a idéia de que a lacuna pós-verbal nas TCs é uma cópia apagada do DP que se encontra na posição de sintática de sujeito da matriz e o tipo de categoria sintática do complemento do adjetivo *tough*. Assumindo que o complemento desse tipo de sentença não projeta a posição de sujeito, Lasnik & Fiengo propõem que o complemento de um predicado *tough* representa um VP. Tal fato explicaria o bloqueio de estrutura passiva como complemento do predicado *tough* (9)⁸.

⁷ Essa interpretação de intencionalidade do sujeito pode também ser conseguida, embora marginalmente, em construções médias, em que, como será mostrado no capítulo seguinte, a posição de sujeito lógico não é projetada na sintaxe, resultando na incompatibilidade com orações infinitivas de finalidade. Como será visto um pouco adiante, uma sentença como *Bureaucrats bribe easily to keep themselves happy* pode ser licenciada, porém julgada como muito marginal.

⁸ Exemplos de Lasnik & Fiengo (1974:72).

(9)

- a. *John is easy (for Bill) to be outsmarted by.
- b. *Sam is tough (for us) to be misunderstood by.

2.2. Movimento de sintagma-wh

As TCs são analisadas como estruturas derivadas de movimento-wh por Chomsky (1977). Assumindo que o sintagma *for us* pertence à cláusula matriz (cf. (10)), Chomsky propõe que na estrutura subjacente a essas sentenças (que ele chama de *easy-to-please*) há uma oração encaixada infinitiva como complemento do adjetivo *easy* que apresenta um PRO na posição de sujeito. A explicação apresentada por Chomsky para a co-interpretação entre o objeto da oração encaixada e o sujeito da matriz dessas sentenças prevê o movimento de um elemento-wh, que parte da posição de objeto do verbo encaixado para o SpecCP da completiva, onde é obrigatoriamente apagado, e a geração do DP *John* na posição de sujeito da matriz. Deste ponto, o DP ligaria a cabeça dessa cadeia na posição de especificador do CP (SpecCP) da oração encaixada através de uma regra de predicação.⁹

⁹ Conforme apontado por Lasnik & Uriagereka (1988), essa análise apresenta problemas relacionados à violação da Condição C uma vez que, com o movimento do sintagma-wh nulo, cria-se um vestígio desse sintagma na posição pós-verbal que terá como referente um constituinte em posição-A (SpecTP da matriz). Assim, assumindo-se que o vestígio de um operador é uma instância de expressão-R, essa categoria vazia não poderia ser ligada a um elemento em posição-A (SpecTP da matriz) sob pena de violar Condição C. Chomsky (1982) revê sua análise para as TCs, propondo que o adjetivo *tough* e a oração completiva formam um predicado complexo. A relação existente entre o sujeito da matriz e a categoria vazia pós-verbal passa a ser considerada como de antecedente e anáfora, porém sem pressupor movimento-A do DP *John* para SpecTP, mas postulando que, especialmente nesses casos, o DP é inserido diretamente nesta posição na Estrutura Superficial. A correferência entre a lacuna pós-verbal e o DP *John* se daria através de co-indexação livre (p.312) e o DP receberia papel- θ nesse contexto. No entanto, conforme assinalam Lasnik & Uriagereka (op. cit.), essa proposta encontra problemas uma vez que a posição em que o DP *John* se encontra na sentença em (i) não é restrita a constituintes “simples” como *John*, mas pode conter estruturas complexas que envolvem, inclusive, outras relações temáticas, como (ii).

- (i) John is easy to please.
- (ii) The claim that John saw Mary is hard to understand.

(10) John_i is easy (for us) [_{CP} wh_i [PRO to please t_i]]

Uma evidência trazida pelo autor de que as TCs são estruturas de movimento vem da agramaticalidade de (11), em que o movimento do sintagma-wh é bloqueado por haver fronteira de ilha de DP complexo no seu trajeto derivacional até SpecCP.

(11) *John_i is easy [_{CP} wh_i [PRO to describe to Bill [_{DP} a plan to assassinate t_i]]¹⁰.

Aceitando haver similaridades entre sentenças como aquela em (10) e sentenças como essa em (12), Chomsky acrescenta que uma segunda evidência de que as TCs envolvem movimento-wh está no fato de o sintagma-wh no SpecCP da encaixada poder ser lexicalmente preenchido, como é ilustrado (13).

(12) John is an easy person to please.

(13)

- a. This is an easy violin on which to play sonatas.
- b. This is a pleasant room in which to work.

Observem-se mais detalhadamente as sentenças acima. Considero que (12) apresenta uma estrutura diferente daquela em (13). Uma primeira explicação plausível para a diferença entre essas estruturas estaria na identificação da estrutura temática do verbo da encaixada e do tipo do constituinte movido. Note-se que em (12) há um verbo que subcategoriza apenas um argumento interno não precedido de preposição *please* e o elemento que teria se movido é esse argumento interno não preposicionado *John*.

Em (13a), o que se vê é um verbo que seleciona um argumento interno *sonatas*. O DP preposicionado *violin* seria um adjunto. No entanto, o constituinte

¹⁰ Exemplo adaptado de Chomsky (1977), pp 102,104, respectivamente.

que, quando movido, permite a realização do sintagma-wh é o adjunto. Em (13b), o verbo não subcategoriza um argumento interno. O sintagma preposicional em SpecCP da encaixada funciona como um adjunto e, uma vez movido, também exibe o sintagma-wh em SpecCP da encaixada.

Basearei a minha argumentação no principal postulado da Teoria do Caso (Chomsky, 1986a; Chomsky & Lasnik, 1995): “every phonetically realized NP must be assigned (abstract) Case”. Isso significa que uma categoria nominal precisa ter seu traço de Caso checado para ser visível na sintaxe. Em termos minimalistas, esta operação de checagem seria condição imprescindível para convergência da computação nas interfaces.

Note-se, então, que uma diferença entre o movimento de DP para uma posição argumental e o movimento-wh é que, no primeiro tipo, o elemento movido não tem Caso checado, enquanto, no segundo, o constituinte teve seu Caso checado. Nessa distinção deve residir a explicação para a possibilidade de realização fonética do sintagma movido para a posição intermediária (SpecCP) nas sentenças em (13): o elemento em (13) teria se movido após ter tido seu Caso checado (a presença da preposição – *on/in* – antecedendo o DP seria uma evidência) e deixado uma cópia do sintagma-wh na posição pós-verbal. Um outro indício de que o preenchimento do SpecCP apenas acontece se o DP-complemento tiver tido seu Caso checado antes do movimento é o contraste entre a gramaticalidade de sentenças como (13a) e a agramaticalidade de sentenças como (14).

(14) * This is an easy sonata which to play on this violin.

Nessa última, o DP movido não é precedido de preposição e deveria ter seu Caso checado contra os traços do verbo (ou do *vP*, em, termos minimalistas) para que houvesse a realização fônica do sintagma-wh na posição intermediária. Assim, se a presença do elemento-wh no SpecCP da encaixada torna a sentença em (14) agramatical, uma explicação possível, e que é compatível com a hipótese

de que a formação das TCs I envolve os passos derivacionais que resultam na construção média, pode ser baseada no fato de que a posição de onde o constituinte teria se movido (posição pós-verbal) não estaria no domínio de um núcleo com traços não-interpretáveis compatíveis para a checagem do Caso desse DP. Essa explicação encontra apoio no trabalho de Law (2000), que analisa a assimetria que se observa no comportamento dos sintagmas-wh do tipo DP e PP nas orações relativas infinitivas do inglês (15a-b) e a ausência desse tipo de assimetria nas orações infinitivas que funcionam como complemento verbal (15c-d). Esse autor ainda mostra que nas TCs a presença de um operador foneticamente realizado não é permitida (15e-f).

(15)

- a. * The man who(m) to talk about.
- b. The man about whom to talk.
- c. John wondered who(m) to talk about.
- d. John wondered about whom to talk.
- e. John is easy (*who(m)) to talk to.
- f. *John is easy to who(m) to talk to.

Law justifica a má-formação de (15a) à violação do Princípio da Preservação da Estrutura (Emonds, 1976), que bloqueia movimentos como (16a) abaixo, em que o DP se interpõe entre o verbo auxiliar e o verbo temático, violando a estrutura do IP, mas permite a adjunção do PP em (16b).

(16)

- a. *They had, all the diplomats, put in the other room.
- b. They had, in the other room, put all the diplomats.

Assim, o autor defende que enquanto a oração complemento infinitiva representa um CP que possui um núcleo abstrato [+wh] com uma posição de especificador

que hospedaria o sintagma-wh, independentemente do fato de ele ser um DP ou PP; a oração relativa infinitiva representa um VP e, por esse motivo, admite a adjunção de um PP, mas não de um DP. No caso das TCs, essas construções são ainda mais restritivas no que concerne à relativização do argumento interno do verbo encaixado do que aquelas em (15a-b). Atribuo essa restrição ao fato de o Sistema VP das TCs I, conforme irei mostrar nos capítulos seguintes, não dispor do núcleo funcional relacionado à checagem de Caso acusativo, o que inviabiliza a formação de uma estrutura com termo relativizado.

Desse modo, a assimetria entre (13a) e (14) pode ser explicada considerando-se que a oração infinitiva em (13a) representa um CP, que possui um Sistema VP com traços formais completos para checagem do traço de Caso do constituinte relativizado como (15c-d), enquanto a oração infinitiva em (14) representa um VP, sendo ainda mais defectivo do que o VP de (15a-b) no que diz respeito à capacidade de checar o traço de Caso do argumento interno do verbo.

2.3. *Tough constructions* e estruturas de alçamento

Uma análise para as TCs que estabelece mais diretamente a relação temática entre o verbo encaixado e o sujeito da matriz é a fundamentada na operação de alçamento sintático do argumento interno do verbo da oração encaixada. Bayer (1990), com base no fato de essas sentenças demonstrarem propriedades semânticas muito próximas das estruturas de alçamento típicas, como a ilustrada em (17a), defende que as TCs são reais construções de alçamento.

(17)

- a. John_i is likely t_i to win the race.
- b. John_i is tough to convince t_i.

O argumento é que, assim como o sujeito da matriz das construções de alçamento, o sujeito da oração matriz das TCs não estabelece nenhuma relação

selecional com o núcleo do predicado da matriz, mas sim é indubitavelmente reconhecido como o elemento que checa um dos papéis temáticos com o núcleo do predicado encaixado, neste caso específico, o papel reservado ao argumento interno do verbo.

Na literatura que trata da ocorrência de alçamento de DP nas línguas naturais (cf. Chomsky, 1986a, 1988, 1995; Lasnik & Uriagereka, 1988; Martin, 1996, entre outros), é posto que construções de alçamento são derivadas por movimento do DP- sujeito de uma posição temática para uma posição onde seu Caso possa ser checado. Essa posição seria o SpecTP (ou SpecAgroP / SpecvP no caso de construções com atribuição excepcional de Caso -ECM) da oração matriz já que o SpecTP da encaixada é infinitivo e possui um conjunto incompleto de traços- ϕ , insuficiente para checar o Caso nominativo do DP). Porém, quando se trata das construções com *tough-movement*, o movimento do DP deveria ser banido uma vez que o DP-objeto estaria partindo de uma posição onde já teria tido o Caso acusativo checado.

Na tentativa de resolver esse problema relativo à checagem de Caso, Bayer propõe que, nessas duas construções, o Caso do DP alçado, assim como nas construções em (18), depende unicamente da posição deste constituinte na estrutura de superfície.

(18)

- a. He seems to be nice.
- b. I believe him to be nice.

Segundo o autor, devem ser desconsideradas configurações de checagem de Caso estabelecidas durante a composição da sentença:

In each of these cases, an argument has been liberated from the VP complement via FC [Function Composition]: in the first case [17a], a subject, in the second [17b], a direct object. We might ask, what case does the infinitival VP assign to its

Raised argument? There is no reason to assume that the answer to this question differs between these two examples; furthermore, it is doubtful that the question is relevant, since in most accounts of Raising the case of the Raised argument is determined by the surface grammatical relation.

Tough movement, of course, behaves the same way. The surface case of the moved argument depends solely on its surface position. (Bayer, 1990:37).

Com esta proposta, assumindo que o autor está considerando como transitivo o núcleo do predicado encaixado, na formação das *tough-constructions*, o verbo encaixado seria mandado para os níveis de interface com traços não-interpretáveis. Isto geraria sempre o colapso da derivação uma vez que a computação de uma expressão lingüística (EXP) só será convergente nos níveis de interface se forem enviados para esses níveis apenas as informações relevantes para cada um deles (traços interpretáveis) e se essas informações estiverem acomodadas de forma que os sistemas a eles relacionados possam utilizá-las.

Fosse essa a explicação para as TCs, uma sentença como (19) seria bem formada. O DP *he*, gerado na posição de sujeito do verbo *win*, seria liberado da oração encaixada e o seu Caso determinado pela relação gramatical que se vê estabelecida na sintaxe visível. No entanto, (19) é agramatical.

(19) *He is tough to win the game.

Além disso, nas línguas naturais são encontrados dados empíricos que contestam essa análise. Por exemplo, no russo, um objeto com Caso nominativo marcado através de checagem junto a T não aparece na posição de SpecTP; é um DP com traço de dativo que se move e checa o traço EPP de T (20)¹¹.

¹¹ Exemplos de Soschen (2005:6).

(20)

a. Petr-u byla vyšita t rubašk-a.
Petr-DAT was embroidered shirt -NOM
'Peter was embroidered a shirt.'

b. ?Rubašk-a byla vyšita Petr-u t.
shirt-NOM was embroidered Petr-DAT
'Peter was embroidered a shirt.'

Certamente, uma análise que explique a relação temática entre o sujeito da matriz e o verbo da encaixada sem violar condições impostas pela GU é preferível a esta sugerida por Bayer.

Nessa mesma linha de análise, Hornstein (2001) apresenta uma abordagem de descrição dessas construções também baseada na hipótese de alçamento do constituinte da posição de argumento interno do verbo da completiva. Neste trabalho cujo objetivo é mostrar que as estruturas de controle obrigatório e as estruturas de alçamento derivam do mesmo recurso sintático, Hornstein observa que os requerimentos para distribuição e interpretação de PRO controlado podem ser explicados com base em operações de movimento e propõe que (i) controle é derivado de movimento; (ii) papel temático é traço que precisa ser checado, podendo motivar o movimento de um DP já com um papel temático para uma outra posição temática e (iii) não há limite máximo sobre o número de papéis temáticos que um DP pode ter.

Hornstein estende para as TCs sua análise para a interpretação de PRO. Segundo o autor, sua proposta tem a virtude de explicar todos os fatos analisados a partir da postulação de um operador-wh nulo, porém sem fazer uso deste tipo de recurso nem de nenhuma regra de predicação. A relação temática entre o objeto da oração encaixada e o sujeito da oração matriz seria conseguida através do movimento do DP-objeto da posição pós-verbal motivado pelo traço temático do adjetivo núcleo da oração matriz.

Mais detalhadamente, de acordo com a sua proposta, o DP que, na sintaxe visível, funciona como sujeito da matriz se move inicialmente em direção ao especificador do CP da encaixada (que, para Hornstein, se configura como um adjunto) e, num passo seguinte, este elemento é submetido a um movimento lateral (cf. Nunes, 1995, 2001) partindo do CP encaixado para funcionar como argumento interno do adjetivo-*tough*, núcleo lexical da oração matriz. Esta série de movimentos acaba por dotar o DP com dois papéis temáticos: o primeiro, em decorrência da relação com o verbo da oração adjunta e o segundo, pela conexão com o adjetivo *tough*¹².

Assim, é apresentada uma derivação para as TCs em que, tomando a sentença em (1) como exemplo, o DP *John* seria gerado na posição de argumento interno do verbo *please* e alçado até a posição de sujeito da oração matriz (21).

(21)

- a. K = [_{IP} *pro* to please John]
- b. K = [_{CP} John [_{IP} *pro* to please John]]
- c. L = [_{AP} *tough*] K = [_{CP} John [_{IP} *pro* to please John]]
- d. L = [_{AP} John *tough*] K = [_{CP} John [_{IP} *pro* to please John]]
- e. L = [_{IP} is [_{AP} John *tough*]] K = [_{CP} John [_{IP} *pro* to please John]]
- f. L = [_{IP} John is [_{AP} John *tough*]] K = [_{CP} John [_{IP} *pro* to please John]]
- g. M = [[_{IP} John is [_{AP} John *tough*]] [_{CP} John [_{IP} *pro* to please John]]]

A derivação em (21) é iniciada com a formação do IP da completiva (21a). Já tendo a posição de argumento interno preenchida pelo DP *John*, o verbo *please* apresenta como argumento externo uma categoria vazia pronominal *pro*¹³. Em

¹² Hornstein (2001:110) assume que essa classe de adjetivos – *tough*, *hard* (difícil) e *easy* (fácil) – seleciona um argumento interno ao qual atribui papel temático. Esse argumento, acrescenta o autor, pode assumir formas diferentes, entre elas, a forma de DP e de oração.

¹³ A estipulação da natureza dessa categoria está vinculada à hipótese central do autor de que a categoria vazia na posição de sujeito de verbos não finitos seria, nas estruturas de controle

seguida, o DP *John* é “promovido” para SpecCP motivado por traços-wh (21b). Em (21c), o adjetivo *tough* é selecionado da Numeração e inicia uma segunda estrutura. Tendo um papel temático a atribuir, o adjetivo atrai o DP *John*, que se move lateralmente para receber o papel temático do adjetivo (21d). Em (21e), a cópula é selecionada e concatenada à estrutura que contém o adjetivo e projeta o IP da matriz. O DP *John* se move para o SpecIP da matriz e checa traços não-interpretáveis (21f). Finalmente, em (21g), a oração infinitiva se adjunge ao IP.

Com esta análise Hornstein realmente atinge o seu objetivo de explicar os mesmos fatos descritos na análise que prevê o movimento de um sintagma-wh nulo da posição de objeto do verbo para o SpecCP do adjunto.

Vê-se ainda que essa explicação elimina o problema da análise de Chomsky (cf. nota 3) relacionados à violação da Condição C ao propor que o DP se move de uma posição temática até outra. Desta forma, a categoria vazia deixada na posição pós-verbal será uma cópia apagada do DP em SpecTP.

Segundo Hornstein, sua análise ainda vai mais longe: ela consegue explicar a agramaticalidade de sentenças como (22a). A representação sintática proposta está em (22b).

(22)

- a. *Which sonatas this violin is easy to play on
- b. [_{CP} which sonatas [_{IP} [_{IP} this violin is [_{AP} this violin easy]] [_{CP} WH-this violin [_{IP} pro to [play which sonatas on WH-this violin]]]]]]

Para Hornstein, a violação da sentença em (22a) é de um grau bem mais forte do que se vê nos casos de violação de ilha-wh. Nessa sentença *Which sonatas* cruza duas barreiras ao ser movido do adjunto para o CP da matriz. Primeiro, o CP encaixado é uma barreira uma vez que não é θ -marcado devido ao seu status de adjunto e, além disso, como ele está preenchido pelo sintagma WH-

obrigatório, uma cópia apagada de um DP que teria se movido para posições mais altas na sintaxe, enquanto nas estruturas de controle não-obrigatório seria um elemento pronominal nulo.

this violin, o que impede que *which sonatas* passe por essa posição, torna-se barreira por herança do IP adjunto. Segundo, o IP da matriz torna-se barreira por herança através do CP adjunto.

A explicação sintática dada para relação temática entre o verbo encaixado e o sujeito da matriz, que aproxima as TCs das construções de alçamento típicas, parece ser um caminho vantajoso para a teoria lidar com as estruturas que envolvem *tough movement*. No entanto, esse tipo de análise para a sintaxe das TCs baseada em alçamento do argumento interno é questionada por Hicks (2003), que aponta a incompatibilidade do valor do Caso checado junto ao DP sujeito sintático das TCs (objeto lógico do verbo com Caso checado como nominativo) como uma das desvantagens apresentadas nessa forma de abordagem das TCs. Segundo o autor (p.39, n.3), essa proposta apenas seria plausível se o *v* fosse considerado defectivo e incapaz de checar Caso acusativo, o que, para ele, seria muito difícil de motivar de qualquer forma que não fosse complementemente *ad hoc*.

Especificamente sobre a proposta de Hornstein, Hicks, assumindo que o predicado *tough* não possui papel temático externo, faz a ressalva de que essa análise falha ao deixar de motivar o movimento do DP do SpecCP encaixado para o SpecTP da matriz, já que todos os traços não-interpretáveis do DP foram checados com o primeiro movimento¹⁴. Segundo sua observação, estando o DP indisponível para o sistema computacional, o T não poderia contar com esse sintagma como um alvo associado para a checagem de seus traços- ϕ não-interpretáveis.

Unindo sob uma mesma proposta pressupostos da análise de TCs com base no movimento-wh de um operador nulo e da análise baseada em alçamento de DP, Hicks defende que as TCs são derivadas a partir da inserção de um operador nulo complexo na posição de objeto do verbo da oração encaixada. Seguindo Chomsky (1977), ele assume que a presença desse operador seria um requerimento necessário para se explicarem as propriedades sintáticas resultantes

¹⁴ Vale ressaltar que, de acordo com a proposta de Hornstein, o movimento do DP a partir do SpecCP encaixado é motivado pelos traços temáticos do adjetivo da oração matriz.

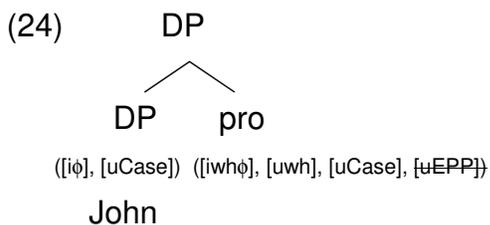
de movimento A-barra que se observam nessas sentenças. A inserção do operador como argumento interno do verbo teria o objetivo de satisfazer a estrutura argumental deste, funcionando como uma espécie de *pro*. Esse operador nulo seria dotado de traços- ϕ -wh interpretáveis [i], responsáveis pela checagem dos traços- ϕ não-interpretáveis [u] de *v*; traços-wh não-interpretáveis, que serviriam de gatilho para o movimento para SpecCP e também traço de Caso e EPP não-interpretáveis.

Adotando a teoria de derivação por fases (Chomsky, 1998), ele propõe que uma sentença como (23a) é iniciada com uma fase (a mais encaixada) como a apresentada em (23b), em que o operador nulo *pro* e o sujeito da matriz *John* co-existem.

(23)

- a. $John_i$ is easy to please t_i
 b. $N = \{PRO, v, please, John, pro\}$

De acordo com a proposta de Hicks, a derivação da sentença começa com a seleção do núcleo do predicado encaixado – o verbo *please* – que requer a concatenação de um constituinte na posição de argumento interno, e o *pro* é selecionado. O DP *John* entra neste ponto da derivação, na posição de especificador do *pro*, para fins de checagem do traço EPP não-interpretável dessa categoria vazia. Forma-se, então o operador nulo complexo (24).



Conforme Hicks, os traços do núcleo do DP, ou seja, do operador nulo *pro*, são projetados para o DP como um todo formando uma projeção como (25).

DP sujeito do predicado *tough*, se move para uma posição A-barra (SpecCP) e que apenas o DP lexical se move, independentemente, para uma posição argumental (SpecTP) num momento posterior da derivação. Desta forma não haveria movimento do DP de uma posição A-barra para uma posição argumental.

No entanto, embora pareça funcionar com as construções *tough*, essa análise acaba por gerar sentenças como (28).

(28)

a. * John_i seems that Mary likes t_i

b. [_{TP} John [_T seems [_{CP} [_{DP}_k (_{John} pro)]] [_{C'} [_C that [_{TP} Mary likes DP_k (_{John} pro)]]]]]]]]]

Assumindo-se a existência desse operador complexo, essa estrutura seria derivada da conexão de um operador complexo do tipo [_{DP} John [_D pro]] na posição de argumento interno do verbo da encaixada e, respondendo a requerimentos sintáticos de checagem de traços, *John* se moveria pela estrutura até checar o traço de Caso como sujeito sintático da matriz (cf. estrutura em (28b)), posição que não teria papel-θ da mesma forma como ele prevê para as TCs. Portanto, a proposta de Hicks para TCs prevê incorretamente que uma sentença como (28a) deveria ser gramatical.

Assim, reconhece-se que a proposta de Hicks para explicar a sintaxe das TCs tem o valor de apresentar uma análise em que o DP que se encontra na posição de sujeito sintático da matriz se move até a posição de especificador do TP da matriz sem violar Movimento Impróprio e, como será discutido com mais detalhe em seção posterior desta tese (5.4.1), de explicar a relação sintática que se verifica entre o (opcional) sintagma *for*-DP e o predicado *tough*. No entanto, uma análise baseada em operador complexo acaba por propor uma derivação que permitiria a geração de uma construção agramatical como (28a).

2.4. Conclusão

Em resumo, as propostas apresentadas para explicar a relação temática entre o sujeito da matriz e o núcleo verbal do predicado encaixado das TCs têm a vantagem de capturar muitas das especificidades dessas construções. No entanto, essas análises deixam de explicar algumas diferenças que se observam entre os dois tipos de TCs como, por exemplo, a impossibilidade (29a) *versus* necessidade (29b) de preenchimento da posição de objeto das TCs.

(29)

- a. *John is easy to convince him/Bill
- b. John is easy to convince Bill that he should meet.

Além disso, a análise apresentada por Bayer, que assume que em construções de alçamento o Caso do argumento movido depende unicamente da posição que este constituinte aparece na sentença, e a estrutura sintática proposta por Hicks, que gera um operador complexo na posição de argumento interno do verbo encaixado, prevêem gramaticalidade para estruturas como (30).

(30)

- a. * John_i seems that Mary likes t_i
- b. * John_i seems t_i is intelligent

Certamente, o motivo desses desencontros está no fato de essas análises não se voltarem para a natureza do predicado encaixado dessas sentenças. Conforme anunciado no capítulo I, este trabalho tentará explicar as TCs justamente a partir de uma análise mais detida do predicado mais baixo. Acredito que, uma vez estabelecidas suas principais propriedades sintáticas e semânticas, as chances de se propor uma análise mais econômica para as TCs em questão poderão ser maiores.

Como foi dito, está sendo proposto neste trabalho que as sentenças genericamente chamadas de construções com *tough movement* ou construções *easy-to-please* são, na verdade, de tipos diferentes. Para as TCs do tipo I (31a), argumentarei a favor de uma análise baseada no movimento argumental do objeto direto para a posição de especificador do T da matriz. Mostrarei que a oração infinitiva dessas sentenças é um VP, conforme propõem Lasnik e Fiengo (1974). Para explicar a estrutura do sintagma adjetival que seleciona o VP, adotarei a análise de Hicks (2003), que prevê que o adjetivo seja subcategorizado por um núcleo funcional *aP* de modo similar à relação sintática que acontece entre o verbo lexical e o verbo leve *v* (cf. Chomsky, 1995). No entanto, para explicar a sintaxe das TCs do tipo II (31b), assumirei a proposta de Hornstein (2001) no que concerne ao trajeto derivacional do objeto lógico do verbo encaixado.

(31)

- a. John is easy to please.
- b. John is easy to convince Bill that he should meet.

CAPÍTULO III: Construções médias no inglês

Uma vez que a proposta a ser desenvolvida neste trabalho defende que na formação da oração encaixada de construções com *tough movement* do tipo TC I estão envolvidos os mesmos passos derivacionais requeridos para a formação de sentenças médias sem marcador medial, neste capítulo serão expostas as características desse tipo de construção do inglês.

3.1. Caracterizando as construções médias

São exemplos de construções médias (doravante MCs, do inglês *middle constructions*) do inglês as sentenças em (1) abaixo, extraídas de Keyser & Roeper (1984).

(1)

- a. The baggage transfers efficiently.
- b. Bureaucrats bribe easily.

Nesta seção serão apresentados os principais aspectos sintáticos e semânticos que identificam as MCs: transitividade do verbo, disposição não canônica dos argumentos verbais, tipo de checagem de Caso, aspecto do tempo verbal e modificação do sintagma verbal.

3.1.1. A sintaxe das construções médias

A característica sintática básica das MCs é admitir no seu núcleo apenas verbos transitivos de dois argumentos. Essa restrição quanto à transitividade do verbo explica o contraste entre as sentenças em (2) com verbos transitivos e as sentenças em (3) e (4) com verbos inergativos e bitransitivos, respectivamente¹⁵.

¹⁵ Exemplos (3) e (4) de Roberts (1987: 191)

(2)

- a. The wall paints easily.
- b. This car drives nicely.

(3)

- a. *It runs easily.
- b. *It dances nicely.

(4)

- a. *Orphans give presents easily at Christmas.
- b. *Libraries send books best in boxes.

Também como uma particularidade dessas construções, Roberts aponta que as MCs são formadas a partir de verbos de consecução¹⁶ (*accomplishments*)¹⁷ – que apontam para a realização total e completa do evento – que se tornam estativos e perdem a capacidade de checar o papel- θ agente junto ao DP argumento externo.

Além disso, a exigência de que o verbo transitivo subcategorize um argumento interno que exiba o papel- θ *tema* (*tema* aqui entendido como objeto que é afetado pela ação ou processo expresso pelo verbo) exclui a possibilidade de serem derivadas MCs com verbos ECM (Exceptional Case-Marking Verbs) (5), com verbos de percepção que selecionam mini-orações como complemento (6), com verbos copulativos que apresentam uma mini-orção como complemento (7) e com expressões idiomáticas (8) (cf. Roberts, 1987:190).

¹⁶ *Verbos de consecução* é a tradução apresentada por Rodrigues (1998) para *accomplishment verbs* e que será adotada neste trabalho.

¹⁷ Roberts fundamenta-se na classificação semântica dos verbos do inglês proposta por Vendler (1967) e Dowty (1979) que divide os verbos em quatro sub-grupos: estativos (*statives* – *believe, exist* etc.), de consecução (*accomplishments* – *build, cook, kil* etc.) de atividade (*activities* – *cry, smile, seek* etc.) e de realização instantânea (*achievements* – *notice, recognize, acquire* etc.). Entre os quatro tipos de verbo, segundo análise de Roberts, somente os de consecução requerem um DP agente na posição de argumento externo e, ao mesmo tempo, subcategoriza um DP tema como argumento interno

(5)

- a. * John believes to be a fool easily.
- b. * The theorem proves to be true easily.

(6) *John sees singing easily.

(7) *These problems consider easy at MIT.

(8) *Advantages take of John easily.

Um outro aspecto sintático que identifica as MCs é o fato de essas sentenças apresentarem seu DP-argumento interno na posição sintática de sujeito. Comparem-se os exemplos em (9) e (10). A agramaticalidade de (10) evidencia a exigência de que o DP-argumento externo ocupe a posição pré-verbal.

(9)

- a. This car drives nicely.
- b. These chickens kill easily .

(10)

- a. * __ Drives this car nicely.
- b. * __ Kill these chicken easily.
- c. * There bribe bureaucrats easily.

O exemplo em (10c), de Keyser & Roeper (1984:403), revela que a exigência de que o DP argumento interno apareça na posição sintática de sujeito não se deve apenas à necessidade de satisfação do traço EPP de T, mas também à necessidade de checagem do traço de Caso do próprio DP. Fosse o traço EPP de T o único gatilho para o movimento do DP, a derivação de uma estrutura como (10c), em cuja numeração o expletivo *there* estivesse presente,

seria gramatical¹⁸. Dessa forma, o que se conclui é que a presença do DP argumento interno do verbo na posição de sujeito sintático se deve à exigência de satisfação do traço EPP de T e de saturação do traço de Caso de T e do próprio DP.

Note-se que, estando na posição de sujeito, esse DP argumento interno apresenta-se com Caso nominativo, como se pode perceber através de (11).

(11)

- a. Bureaucrats bribe easily.
- b. They bribe easily.
- c. * Them bribe easily.

Veja-se que, em (11), o DP *bureaucrats* pode ser substituído por uma proforma nominativa (11b), mas a substituição por um pronome acusativo é excluída (11c).

¹⁸ Veja-se que a agramaticalidade de uma estrutura como (10c) não se explica se for assumida a proposta apresentada por Chomsky (1995) para a sintaxe das sentenças existenciais com expletivo *there* (cf. (i)) uma vez que, de acordo com Chomsky, nesse tipo de sentença, o expletivo *there* é um afixo em LF que apenas checa o traço EPP de T, não possuindo traços- ϕ necessários para a checagem e eliminação dos traços- ϕ e de Caso desse núcleo e a checagem desses traços não-interpretáveis de T se dá a partir da relação de checagem entre este e o DP associado *the man*, que se adjunge ao expletivo em LF. Nesta operação o traço de Caso do DP é checado como nominativo. Nesse contexto, (10c) deveria ser bem-formada.

(i) There is a man in the room.

Uma análise para a estrutura de sentenças como (i) que explicaria a agramaticalidade de (10c) é trazida por Lasnik (1995). Assumindo, conforme Belletti (1988), que em sentenças como (i) o DP associado tem seu traço de Caso checado como partitivo (Caso inerente) pelo verbo, independentemente do expletivo, Lasnik propõe que nas sentenças existenciais o expletivo *there* tem seu traço de Caso checado como nominativo pelo T. Dessa forma, (10c) seria mal-formada porque tendo as CMs um sistema verbal defectivo no que concerne à sua capacidade de checar o traço de Caso, o argumento interno *bureaucrats* não teria seu traço de Caso checado.

3.1.2. Aspectos semânticos das construções médias

Um dos principais aspectos semânticos das MCs é que essas construções expressam uma propriedade do sujeito-tema. Assim, a leitura que se faz de uma sentença como (12) é que é uma propriedade deste tipo de livro ser traduzido facilmente.

(12) This sort of book translates easily.

Nessas sentenças, embora o agente da ação ou do processo expresso pelo verbo transitivo seja previsto, o argumento externo não aparece na superfície nem é identificado; este argumento tem interpretação arbitrária. Desta forma, pelo exemplo em (12), entende-se que é fácil para qualquer pessoa traduzir este tipo de livro.

Uma segunda característica semântica dessas estruturas diz respeito à exigência de modificação do sintagma verbal. Essa modificação é geralmente feita através de um advérbio do tipo *easily*¹⁹ (Keyser & Roeper, 1984 e Roberts, 1987).

(13)

- a. Bureaucrats bribe easily.
- b. *Bureaucrats bribe.
- c. Chickens kill easily
- d. *Chickens kill.

No entanto, são também licenciadas outras formas de modificação. Roberts (1987: 195) acrescenta que podem ser usados recursos como a negação (14), a inserção de verbos modais (15) e o acento de foco sobre o núcleo verbal (16).

¹⁹ *Easily* participa do grupo de advérbios da Classe IV (junto com advérbios como *badly*, *quickly*, *slowly*), conforme divisão proposta por Jackendoff (1972). Este tipo advérbio modifica o predicado, estabelecendo uma relação direta com o verbo e pode ocupar a posição pré-verbal ou a posição final absoluta.

(14)

- a. *This bread cuts.
- b. This bread doesn't cut.

(15) The floor might wax.

(16)

- a. *Bureaucrats bribe.
- b. Bureaucrats BRIBE.

Uma outra particularidade semântica das MCs do inglês é o sentido genérico que tais sentenças expressam. Os verbos transitivos envolvidos em tais estruturas apresentam o mesmo comportamento de verbos estativos – *to know* (saber/conhecer), *to contain* (conter), *to exist* (existir) etc.) – e, sendo assim, por meio de MCs, não são descritos eventos ocorridos num tempo pontual, específico (cf. Keyser & Roeper, 1984 e Roberts, 1987).

Tal característica reflete-se na impossibilidade de MCs do inglês indicarem modo imperativo (17), apresentarem tempo progressivo (18) ou funcionarem como complemento de verbos de percepção (19).

(17)

- a. *Know the answer, John!
- b. *Bribe easily, bureaucrats!
- c. *Kill, chicken!

(18)

- a. *John is knowing the answer.
- b. *Bureaucrats are bribing.
- c. *Chicken are killing .

(19)

- a. *Mary saw John know the answer.
- b. *I saw bureaucrats bribe easily.
- c. *I saw chicken kill quickly.

Ainda relacionadas ao caráter estativo das MCs, Roberts (1987:197) observa três outras restrições semânticas dessas cláusulas: assim como as sentenças com verbos estativos, as MCs não podem funcionar como complemento de verbos de controle de objeto (20), nem podem ser pseudo-clivadas (21).

(20)

- a. *Mary forced John to know the answer.
- b. *John forced the bureaucrats to bribe easily.

(21)

- a. *What John did was to know the answer.
- b. *What the chicken did was to kill easily.

Uma propriedade que também torna as MCs derivadas de verbos transitivos sentenças bastante particulares é a ausência de uma posição para o argumento externo do verbo. Tal característica explica a incompatibilidade das MCs com advérbios voltados para o *agente* (22). Devido a esta especificidade temática, as MCs com verbos transitivos também não são compatíveis com adjunção de oração infinitiva de finalidade (23) e de mini-orção (24), uma vez que a posição vazia de argumento externo do predicado desses tipos de oração (*___ to keep themselves happy / ___ naked*) necessita de um antecedente na sentença matriz para ser interpretada.

(22) ?? Bureaucrats bribe easily voluntarily.

(23) ?? Bureaucrats bribe easily to keep themselves happy.²⁰

(24) * The floor waxes more easily naked.²¹

Conforme Keyser & Roeper observam, existem estruturas com verbos ergativos que se assemelham às MCs com verbos transitivos. Exemplos dessas estruturas estão em (25) abaixo.

(25)

- a. The door opens easily.
- b. Those vases break easily.

Entretanto, os próprios autores ressaltam que tais sentenças não possuem a mesma estrutura subjacente às MCs com verbos transitivos. A leitura média que se percebe nessas construções é, certamente, induzida pela presença do advérbio *easily*. O fato de tais estruturas não exigirem a presença de advérbios modificando o sintagma verbal constitui uma evidência de que essa semelhança é apenas superficial.

(26)

- a. The door opens.
- b. Those vases break.

Além disso, essas construções com verbos ergativos, diferentemente das MCs com verbos transitivos, referem-se a eventos. Essa propriedade pode ser comprovada a partir do licenciamento das sentenças abaixo, que indicam que verbos ergativos ocorrem em orações no modo imperativo (27), em construções no tempo progressivo (28) e em orações complemento de verbos de percepção (29).

²⁰ Exemplos (22) e (23) retirados de Roberts (1987:202).

²¹ Exemplo extraído (e adaptado) de Cinque (1988: 563).

(27)

- a. Sink, boat!
- b. Close, door!

(28)

- a. The boat is sinking.
- b. The door is closing.

(29)

- a. I saw the boat sink.
- b. I saw the shop open.

Desta forma, ficam estabelecidas as propriedades das MCs. São apontadas as diferenças entre as reais MCs, derivadas de verbos transitivos e as MCs aparentes, que são formadas a partir de verbos ergativos e que, com a inserção de um modificador do tipo *easily* (facilmente), se confundem com as estruturas médias.

3.2. Análises sintáticas das construções médias

As características das MCs descritas acima estão intimamente relacionadas a dois aspectos interligados do predicado verbal: a incapacidade de atribuir papel- θ ao seu argumento externo e falta de traços formais que o habilite a checar o traço de Caso do argumento interno. Entre as análises estruturais sugeridas para explicar o fato de essas construções apresentarem o objeto lógico em posição pré-verbal, é consensual a proposta de que a ordem de palavras dessas construções é resultado da aplicação, na sintaxe, da regra mova- α (Keyser & Roeper, 1984; Roberts, 1987; Hale & Keyser, 1993).^{22,23}

²² Uma exceção é o trabalho de Massan (1992). Para a autora, a posição de objeto dessas sentenças é preenchida por uma categoria vazia marcado com Caso e o NP lexical é gerado em uma posição não temática.

3.2.1. Construções médias e detransitivização

Para Keyser & Roeper (1984) (K&R) e Roberts (1987), as MCs são geradas por uma regra sintática de mova- α , que absorve o Caso acusativo do verbo e detematiza a posição do sujeito²⁴.

Desta forma, K&R assinalam que as MCs poderiam, no que diz respeito às duas propriedades do predicado verbal apontadas na seção acima, ser comparadas às construções passivas (31), cujas propriedades se explicam a partir de (30), segundo Chomsky (1981:124).

²³ No que diz respeito ao ponto de aplicação dessa regra, uma análise divergente é apresentada por Fagan (1988), que defende que a regra mova- α acontece no plano lexical.

²⁴ Roberts (1987:187), inicialmente, baseia-se nas regras de Externalização de Williams (1981 apud Roberts, 1987) e propõe que tais propriedades sejam resultado da aplicação de uma regra lexical de externalização de temas – E(th) – que evitaria que o papel- θ *agente* fosse checado junto ao argumento externo do predicado e alçaria o argumento interno para a posição que seria destinada ao argumento externo. Deste modo, E(th) explicaria a propriedade das CMs de projetarem uma posição de sujeito não-temática. Roberts ainda especula que, com a aplicação de E(th), o papel- θ *agente* presente no verbo não seria eliminado, mas passaria a ser um papel- θ *chômeur*, devido à atuação de tal regra, que tem o poder de impedir que um papel- θ se realize estruturalmente. Assim, o papel- θ externo apenas deixaria de ser checado junto a um DP uma vez que, após a externalização do tema, a checagem de um segundo papel- θ com um único DP violaria o Critério Temático. Quanto às passivas, o autor propõe haver uma posição temática para o argumento externo. Conforme Roberts, a evidência mais clara da presença de um agente nas sentenças passivas é a possibilidade de se projetar o sintagma *by-DP*. Neste sintagma, o DP exibe o mesmo papel- θ do sujeito lógico da sentença ativa correspondente, como se pode ver em (i).

- (i) a. Mary (agente) kissed John.
- b. Bill was kissed by Mary (agente).
- c. Bill (meta) received the letter.
- d. The letter was received by Bill (meta).
- e. John (origem) sent the package.
- f. The package was sent by John (origem).

Exemplos (i-b), (i-d) e (i-f) retirados de Roberts (1987:27)

Um outro indício da projeção, em sentenças passivas, de um argumento que carrega um papel- θ externo é a possibilidade da adjunção de advérbios como *deliberately* e da adjunção de uma oração infinitiva de finalidade. Os dois tipos de adjunção requerem a presença de um argumento *agente*.

- (ii) a. The book was sold *deliberately*.
- b. The book was sold *to make money*.

(30)

- a. NP/S is not a θ -position in passives.
- b. NP/VP is not assigned Case in passives, for some choice of NP in VP.

Conforme (30), nas passivas, o verbo não checa Caso acusativo junto ao DP-objeto na configuração VP/DP nem é checado o papel- θ do DP-sujeito na configuração DP/IP.

(31)

- a. John was arrested.
- b. All the books were sold.

(32)

- a. This wall paints easily.
- b. Bureaucrats bribe easily.

O que se depreende dessa análise é que da mesma forma como acontece nas orações passivas, o DP-objeto das MCs é gerado em uma posição sem Caso e se move para a posição de sujeito da sentença, mas mantém o papel- θ tema.

Conforme K&R, o movimento do objeto lógico para uma posição mais alta na sintaxe seria motivado pelo Filtro do Caso: uma vez que a posição pós-verbal é desprovida de Caso, o DP-objeto deve se mover para uma posição onde possa checar o seu traço de Caso. Como a posição de sujeito não é preenchida por nenhum DP devido à incapacidade de VP de atribuir papel- θ a um argumento externo nessas construções, o DP-objeto vai para essa posição e checa o Caso nominativo junto ao núcleo de IP.

Para K&R (p.406), as MCs do inglês podem ser comparadas às passivas sintéticas do italiano. Os autores observam que a diferença entre essas duas estruturas é que as MCs da língua românica projetam o clítico *si*; no entanto, mostram que essas sentenças se assemelham com as MCs do inglês ao

possuírem caráter genérico e ao proibirem projeção de um *agente* através do sintagma preposicionado (*by-DP*). Os exemplos trazidos por K&R estão em (33), retirados de Chomsky (1981: 271).

(33)

a. Le mele si mangiano.

b. Si mangiano le mele.

'The apples *si* eat'

Nessas construções, completam os autores, o DP pode aparecer em posição pré-verbal (33a) ou pós-verbal (33b); mas, em ambas as posições, esse DP é interpretado como objeto lógico do verbo.

K&R recorrem à análise de Chomsky ao entenderem o clítico *si* como o constituinte que absorve o Caso acusativo do verbo e carrega o papel- θ agente, que seria atribuído ao sujeito lógico. É neste sentido que esses autores propõem uma análise para as MCs do inglês, de acordo com a qual, um clítico abstrato da mesma natureza do *si* italiano é projetado.

Antes, porém, de se discutir a viabilidade de tal análise, veja-se que os exemplos trazidos pelos autores deixam dúvidas de sua natureza média. Excetuando-se o fato de as sentenças poderem apresentar o seu objeto lógico em posição pré-verbal e com Caso nominativo, não são mostrados outros indícios de que se trata, realmente, de MCs italianas, já que, nesta língua românica, as sentenças passivas impessoais (passivas sintéticas) também dispõem de tais características sintáticas.

Na verdade, é possível que K&R tenham selecionado uma sentença passiva impessoal como exemplo de construção média uma vez que, como os próprios autores verificam (p.407), existe uma assimetria entre o comportamento dessas sentenças em (33) e o das MCs do inglês quando se trata de controle sintático: enquanto as primeiras permitem que um agente implícito seja o controlador de uma categoria vazia numa oração infinitiva de finalidade adjungida à oração

matriz (como ilustra o exemplo em (34), retirado de Cinque, 1988:563), as segundas não admitem esse tipo de controle (35).

(34) Quell'uomo político si può corrompere (facilmente) per dimostrare la própria influenza.

‘ That politician *si* can bribe (easily) to show one's influence.’

(35) *The buildings burned to collect insurance.

Vê-se que essas sentenças se distanciam em um ponto crucial para a derivação de ambas: a interpretação do argumento externo do predicado verbal. O fato de as passivas impessoais do italiano se comportarem de forma diferente das MCs do inglês no que concerne ao controle sintático pode ser justificado através da observação de que enquanto nas primeiras é projetada uma posição para o *agente* na grade temática do predicado, nas MCs, a posição para esse *agente* não é projetada.

Outras características dessas construções, relacionadas à projeção de um agente na estrutura argumental do seu predicado, colocam-nas em um grupo diferente das sentenças médias do inglês. Conforme mostra Cinque (op.cit), as passivas impessoais são compatíveis com advérbios voltados para o *agente* (36a) e podem controlar a posição de sujeito de uma mini-orção adjunta (36b).

(36)

a. Questi appartamenti si vendono volutamente occupati.

‘ These apartments *si* sell deliberately occupied.’

b. Il museo Del campo si può visitare fácilmente anche nudi.

‘ The camping museum *si* can visit even naked.’

Ao serem comparados esses dados em (34) e (36) com as sentenças expostas (22), (23) e (24) – repetidas em (37), (38) e (39) –, nota-se que não se pode atribuir uma mesma estrutura para as construções passivas impessoais do italiano e as MCs do inglês.

(37) ?? Bureaucrats bribe easily voluntarily.

(38) ?? Bureaucrats bribe easily to keep themselves happy.

(39) *The floor waxes more easily naked.

Conforme Cinque ressalta, nem mesmo as construções com morfema *si* médio do italiano evidenciam uma derivação semelhante à das MCs inglesas. Essas sentenças, apesar de apresentarem as mesmas características gerais das MCs do inglês, apontadas por K&R – exigem modificação do sintagma verbal (40), possuem tempo genérico (41), não admitem advérbios voltados para o *agente* (42) e não licenciam controle da posição vazia de sujeito de uma oração adjunta infinitiva de finalidade (43a) ou de uma mini-oração (43b) – permitem certos usos que as distanciam das MCs do inglês. Por exemplo, as MCs do italiano são admitidas com verbos que selecionam argumentos internos que não são afetados pela ação ou processo expresso pelo verbo (44) e com verbos de percepção que selecionam mini-orações como complemento (45).

(40) Questo muro há il vantaggio di dipingersi *(molto facilmente).

‘ This wall has the advantage of *si* painting very easily.

(41) *?Il sindaco há il vantaggio di essersi già corrotto ieri.

‘ The mayor has the advantage of already *si* being bribed yesterday.’

(42) *Il libro ha il pregio di venderli volutamente.

‘ The book has the merit of *si* selling voluntarily.

(43)

a. *Il burocrati hanno la proprietà di corrompersi facilmente per dimostrare la propria influenza.

‘Bureaucrats have the property of *si* bribing easily to show one’s influence.’

b. *Questa cravatta ha il vantaggio di potersi indossare facilmente nudi.

‘This tie has the advantage of *si* being able to wear easily naked.’

(44) a. La luce gialla ha il vantaggio di vedersi bene anche nella nebbia più fitta.

‘Yellow lights have the advantage of *si* seeing even in the thickest fog.’

(45) b. ? Certe persone hanno la proprietà di non vedersi [t mai litigare tra loro].

‘Certain persons have the property of *si* never seeing [t quarrel among each other].’

Então, se as MCs do inglês possuem um *si* abstrato com as mesmas propriedades do *si* foneticamente realizado do italiano, não se explica o fato de suas MCs serem submetidas a mais restrições do que as MCs do italiano. Para Cinque, essa diferença entre as sentenças médias do italiano e as do inglês existe em decorrência de as derivações dessas cláusulas serem de naturezas distintas: enquanto a construção das MCs do italiano resulta de um processo sintático, com a inserção do morfema *si* no seu uso “apassivador puro”, as MCs do inglês são formadas por uma operação lexical.²⁵

²⁵ Rodrigues (1998) mostra que as construções médias do português brasileiro (PB) também apresentam as características gerais das CMs do inglês, a saber: (i) o objeto semântico ocupa a posição de sujeito sintático; (ii) requerem um advérbio do tipo *facilmente/difícilmente*; (iii) não expressam eventos acontecidos em determinado momento do tempo; (iv) expressam uma propriedade do sujeito-tema. A autora classifica os verbos do PB utilizados em estruturas médias em três grupos, conforme a presença ou ausência do marcador medial *se* (pp. 94-96): no primeiro – Classe I – estariam os verbos que não aparecem acompanhados do marcador medial nas construções médias (i); a Classe II seria constituída por verbos que formam estruturas em que o uso do marcador medial é opcional (ii); na Classe III, seriam encontrados os verbos que exigem a presença do marcador medial (iii).

Assim, a proposta de K&R tem a vantagem de categorizar as MCs como construções originadas de verbos que, na sua grade lexical conceptual, exigem um DP agente na posição de argumento externo e um DP tema na posição de argumento interno, entendendo-se tema como um argumento que tem alguma propriedade modificada pelo processo expresso pelo verbo e de conseguir capturar a relação temática entre a posição vazia pós-verbal e o constituinte no especificador de TP.

-
- (i) Feijão roxinho (*se) cozinha facilmente.
 - (ii) Essa porta (se) fecha facilmente.
 - (iii) Esse tipo de ponte *(se) constrói facilmente.

No entanto, observe-se que verbos do tipo III podem formar CMs perfeitas sem o marcador medial se um advérbio do tipo *facilmente/difícilmente* estiver presente. Com esta constituição, sentenças com esse tipo de verbo apresentam as mesmas propriedades semânticas e sintáticas das CMs do inglês: (a) não projetam a posição de argumento externo (b) apresentam o objeto lógico na posição sintática de sujeito, expressando uma propriedade desse sujeito-tema (iv); (c) exigem modificação (v); (d) não expressam um evento ocorrido num tempo específico e, por isso, mostram-se incompatíveis com o pretérito com interpretação pontual (vi) e com o presente progressivo (vii).

- (iv) Questões objetivas corrigem facilmente.
- (v) *Questões objetivas corrigem.
- (vi) *Ontem à noite, questões objetivas corrigiram facilmente.
- (vii) * Neste momento, questões objetivas estão corrigindo facilmente.

Além disso, verbos do tipo III formam estruturas sem marcador medial que exibem outras propriedades que os indicam como núcleos predicadores apropriados para as construções médias consideradas neste trabalho. Nesse tipo de formação sintática, orações com estes verbos comportam-se como predicados estativos e, assim, não funcionam como complemento de verbos de percepção (viii) e de controle de objeto (ix); não podem ser pseudo-clivadas (x) e não são compatíveis com o modo imperativo (xi).

- (viii) *Eu vi políticos pobres e ambiciosos corromperem facilmente.
- (ix) *Eu forcei políticos pobres e ambiciosos a corromperem facilmente.
- (x) *O que os políticos pobres e ambiciosos fizeram foi corromperem facilmente.
- (xi) * Corrompam facilmente, políticos ambiciosos!

Assim, é possível concluir que o PB tende a formar construções médias sem o marcador medial *se*. Tal fato indica que o clítico não seria um elemento indispensável na derivação de sentenças médias, não sendo, portanto, o responsável pela interpretação arbitrária do sujeito ou a referência de tempo genérica do predicado.

Vistos desse modo, os dados apresentados parecem indicar que a formação média do PB atual está mais próxima da formação média do inglês, que não faz uso de marcador medial, e cada vez mais distante da formação média das outras línguas românicas – como o italiano, por exemplo – que projetam o morfema *si / se* médio.

Entretanto, essa proposta é enfraquecida quando se defende para essas sentenças uma análise sintática baseada na estrutura de sentenças médias italianas, uma vez que as MCs dessa língua apresentam propriedades diferentes das MCs do inglês. Conforme mostra Cinque (1988), o clítico *si* das MCs do italiano absorve o traço de Caso nominativo e retém o papel- θ externo do verbo, mas não “apaga” o argumento externo. Além disso, os autores não explicam uma das características principais das MCs que é o aspecto estativo.

3.2.2. Construções médias no modelo minimalista

Como foi mencionado na introdução deste trabalho, o Programa Minimalista Chomsky (1995), apresenta uma proposta de estruturação sintática, de acordo com a qual, na estrutura frasal das línguas naturais é projetado, entre o TP e o VP, o sintagma funcional *vP* (verbo leve). Este sintagma seria a categoria que teria em seu núcleo o traço categorial do verbo – daí o movimento do verbo para esta posição – e seria o núcleo responsável pela atribuição do papel- θ externo e pela checagem do traço de Caso do argumento externo de construções transitivas.

Observe-se que este núcleo funcional relaciona-se com dois momentos derivacionais de sentenças médias. Assim, é de se esperar que a ausência do sintagma *vP* resulte em sentenças com verbos transitivos em que o papel- θ externo não é atribuído e o traço de Caso do argumento interno não é checado.

Essas sentenças, como as ilustradas em (46), seriam agramaticais uma vez que o argumento interno sem o traço de Caso checado violaria a Condição de Visibilidade. Entretanto, a falta de um concorrente para ocupar o especificador de T liberaria o DP argumento interno para se mover para essa posição e, então, checar o seu traço de Caso, resultando em sentenças bem-formadas (47).

(46)

- a. *Paints this wall easily .
- b. * Cook these potatoes easily .
- c. * Builds this kind of bridge easily.

(47)

- a. This wall paints easily.
- b. These potatoes cook easily.
- c. This kind of bridge builds easily.

Exemplos empíricos que servem para se confirmar a relação entre a projeção de *vP* e a formação de MCs são trazidos por Den Dikken & Sybesma (1998). Em um estudo cujo objetivo é trazer mais um argumento a favor da derivação de orações transitivas com base na projeção do verbo leve, esses autores mostram que, nas construções com verbos seriais de línguas como o fongbè e o mandarim, essa projeção funcional é preenchida por um constituinte com matriz fonética – *só*, no fongbè e *ba*, no mandarim – diferentemente do que acontece em línguas que não apresentam verbos seriais, como o inglês.

As construções com verbos seriais analisadas por Den Dikken & Sybesma são estruturas em que V(erbo)¹ é um elemento verbal cujo significado é *take* (pegar) e o DP que o segue é interpretado como objeto do V₂, que, por sua vez, se segue a esse DP e lhe atribui o papel- θ tema. Embora sejam formadas por dois núcleos verbais, essas sentenças expressam um único evento. Os exemplos em (48) ilustram essas estruturas.

(48)

- a. Kòkú só kòfú ó gbà (Fongbè)
Koku take glass the break
'Koku broke the glass'

- b. wo ba Zhang San gan-zou-le (Mandarim)
I take Zhang San chase-away-PRF
'I chased Zhang San away'

A partir de dados do fongbè, os autores mostram que o verbo mais baixo (V2) é intransitivo ergativo e não admite a projeção de um sujeito agente (ou um ator) e que existe uma incompatibilidade entre o verbo-*take* e verbos lexicais que projetam, obrigatoriamente, um *agente*. Este fato é ilustrado em (49), dados do fongbè. Na sentença em (49a), a combinação do verbo-*take* com um verbo lexical que requer um *agente* resulta em uma interpretação de múltiplos eventos e não em uma interpretação de evento único, como deve acontecer com as construções seriais. Observe-se que, em (49a)²⁶, o DP *Kòkú* checa o papel- θ agente com ambos os núcleos verbais, já que o verbo *kpó* (olhar) requer um *agente*. Segundo os autores, a má-formação de (49b), em que o tema *hwè* é externalizado, comprova essa condição do verbo *kpó* (olhar).

(49)

- a. *Kòkú só cíci kpó xò*
Koku take glasses look-at house
'Koku takes glasses and looks at the house.'
'Koku looked at the house with glasses.'
- b. **hwè kpó Kòkú*
house look-at Koku

No que concerne ao mandarim, esses autores também observam que, por ser o verbo mais baixo intransitivo ergativo, nas construções em que o elemento verbal *ba* não está presente, não é projetada a posição de argumento externo (50).

²⁶ Exemplo de Lefebvre (1991:63).

(50)

- a. Zhang San gan-zou-le
Zhang San chase-away-PRF
'Zhang San got chased away'
- b. tudou shao-hu-le
potatoes cook-burnt-PRF
'the potatoes got burnt'

Os autores ressaltam que, nas sentenças em (50), os DPs em posição inicial estão realmente em posição de sujeito sintático e não de tópico. O VP mais baixo, embora pareça transitivo, difere de *ba* por não possuir papel temático externo *agente* a ser checado, mas apenas o interno – *tema* ou *objeto afetado* –, que é checado na posição pós-verbal.

A ordem superficial seria resultado do movimento do DP para o especificador de uma projeção funcional aspectual, que estaria entre o *vP* e o VP: nas sentenças com verbo leve, o DP-tema ficaria entre os dois núcleos verbais e, na ausência do verbo leve, ficaria em posição de sujeito inicial.

Pelo fato de a ausência desses elementos verbais coincidir com a ausência do argumento externo em construções em que V2 apresenta caráter ergativo, Den Dikken & Sybesma associam a projeção de *só* e *ba* funcional à operação de checagem de papel temático externo. Assumindo, de acordo com Chomsky (1995), que o Sistema *vP* é o responsável pela checagem do papel- θ externo nas línguas naturais, os autores concluem que *só* e *ba* são evidências da presença do verbo leve.

Comparando os dados do fongbè e do mandarim com os de línguas não-seriais como o inglês, Den Dikken & Sybesma observam que a ausência da projeção de *vP*, que forçaria a concatenação direta do VP ao TP, resulta na formação de um predicado em que não há atribuição de papel- θ externo nem o Caso acusativo é checado junto ao DP-argumento interno do verbo. Nesta

situação, para que a derivação venha a convergir, o DP tem que se mover para o especificador de T para que o seu traço de Caso seja checado e eliminado. O Caso que o T checa junto ao DP é o nominativo.

Utilizando o exemplo desses autores, se o predicado em questão é um verbo como *read*, a construção com a projeção *vP* seria como (51a) e a derivação sem essa projeção geraria uma construção média como (51b).

(51)

a. [_{TP} John_i [T [_{vP} t_i [_V reads]_j [_{vP} this abstract [_{vP} t_j easily]]]]]]]

b. [_{TP} this abstract_i [T [_{vP} reads t_i easily]]]

Com base nesses fatos, Dikken & Sybesma concluem que a construção média resulta da ausência da projeção *vP* tanto nas línguas seriais (que apresentam constituinte com matriz fonética como núcleo deste sintagma) quanto nas línguas não-seriais (em que esse núcleo se apresenta vazio).

A proposta de análise para as MCs defendida por Dikken & Sybesma será adotada neste trabalho. Assumirei que a formação de MCs envolve verbos transitivos que subcategorizam um argumento interno, ao qual é atribuído o papel- θ *tema* e que a sua sintaxe é resultante de um complexo verbal defectivo.

Todavia, adaptarei essa idéia aos pressupostos da DM, mais especificamente, assumindo uma análise segundo a qual (i) as propriedades semânticas e sintáticas de uma determinada sentença são traduzidas pela morfologia; morfemas são constituintes independentes que ocupam nódulos terminais da estrutura de acordo com processos sintáticos; (iii) os morfemas podem ser de natureza lexical ou funcional; e (iv) os morfemas lexicais são subespecificados e adquirem sua categoria a partir da conexão com um morfema funcional.

Dessa forma, não será o significado de um dado verbo que determinará a estrutura sintática da sentença da qual ele participa, mas sim toda a estrutura funcional da qual ele faz parte.

3.2.3. Formação média e Morfologia Distribuída

Com o desenvolvimento de idéia do *VP shell* (Larson, 1988; Chomsky, 1995), que propõe que o VP não seja composto de apenas um núcleo, mas de duas camadas (V, que abrigaria o verbo lexical, e verbo leve *v*, relacionado à projeção do argumento externo e à checagem de Caso acusativo), trabalhos pautados nos pressupostos da DM têm se ocupado de analisar a estrutura interna do sintagma verbal.

Conforme foi mencionado no capítulo introdutório, a DM prevê que os constituintes que formam uma sentença entram na estrutura morfossintática como morfemas (lexicais e funcionais) subespecificados e, com as relações de checagem de traços que se estabelecem entre os morfemas, são tardiamente especificados. Assim, somente na estrutura morfofonológica é que serão acrescidos do material fonológico.

Dentro deste quadro teórico, Kratzer (1993, 1996) irá propor que os diferentes tipos da categoria *VOZ* que uma sentença pode apresentar são relacionados a diferentes morfemas funcionais Voice. Também nesta perspectiva, Harley (2006:4) propõe que o morfema funcional que cria categorias gramaticais poderá ser um nominalizador n^0 , um adjetivizador a^0 ou um verbalizador v^0 . Partindo desse pressuposto, Harley observa que existem diversos morfemas que podem ocupar a posição de verbalizador no inglês, a saber, os sufixos *-ify*, *-en*, *-ize*, *-ate*. Segundo a autora, esses elementos podem se combinar com o radical para formar verbos com leitura causativa. Exemplos desses verbos estão listados em (52).

(52)

- a. justify, simplify
- b. deafen, sadden
- c. categorize, digitize
- d. calculate, regulate

Assumindo que v^0 seja o núcleo responsável pela projeção do argumento externo e pela checagem do Caso acusativo, Harley considera que a interpretação causativa desses verbos é compatível com a função que o v^0 exerce. No entanto, a autora observa, o uso desses morfemas não se restringe a verbos com leitura causativa. São comuns verbos formados por esses afixos com leitura incoativa/causativa (53a), inacusativa (53b) e inergativa (53c).

(53)

- a. activate, petrify, darken, stabilize
- b. gravitate, putrefy, naturalize
- c. hesitate, testify, harmonize

Com base nesses fatos a autora defende que existem diversos tipos – *flavors* (sabores) – de verbo leve. Esses diferentes tipos de v seriam responsáveis pelas diferentes nuances semânticas do evento verbal. Entre os diversos verbos leves, são postulados um v^0_{BE} – estativo – e um v^0_{DO} – agentivo –, que denotaria atividade²⁷ (cf. também Harley 1995, 2005; Folli & Harley, 2004).

Folli & Harley (2004) apresentam evidência de que o verbo leve pode ser de tipos diferentes. Analisando o comportamento de verbos como *eat* (comer) e comparando-o com o comportamento de verbos como *destroy* (destruir), as autoras argumentam que a alternância no que concerne à seleção do sujeito com o traço [-animado] pode ser atribuída às propriedades do verbo leve que subcategoria o verbo raiz e propõem que a restrição vista em (54) e (55) abaixo pode ser capturada se for assumido que as estruturas dessas sentenças projetam dois tipos diferentes de verbos leves causativos/agentivos: o v_{DO} e v_{CAUSE} . O

²⁷ A especificação de conjunto de traços que compõem os diferentes tipos de verbo leve apresentada por Harley (2006) é a seguinte:

- a. v_{CAUSE} : [+dinâmico], [+mudança de estado], [+causa]
- b. v_{BECOME} : [+dinâmico], [+mudança de estado], [-causa]
- c. v_{DO} : [+dinâmico], [-mudança de estado], [-causa]
- d. v_{BE} : [-dinâmico], [-mudança de estado], [-causa]

primeiro requereria um sujeito agente com traço [+ animado] (54), enquanto o segundo necessitaria apenas que o sujeito fosse uma possível causa (55).

(54)

- a. *The sea ate the beach
- b. The groom ate the wedding cake.

(55)

- a. The sea destroyed the beach
- b. The groom destroyed the wedding cake

Uma segunda evidência é mostrada por Harley (2006). Ocupada em analisar a estrutura interna de vPs e sua contraparte nominalizada, como (56) abaixo, Harley observa que, apesar da presença do sufixo verbalizador *-ize*, realização morfológica do v^0 , não são licenciadas a projeção da posição para o argumento externo nem a checagem do Caso acusativo na estrutura nominalizada, o que se verifica pela presença da preposição *of* em (56b)

(56)

- a. Linguists often [nominalize verbs]
- b. [The] nominalization of verbs

Em uma proposta como esta, em que qualquer estrutura, independentemente de seu aspecto estativo ou agentivo, projeta um verbo leve, presume-se que não se está assumindo que é o v^0 o núcleo associado com checagem de Caso acusativo e com a projeção do papel- θ externo²⁸. Essa é justamente a conclusão de Harley (2006:20), que afirma:

²⁸ Uma outra evidência de que checagem de Caso acusativo e projeção de argumento externo são operações relacionadas a categorias diferentes vem do trabalho de Moulton (2004), que mostra que algumas nominalizações do inglês evidenciam que a incapacidade da estrutura de checar

The inevitable conclusion, then, is that the verbalizer v° is not the external-argument-introducing head. Further, the verbalizer v° does not select for the Case-checking head—rather, the external-argument introducing head does. The Agent head and the Case head must occur outside the verbalizing v° head, and hence be excludeable from nominalizations. The Agent+Case-head complex, then, takes the verbalizing v° head as its complement—in other words, the complement of VoiceP really is vP (VP!), not an acategorial root. The v° is really the lower V head in the split-VP structure; its complement is the SC or event-or-entity-denoting thing which determines the extent of the event via a homomorphism, in the terms of Harley 2005 and Folli and Harley 2006.

Nesta proposta, o v° é específico para “transformar” em verbo o vocábulo por ele subcategorizado.

Para explicar como a estrutura sintática projeta o argumento externo, Harley adota a proposta de Kratzer (1993, 1996), para quem, como mencionado anteriormente, essa posição está relacionada a um sintagma de VOZ – VoiceP. De acordo com essa proposta, esse sintagma pode ser a projeção de dois núcleos abstratos: um que seleciona um argumento externo (que Harley supõe que seja um morfema abstrato CAUSA ou AGENTE) e outro que não o seleciona. A presença de um ou do outro tipo de VoiceP elucidaria a presença/ausência do argumento externo nos pares inacusativa/transitiva e ativa/passiva. A posição específica para checagem de Caso acusativo seria o especificador de um sintagma FP.

Caso do argumento interno não está necessariamente relacionada à ausência da projeção do argumento externo. Segundo esse autor, nominalizações de gerúndio como (i-b) apresentam um argumento externo embora o argumento interno não seja marcado com o Caso acusativo checado pelo sistema verbal. Dessa forma, ele conclui que, nessas sentenças, o vP é projetado, mas tem caráter defectivo, o que o licencia a projetar uma posição para o argumento externo, mas não licencia a checar o Caso acusativo do argumento interno.

- (i) a. Michael running the marathon.
b. The running of the marathon (by Michael).

A estrutura sintática verbal resultante é a apresentada em (57) abaixo, em que VoiceP deve selecionar FP.²⁹

(57) [VoiceP DP_(agente) Voice [FP DP_(acus) F [VP v [VP √ [DP]]]]]

Harley prevê, então, que a distinção ativa/passiva é explicada pelo tipo de núcleo contido em VoiceP. De acordo com sua análise, a estrutura ativa projetaria um tipo de Voice que selecionaria um argumento externo enquanto a estrutura passiva projetaria um tipo de Voice que não selecionaria um argumento externo.

Note-se, no entanto, que a alternância entre os tipos de Voice que uma estrutura pode possuir parece excluir as MCs da tipologia de sentenças no que tange à possibilidade de se projetar um argumento externo. Como foi discutido ao longo desse capítulo, MCs e passivas são diferentes no que diz respeito à interpretação do agente responsável pela ação expressa pelo verbo. Numa MC, não se identifica um causador. Na sentença passiva, embora o traço de Caso

²⁹ A evidência mostrada pela autora de que, na estrutura sintática, VoiceP deve preceder FP vem de construções com movimento de partícula verbal do inglês como essa em (ia). Para Harley, essas construções têm uma estrutura subjacente como (ii), em que o argumento interno é gerado na posição de complemento do sintagma que têm a partícula como núcleo (PrtP). PrtP é subcategorizado pelo verbo e o VP por F. O argumento externo é gerado em VoiceP e o argumento interno, para ter o seu traço de Caso checado, se move para o SpecFP. O movimento do verbo é para v. Se a partícula também se mover, indo se adjungir ao verbo (iii), a ordem será como (ib). Assim, para que as operações de movimento gerem sentenças gramaticais, Voice terá que estar acima de FP. Segundo essa proposta, construções com alçamento de partícula envolvem movimento curto (interno ao vP) do objeto para uma posição funcional diferente e mais baixa do que a posição para onde o verbo se move.

- (i)
 a. Chris wrote the paper up.
 b. Chris wrote up the paper.

(ii) [VoiceP Chris Voice [VP v write_i [FP the paper_j F write_i [VP [√ write_i [PrtP [Prt up [the paper_j]]]]]]]]]
 (iii) [VoiceP Chris Voice [VP v [write_i up_k] [FP the paper_j F [write_i up_k] [VP [√ [write_i up_k] [PrtP [Prt up_k [the paper_j]]]]]]]]]

acusativo não esteja disponível, o causador pode ser identificado; esse causador pode não estar presente na sintaxe (mas a compatibilidade de orações passivas com advérbios orientados para o agente e com orações infinitivas de finalidade indica a sua presença) ou pode ser expresso por meio de um sintagma preposicionado (*por DP*). Ou seja, sentenças passivas parecem projetar um Voice que seleciona argumento externo.

Isto posto, considerando-se a proposta de Harley sobre a estrutura da sentença, em que argumento externo e checagem de traço de Caso acusativo são relacionados a núcleos diferentes, proponho uma reorganização conforme (58), que separaria sentenças ativas, sentenças passivas e MCs³⁰.

(58)

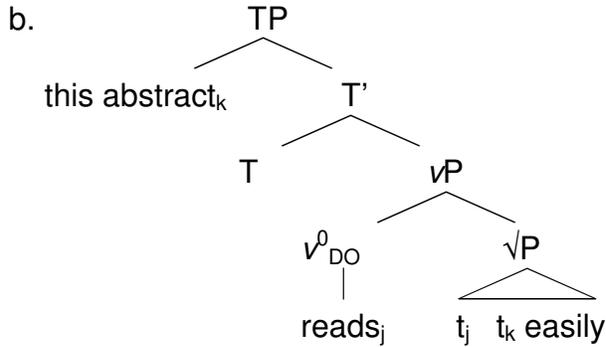
- a. ativas: +VoiceP, +FP
- b. passivas: +VoiceP, - FP
- c. médias: - VoiceP, - FP

Desse modo, em conformidade com Harley, a estrutura sintática aqui proposta para as MCs está em (59). Está sendo proposto um verbo leve do tipo v^0_{CAUSE} ou v^0_{DO} . A propriedade relativa à interpretação arbitrária do agente seria relacionada à ausência do núcleo Voice.

³⁰ Uma vez que está sendo adotada a proposta de Harley (2006), de acordo com a qual VoiceP seleciona FP, a opção [- Voice, + FP] é independentemente excluída.

(59)

a. [TP this abstract_k [T [_{VP} v⁰_{DO} reads_j [_{VP} √t_j t_k easily]]]]]



Uma vez que a MC não possui o sintagma VoiceP, não se projeta um argumento externo agente. Com isso, não se identifica um indivíduo responsável pela ação expressa pelo núcleo verbal. A interpretação do agente torna-se arbitrária e, assim, a leitura que se obtém, por exemplo, de uma sentença como (60a) é a de que pintar a referida parede é tarefa fácil para qualquer pessoa.

(60)

a. This wall paints easily.

b. [TP this wall_k [T [_{VP} v⁰_{DO} paints_j [_{VP} √t_j t_k easily]]]]]

A ausência de FP, que redundava na incapacidade do complexo verbal de checar o traço de Caso do DP argumento interno, por sua vez, força o movimento desse DP para uma posição mais alta da sentença. Aliando-se a ausência de FP à ausência de um agente, o DP é movido para a posição de especificador de T, onde tem o seu traço de Caso checado como nominativo. Desta forma, obtém-se uma leitura de propriedade desse DP, objeto lógico do verbo e sujeito sintático da sentença³¹.

³¹ Note-se, entretanto, que embora a proposta assumida para explicação para as diferenças entre as estruturas sintáticas das sentenças ativas, passivas e CMs esteja pautada na DM, não é negada a generalização proposta por Burzio (1986) que interrelaciona as operações de checagem

Essa análise para as MCs tem a vantagem de explicar a incompatibilidade dessas sentenças com o modo imperativo (61-a) e com o tempo progressivo (61-b) e a impossibilidade de elas funcionarem como complemento de verbos de percepção (61-c) e de verbos de controle de objeto (61-d) e de serem pseudo-clivadas (61-e): uma vez que essas sentenças não projetam a posição de argumento externo, sua formação se torna inaceitável com estruturas que pressupõem ação voluntária ou causalidade que, naturalmente, exigem a projeção de um sujeito agente,³².

(61)

- a. *Kill, chicken!
- b. *Chicken are killing.
- c. *I saw chicken kill quickly.
- d. *John forced the bureaucrats to bribe easily.
- e. *What the chicken did was to kill easily.

(atribuição) de Caso acusativo do argumento interno e de papel- θ do argumento externo. Em sentenças ativas, por conterem FP e VoiceP, são checados Caso acusativo e papel- θ . As sentenças passivas não checam Caso acusativo do argumento interno, por não projetarem FP e, embora possuam um VoiceP, a posição para o argumento externo agente não é projetada na estrutura argumental do verbo, mas é recuperada, em algumas circunstâncias, através do contexto ou do sintagma preposicionado (*por DP*). Finalmente, nas CMs, que não possuem FP nem VoiceP, não é checado Caso acusativo do argumento interno e a posição de papel- θ do argumento externo não é projetada.

³² Pacheco (2008) sugere uma análise para as construções médias do português brasileiro a partir da Morfologia Distribuída. Assumindo, a proposta de Rodrigues (1998), que prevê no PB CMs com e sem marcador medial, ela defende que a derivação de sentenças médias com o clítico medial possui um núcleo Voice [+ag], responsável pela projeção da posição do argumento externo, mas a seleção de um argumento externo é bloqueada pela inserção do clítico. Esse núcleo seria o responsável por licenciar advérbios orientados para o sujeito e sentenças de finalidade. Já para a construção sem o clítico, a autora propõe que, haja também um núcleo de voz Voice [-ag]; entretanto esse núcleo seria defectivo e não projetaria o argumento externo. Segundo Pacheco a presença de Voice [-ag] explicaria o fato de essas sentenças não licenciarem advérbios orientados para o sujeito e sentenças de finalidade. Essa análise se distancia da que está sendo proposta neste trabalho ao prever um núcleo Voice nas CMs sem marcador medial. Entretanto, não parece haver nenhuma consequência empírica nessa diferença, já que nas duas propostas não é licenciada uma posição sintática para o argumento externo agente.

3.3. Conclusão

Neste capítulo, as MCs foram abordadas. Essas sentenças foram caracterizadas como estruturas em que o núcleo que licencia o argumento externo (VoiceP) e o que checa o traço de Caso como acusativo (FP) não são projetados. Dessa forma, o argumento interno não tem o seu traço de Caso checado pelo sistema verbal e, como a posição de argumento externo é vazia, esse DP se move para SpecTP, posição onde tem o seu traço de Caso checado como nominativo (62). Uma vez adotada a análise de Harley (2006), que prevê a existência de diferentes tipos de verbo leve, foi proposto que as MCs projetam um verbo leve do tipo (v^0_{CAUSE} ou v^0_{DO}). Esse aspecto das MCs explica a má-formação de sentenças como (63), que envolvem verbos ECM (63a), e cópulas que selecionam uma mini-orção como complemento (63b) e expressam um evento estativo (v^0_{BE}), incompatível como o tipo de verbo leve (v^0_{CAUSE} ou v^0_{DO}) da formação média.

(62)

- a. Bureaucrats_i bribe e_i easily.
- b. Chickens_i kill e_i quickly.

(63)

- a. *The theorem proves to be true easily.
- b. *These problems consider easy at MIT.

A ausência de VoiceP explica a incompatibilidade de MCs com advérbios votados para o agente (64a). Explica também a má-formação de MCs com adjunção de orções subordinadas de finalidade (64b) e de mini-orções (64c), uma vez que a categoria vazia na posição de sujeito dessas orções, para que seja interpretada, requer um DP-antecedente na orção principal. Assim, se Voice não é projetado, não se tem uma posição para o argumento externo e a categoria vazia na posição de sujeito desses adjuntos não encontra um antecedente.

(64)

- a. ?? Bureaucrats bribe easily voluntarily.
- b. ?? Bureaucrats bribe easily to keep themselves happy.
- c. * The floor waxes more easily naked.

Uma outra característica das MCs é o seu aspecto estativo. Sendo estativas, essas sentenças não são compatíveis com o modo imperativo (65a), com o tempo progressivo (65b), não funcionam como complemento de verbos de percepção (65c) e de controle do objeto (65d) e não podem ser clivadas (65e).

(65)

- a. *Kill, chicken!
- b. *Chicken are killing.
- c. *I saw chicken kill quickly.
- d. *John forced the bureaucrats to bribe easily.
- e. *What the chicken did was to kill easily.

O que defendi foi que as propriedades semânticas dessas construções são derivadas sintaticamente. Assumindo a estrutura sintática proposta por Harley (2006), que sugere que não seria o verbo leve (que seria de diferentes tipos), mas os núcleos Voice e F os constituintes responsáveis pela projeção do argumento externo e pela checagem de Caso acusativo, respectivamente, apresentei uma análise segundo a qual, as MCs são estruturas que selecionam um verbo leve do tipo v^0_{CAUSE} ou v^0_{DO} e em que os núcleos Voice e F não são projetados. Assim, não é projetada uma posição para o argumento externo e o sistema verbal torna-se incapaz de checar o traço de Caso do argumento interno. Nessa configuração, o núcleo T não encontra outro DP apropriado para a checagem de seus traços não-interpretáveis que não o DP argumento interno, que também checa seu traço de Caso nessa operação. Esse DP é movido para o especificador de T e a ordem da MC é obtida.

A ausência de Voice explica a inaceitabilidade de sentenças como (64). Como não é projetado um argumento externo, sentenças como (64b) e (64c) não são bem formadas porque as categorias vazias na posição de sujeito da oração infinitiva e da mini-orção não encontram na oração matriz um antecedente que o identifique.

A agramaticalidade das sentenças em (65) pôde ser explicada pelo caráter estativo das MCs. Uma vez que a ausência da projeção do argumento externo somada ao movimento do objeto lógico para a posição sintática de sujeito resulta numa leitura estativa das MCS, essas sentenças se tornam inviáveis com tempos verbais e estruturas que pressupõem ação voluntária ou causalidade.

Como a hipótese que norteia esse trabalho é que a oração encaixada das TCs é gerada basicamente por meio dos mesmos passos derivacionais que formam as sentenças médias, a expectativa é que essas construções apresentem muitas das propriedades sintáticas e semânticas que caracterizam as MCs. É isso que procurarei mostrar no próximo capítulo.

CAPÍTULO IV: *Tough construction* (I) e a formação média

Neste capítulo, serão comparados os principais aspectos semânticos e sintáticos das MCs com as propriedades que determinam as TCs I numa tentativa de se esclarecerem as semelhanças entre esses dois tipos de sentenças e de se comprovar que as TCs I, no que concerne às propriedades do predicado encaixado, são derivadas das mesmas operações sintáticas que resultam na formação das MCs. Ou seja, o intuito será mostrar que as TCs I não contam na estrutura de sua oração encaixada com as projeções VoiceP e FP.

4.1 Propriedades semânticas das construções *tough* (I)

4.1.1 Interpretação arbitrária do sujeito da oração encaixada

Propriedades semânticas das TCs I trazem argumentos favoráveis para a hipótese de que o seu predicado encaixado apresenta estrutura sintática similar à da MC.

Tomemos como parâmetro as sentenças em (1), uma TC I, e em (2), uma MC.

(1) John_i is easy to bribe e_i.

(2) John bribes easily.

Inicialmente, é possível constatar, pela não identificação de um sujeito agente, que o predicado encaixado das TCs, assim como as MCs, apresenta sujeito lógico de referência arbitrária. A análise de Chomsky (1977) sobre esse aspecto das TCs prevê que, na posição canônica de sujeito – SpecTP – da cláusula encaixada dessas estruturas, é projetado um elemento pronominal sem realização fonética – PRO. Essa categoria vazia seria precedida pela preposição

for – ocupando o núcleo de CP –, que seria apagada diante da marca de infinitivo *to*:

... then according to our present assumptions, the underlying structure must contain an embedded S' as a complement to *easy*, with an obligatory PRO subject, as in the case of the infinitival complements already mentioned. In some similar structures the *for-phrase* appears in both the matrix and embedded sentence. (Chomsky, 1977:103)

Com esta análise, Chomsky pretende aproximar as TCs a sentenças como (3), em que um DP foneticamente realizado ocupa a posição de sujeito de uma cláusula infinitiva e, para que esse DP se torne visível na sintaxe, é necessária a inserção do complementizador preposicional *for*.

(3)

- a. It is a waste of time for us [*for them to teach us Latin*]
- b. John is eager [*for Bill to leave*]

Desta forma, conforme Chomsky, uma sentença semelhante a (1) teria uma estrutura como (4) abaixo, sendo *X = John*, gerado nesta posição e *Y* o vestígio do elemento-*wh* movido para SpecCP e coindexado a *John* através de uma regra de predicação.

(4) X is easy (for us) [_{S'} for PRO to please Y]

Nessa estrutura, o sintagma preposicional *for-DP* pode aparecer tanto na sentença matriz como na encaixada. No entanto, como mencionado acima, o complementizador *for* é obrigatoriamente apagado diante da marca de infinitivo *to*.

No referido trabalho, PRO é considerado um NP sem índice definido (variável), gerado na base. A única diferença entre PRO e vestígio seria apenas em virtude da forma como a indexação se daria: o vestígio seria o resíduo de uma

regra de movimento, enquanto o índice de PRO seria atribuído a partir de uma regra de controle. Todas as outras propriedades seriam compartilhadas entre vestígio e PRO.

No entanto, essa proposta de análise não explica por que a preposição *for*, em posição de complementizador, só é apagada se o NP da encaixada que estiver entre a preposição e a marca de infinitivo *to* for um PRO. Segundo Chomsky:

One general rule for Modern English is that sequences of the form *wh*-phrase + complementizer are not permitted, as they were in early stages of the language.

Thus we will have rules such as (47), (48):

(47) *wh*-phrase becomes null

(48) a. *that* becomes null

b. *for* becomes null

One of the three must apply, by general conditions on recoverability of deletion, which we may assume to exist though they are not understood in detail [...] *for* is deleted immediately following verbs of the *want* category and under certain circumstances before *to*, etc. (Chomsky, 1977, p 86)

Por outro lado, note-se que os verbos presentes no predicado encaixado das TCs I são núcleos que subcategorizam um DP como argumento interno com papel- θ tema que, em construções ativas, tem seu traço de Caso checado como acusativo. Esses verbos ainda combinam com um DP na posição de argumento externo que recebe o papel- θ agente. O que tem sido aqui assumido é que a ausência do sintagma VoiceP resultaria na impossibilidade de se projetar um DP agente – daí a interpretação arbitrária do agente nessas sentenças – e a ausência de FP impediria que o argumento interno tivesse o seu traço de Caso checado. Isto redundaria na necessidade de o DP-argumento interno se mover para uma posição onde possa ter o seu traço de Caso checado e de o núcleo de TP procurar por um DP junto ao qual possa checar seus traços- ϕ e EPP e, na

situação de uma sentença finita, de Caso nominativo. Assim, uma sentença como (1a), repetida em (5), teria uma estrutura como (6).

(5) John is easy to bribe.

(6)

L = [T is {P:?, N:?, EPP} [AP easy[XP to bribe John {P:3; N: SG; CASE?}]]]

M = [TP John_i {P:3; N: SG; CASE:NOM} [T is {P:3; N:SG; EPP} [AP easy[XP to bribe t_i]]]]

Segundo Givón (1990, p. 569), no inglês, a promoção de um argumento não-agente para a posição de sujeito sintático pode ser *default*, em função da supressão do argumento agente, ou sintaticamente motivado, devido ao *status* de sujeito gramatical de um argumento não-agente em sentenças detransitivizadas. Embora as duas alternativas pareçam diretamente relacionadas, elas não estabelecem uma relação biunívoca. Mesmo numa sentença em que a referência do agente é arbitrária, pode não ser promovido nenhum outro argumento para a posição sintática de sujeito, o que resulta numa sentença com leitura impessoal. Nesses casos são usadas formas pronominais de referência indefinida como *they*, *one* ou *you* (7)³³.

(7)

- a. They find his body down-river.
- b. One doesn't chew tobacco in polite company.
- c. You can find cheap lodging there.

A opção de uma estrutura impessoal também está disponível para construções com predicado *tough*. Sentenças como as mostradas em (1) podem ter equivalentes em que o argumento interno do verbo não é promovido para a posição sintática de sujeito (8).

³³ Exemplos de Givón (1990: 570).

(8)

- a. It is easy to convince John.
- b. It is tough to please Peter.

Diferentemente das sentenças em (1), as sentenças com predicado *tough* como as expostas em (8) indicam possuir os sintagmas VoiceP e FP, como mostram os dados em (9)³⁴.

(9)

- a. It is hard to give an example without reprinting the whole correspondence...
- b. It is hard to divide up the Basque hinterland in any manageable way in order to describe it...
- c. This is of particular importance in an industry in which it is hard for new entrants to establish themselves, in view of the high costs of entry into the market.
- d. Many believe it is tough for a black person to make it and that leaves them two choices.

Veja-se que em (9a), uma oração não-finita está em adjunção à oração principal. Essa oração não-finita apresenta uma categoria vazia de natureza anafórica na posição de sujeito. A gramaticalidade dessa sentença revela a projeção do sintagma VoiceP na oração principal, abrigando um elemento pronominal nulo de interpretação arbitrária, que funcionaria com antecedente da categoria vazia. Já a sentença em (9b) admite a adjunção de uma oração infinitiva de finalidade. Como foi visto no capítulo anterior, a possibilidade de adjunção desse tipo de oração é condicionada pela presença de uma posição sintática para o argumento externo na oração principal. Assim, a compatibilidade desse tipo de sentença com predicado *tough* com orações não-finitas dessa natureza parece

³⁴ Exemplos da British National Corpus Online, da Universidade de Oxford.

ser uma evidência de que a oração encaixada da estrutura [it is TOUGH to V DP] projeta VoiceP, uma posição sintática para o argumento externo.

Já em (9c) e (9d), após o verbo *establish/make*, encontram-se uma anáfora reflexiva *themselves* e um pronome *it*, respectivamente, com função de objeto sintático do verbo. Assumindo-se que a anáfora e o pronome possuem traço de Caso, que precisa ser eliminado a partir de uma relação checagem com um núcleo funcional compatível, a posição que esses dois constituintes ocupam indica que o sistema verbal da cláusula é provido do núcleo F, constituinte funcional capaz de entrar em relação de checagem com o DP pós-verbal e eliminar seu traço de Caso não-interpretável.

Sportiche (2006) mostra que, no francês, há uma diferença no uso da partícula que introduz a oração infinitiva da construção com predicado *tough*. Como se vê nos exemplos em (10), usa-se **de** na estrutura impessoal, em que o DP aparece na posição de objeto e um expletivo preenche a posição de sujeito sintático da sentença; mas é a partícula **à** que introduz o complemento infinitivo em que a posição pós-verbal é vazia e o argumento interno funciona como sujeito sintático.

(10)

a. Il est facile **de** résoudre ce problème
it is easy de solve this problem

b. Ce problème est facile **à** résoudre
this problem is easy à solve

Segundo o autor nota, essa alternância também se apresenta nas orações relativas. Se for uma oração relativa em que o argumento interno se apresenta, exhibe-se a partícula **de** (11a); mas se a oração relativa for reduzida de infinitivo, usa-se **à** (11b).

(11)

(a) une manière **de** résoudre ce problème

a way de to solve this problem

(b) um monument **à** photographier

a monument à photograph

Observe-se que tanto na construção com predicado *tough* em (10a) como na relativa em (11a), em que a partícula **de** aparece, a posição de argumento é preenchida por um DP lexical, o que é indício de que essa é uma posição de Caso. Por outro lado, na TC em (10b) e na relativa reduzida (11b), a partícula utilizada é **à**; na posição pós-verbal aparece uma lacuna que é correferente do DP *ce problème* na posição de sujeito da matriz, no caso da TC, e do DP *um monument*, no caso da relativa. Tais fatos levam à conclusão de que a partícula **à** funciona como marca de um complexo verbal defectivo, em que não são licenciados núcleos relativos à checagem de Caso acusativo e a projeção do argumento externo. A estrutura sintática de (10b) e (11b) seria como (12a) e (12b), respectivamente.

(12)

a. Ce problème_i est facile [_{VP} à [_{VP} résoudre t_i]

b. [um monument_i] [_{VP} à [_{VP} photographier t_i]

Com esses dados do francês, parece que é identificada mais uma língua em que a TC com a estrutura [DP_i is tough to V t_i] é resultado de movimento-A do argumento interno do verbo da encaixada para SpecTP da matriz para fins de checagem do traço de Caso estrutural.

Assim, a análise que proponho aqui coloca VoiceP e FP no centro da explicação dessas propriedades das TCs, da mesma forma apresentada para as sentenças médias sem marcador medial.

Como foi mencionado no capítulo III, assumi que nas MCs (assim como em qualquer oração), um tipo de núcleo *v* é projetado, sendo a categoria que funciona como verbalizador, ou seja, o morfema que transforma em verbo o morfema lexical por ele subcategorizado. Acima desse núcleo, nas sentenças ativas acusativas, estariam os sintagmas VoiceP e FP, licenciadores do papel- θ do argumento externo e do Caso acusativo do argumento interno. Foi assumido também que esse *v* pode ser de diversos tipos, o que explicaria as diferentes interpretações para um mesmo verbo. A incapacidade do complexo verbal das MCs de checar o traço de Caso do argumento interno como acusativo e de projetar uma posição para o argumento externo foi, então, associada à ausência dos núcleos F e Voice, respectivamente.

Voltando para os exemplos em (8) – e também em (9) –, a distinção entre os tipos de verbo leve mencionada acima não parece explicar a diferença sintática e semântica entre essas sentenças e as TCs I.

Assim, partindo de uma a estrutura sintática como (13), a interpretação de estruturas com predicado *tough* como (14) seria motivada pela ausência de VoiceP e FP, projeções responsáveis pela geração da posição do papel- θ externo e pela checagem de Caso acusativo do argumento interno, na cláusula mais baixa.

A diferença entre sentenças como (8) – repetidas em (15) – e (14) seria marcada pelo fato de VoiceP e FP estarem presentes em estruturas do tipo [it is tough to V DP], mas não estarem em [DP is tough to V].

(13) [VoiceP DP_(agente) Voice [FP DP_i (acus) F [VP v [_{VP} √ [DP_i]]]]]

(14)

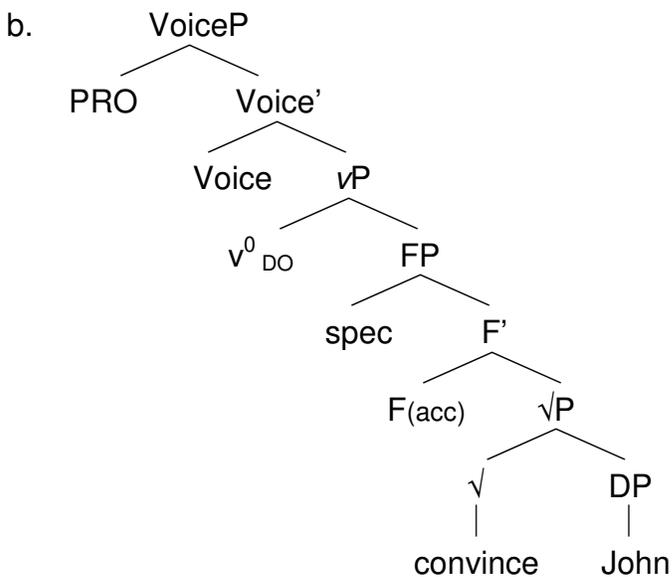
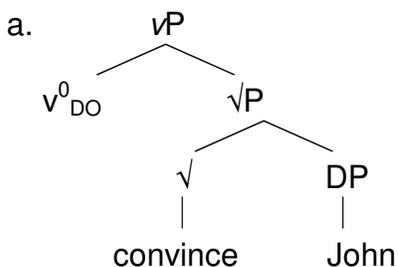
- a. John is easy to convince.
- b. Peter is tough to please.

(15)

- a. It is easy to convince John.
- b. It is tough to please Peter.

As estruturas sintáticas da cláusula encaixada de (14a) e (15a) estão em (16a) e (16b), respectivamente.

(16)



Nessas estruturas, em que os verbos lexicais apresentam interpretações semelhantes, a diferença fica estabelecida por meio dos núcleos funcionais que participam de uma ou de outra estrutura. Enquanto (16a) projeta FP (cujo núcleo entra em relação de checagem com o argumento interno, marcando-o com Caso

acusativo) e VoiceP (que hospeda o argumento externo), a estrutura em (16a) não dispõe dessas projeções, o que inviabiliza a checagem do traço de Caso do argumento interno e a presença de um argumento externo. Nesse contexto, o argumento interno terá que se mover para uma posição mais alta na sintaxe para que tenha o seu traço não-interpretável checado.

4.1.2 Leitura estativa

Como foi discutido na descrição das MCs do inglês, essas sentenças apresentam-se como estativas. O que foi proposto é que o caráter estativo dessas construções é derivado, motivado pela ausência de VoiceP e FP. Sendo estativas, tais sentenças expressam uma propriedade do sujeito tema e não exprimem eventos específicos com localização pontual no tempo. Por exemplo, MCs não são compatíveis com o tempo progressivo. Se a comparação entre as TCs e as MCs se mantém, a expectativa é que não sejam admitidas construções com predicado *tough* como (17). Tal previsão é confirmada pelo julgamento de falantes nativos. Essas sentenças são consideradas, no mínimo, marginais.

(17)

- a. */?Peter is being easy to praise every day.
- b. *That book is being tough to read.

Além da incompatibilidade com o tempo progressivo, o caráter estativo das TCs I pode ser percebido pela impossibilidade de se derivar esse tipo de construção como complemento de verbos de percepção sensorial. Tal restrição, observada por Ackema & Schoorlemmer (2005), se justifica pelo fato de verbos de percepção sensorial (física), como *see* e *witness* em (18)³⁵, subcategorizarem orações completivas que descrevem eventos que relatam ações ou processos protagonizados pelo sujeito da encaixada.

³⁵ Exemplos de Ackema & Schoorlemmer (2005, p. 12).

(18)

- a. *I witnessed these trees being hard to cut down.
- b. ??/*Jane saw these trees being hard to cut down.

Veja-se, entretanto, que se a oração com predicado *tough* aparece como complemento do verbo *see* na acepção de “perceber”, que implica uma atividade cognitiva por parte do sujeito da matriz e pode subcategorizar predicados estativos, a sentença é bem-formada, porém a oração completiva tem que se apresentar na forma finita (19)³⁶.

(19) Mary saw that John is easy to convince.

Assumindo-se que as TCs I são construções estativas derivadas de uma estrutura em que VoiceP e FP não são projetados na oração encaixada, resultando na interpretação arbitrária do agente e no movimento do argumento interno para a posição de sujeito sintático para checagem de Caso, a análise aqui proposta explica a inaceitabilidade da sentença em (18). Uma vez que verbos de percepção sensorial subcategorizam orações que expressam eventos, TCs I, por expressarem estados, não são licenciadas como complementos oracionais para esse tipo de verbo.

4.2. Propriedades sintáticas das construções *tough*

Como foi visto até este ponto, propriedades semânticas de TCs I como (20) abaixo têm favorecido a hipótese defendida neste trabalho de que essas construções, assim como as MCs, são derivadas do movimento-A do argumento interno para SpecTP devido à ausência dos núcleos responsáveis pela projeção do argumento externo e pela checagem do Caso acusativo.

³⁶ Para uma análise detalhada sobre os tipos de verbo de percepção e as formas de complementação oracionais admitidas, cf. Carvalho (2004).

(20) Mary is tough to please *e*.

Nas seções seguintes, serão analisadas algumas propriedades sintáticas dessas construções, numa tentativa de encontrar mais elementos que corroborem os argumentos até então aqui apresentados.

4.2.1. Transitividade

Um dos argumentos que fundamentam a hipótese delineada acima é o fato de os verbos envolvidos nas TCs, assim como nas MCs, serem transitivos. Mais do que isso, esses verbos, em estruturas transitivas, devem selecionar dois argumentos – um interno e outro externo. Comparem-se os exemplos em (21) com os exemplos em (22) e (23).

(21)

- a. John painted this wall.
- b. This wall paints easily.
- c. This wall is easy to paint.

(22)

- a. John arrived many years ago.
- b. *John arrives easily.
- c. *John is tough to arrive.

(23)

- a. John gave presents to the orphans at Christmas.
- b. *Presents give to the orphans at Christmas.
- c. *Presents are easy to give to orphans.

A agramaticalidade de (22c) e (23c) mostra que essas construções não são compatíveis com verbos inacusativos (22) ou bitransitivos (23).

Como tem sido afirmado, as TCs são formadas a partir de estruturas transitivas cujos verbos possuem uma grade estrutural que subcategoriza um argumento interno e outro externo. É na ausência da projeção de FP que o sistema verbal é detransitivizado e o argumento externo do verbo se move livremente para a posição de especificador do T da matriz uma vez que, como VoiceP também não participa dessa estrutura, o argumento externo não é projetado.

Verbos inacusativos como *arrive* são monoargumentais. Não projetam uma posição de argumento externo com papel- θ agente. Selecionam apenas um argumento interno. No que diz respeito à interpretação, esses predicados denotam um estado ou uma mudança de estado (Haegeman, 1991), o que é incompatível com a presença de um agente ou *causador*. Embora o argumento seja gerado em posição pós-verbal, a interpretação de sentenças com essa classe de verbo sugere que esse DP funciona como sujeito semântico do estado (ou mudança de estado) denotado pelo verbo.

Levando-se em conta a especificação de traços que compõem os diversos tipos de *v*, Folli & Harley (2004) sugerem que a entrada lexical de verbos inacusativos como *arrive* estipule que eles sejam inseridos apenas sob um V_{BECOME} .

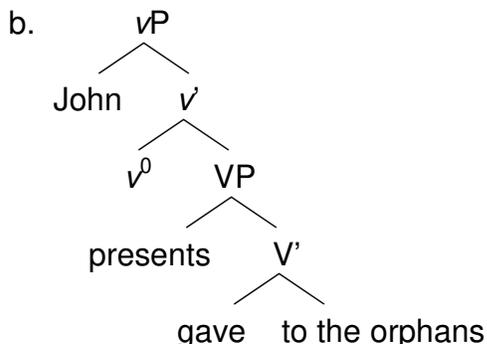
Dessa forma, a agramaticalidade de (22c) se explica: TCs como (20) acima são derivadas a partir da promoção do objeto lógico da oração encaixada para a posição de sujeito sintático da matriz, em contextos em que a raiz verbal também prevê na sua grade temática um agente. No caso de sentenças com verbos inacusativos, que são subcategorizados por V_{BECOME} , não há um agente (ou causador) nem um objeto lógico (afetado pela ação expressa pelo verbo) a partir do qual se derive a *tough construction*. O que esses fatos parecem indicar é que o predicado *tough* não seleciona V_{BECOME} .

Já sentenças como (23c) são barradas, presumivelmente, pelo mesmo fator sintático que interfere na formação de MCs com verbos bitransitivos, como se vê em (23b) e conforme foi observado por Roberts (1987).

Esse tipo de sentença com verbo bitransitivo tem sido analisado como estrutura que possui um sistema verbal composto de duas camadas (Larson, 1988; Chomsky, 1995) (24).

(24)

a. John gave presents to the orphans.



Neste tipo de análise, captura-se mais claramente a relação estreita que se estabelece entre o verbo e o PP, derrubando-se a idéia de que, nessas construções, o verbo se encontra mais diretamente vinculado ao DP não-preposicionado e separado do PP.³⁷

Uma literatura recente sobre esse tipo de sentença tem proposto que a sintaxe dessas construções bitransitivas é explicada pela presença de um núcleo funcional aplicativo, que denota as relações que o objeto indireto estabelece dentro da estrutura. Pylkkänen (2000) argumenta que existem dois tipos de núcleos aplicativos – aplicativos altos (*high applicatives*) e aplicativos baixos (*low applicatives*). O núcleo aplicativo alto denota a relação entre objeto indireto (objeto aplicado) e o evento descrito na sentença enquanto o núcleo aplicativo baixo denota a relação entre o objeto aplicado e o objeto direto. A língua chaga seria um exemplo de sistema em que o núcleo aplicativo relaciona o objeto

³⁷ Cf. Larson (1988, 1990) e Jackendoff (1990) para uma discussão mais detalhada sobre a estrutura de construções com verbos bitransitivos e as relações de c-comando estabelecidas pelos argumentos internos dos verbos.

aplicativo ao evento descrito pelo núcleo verbal (25a)³⁸ e o inglês representaria línguas em que o núcleo aplicativo denota a relação entre o objeto aplicado e o objeto direto (25b).

(25)

- a. N- a- i-lyi-i-à m- a k-élyá
FOC-1s-PR-eat-APPL-FV 1-wife 7-food
'He is eating food for his wife'

b. I baked him a cake.

Segundo análise de Pykkänen, o tipo de núcleo aplicativo presente na estrutura – se aplicativo alto ou baixo – é responsável pela interpretação da sentença. Assim, em (25a), o fato de o objeto aplicado alto ser projetado gera uma leitura segundo a qual o DP *wife* (esposa) estabelece uma relação benefactiva com o evento de *eating* (comer), mas não com o objeto de *eating* (*food* (alimento)). Já na sentença (25b) do inglês o objeto aplicado *him* estabelece uma relação com o objeto direto *a cake* (bolo).

As estruturas sintáticas para sentenças na voz ativa como (25a) e (25b) apresentadas por Pykkänen estão em (26a) e (26b). Em (26a), que representa a estrutura da língua chaga, o sintagma ApplP se encontra acima da raiz verbal, enquanto em (26b), estrutura do inglês, ApplP é projetado abaixo da raiz verbal.

(26)

- a. [VoiceP He Voice [AppIP wife ApplP_{Ben} [√P √eat food]]]
b. [VoiceP I Voice [√P √bake [AppIP him ApplP [cake]]]]

³⁸ Exemplo atribuído a Bresnan and Moshi (1993: 49-50 apud Pykkänen, 2000).

Tendo-se em vista a hipótese de que as TCs I são também derivadas de movimento-A do argumento interno com papel- θ tema, a idéia inicial é a de que essa análise se aplica para esclarecer a agramaticalidade de sentenças como (27a) abaixo, que apresenta um argumento interno com papel- θ benefactivo – *orphans* (órfãos) – que estabelece relação com o outro argumento interno com papel- θ tema – *presents* (presentes). Veja-se que o objeto direto *presents* se encontra numa posição mais baixa que o DP objeto aplicado *orphans*. Logo, a explicação para a agramaticalidade de (27a) seria o fato de o DP *orphans* ser o candidato a movimento mais próximo do alvo (cf. (27c)) e, de sua posição esse DP bloquearia o alçamento do DP *presents* para o especificador de T. No entanto, se for levado em consideração que o DP *orphans*, sendo o objeto aplicado, tem Caso dativo, o DP *presents* torna-se o candidato apropriado para entrar em relação de checagem com T e ser promovido à posição de sujeito. Mas (27a) é mal-formada. Isto indica que outro fator está sendo relevante na impossibilidade de formação de TCs I como (27a), e a explicação parece novamente estar relacionada ao tipo de verbo leve envolvido nas MCs e TCs I.

(27)

- a. * Presents are easy to give to orphans.
- b. * [TP presents_i are [AP easy [v P v^0_{CAUSE} to [v P \sqrt{give} [AppIP to orphans AppIP [e_i]]]]]]
- c. [VoiceP John Voice [v P \sqrt{gave} [AppIP to the orphans AppIP [presents]]]]

(28)

- a. *John gave presents to orphans in an hour.
- b. John gave presents to orphans for two years.

Lembre-se que tem sido assumido que das MCs e TCs participa um verbo leve do tipo v^0_{CAUSE} ou v^0_{DO} , nos termos propostos por Harley (2006). O verbo formado pela raiz lexical e o verbo leve apresenta sempre um argumento interno

tema e um argumento externo agente, e denota eventos pontuais. Note-se, então, que este não é o caso de *give* no predicado *give presents to orphans*. Este verbo não demonstra resultados positivos em testes de verbos de consecução, mas seu comportamento combina com verbos de *achievement*. Por exemplo, a sentença formada por esse verbo é incompatível com locuções adverbiais como *in an hour* (28a), mas é natural com locuções como *for an hour* (28b). Assim, o que se conclui é que a agramaticalidade de (28) decorre do tipo de verbo leve que participa da sentença, que seria incompatível com a formação média.

4.2.2. O Caso do DP

Uma outra propriedade das TCs é o fato de o DP que funciona como objeto lógico do verbo da oração encaixada ocupar a posição de sujeito sintático, da mesma forma como acontece com as MCs. Tal fato é confirmado ao se compararem as TCs (29) e (30) com as MCs analisadas anteriormente, aqui repetidas como (31).

(29)

- a. Chickens are easy to kill.
- b. This car is difficult to drive.

(30)

- a. *Are easy to kill chickens.
- b. *Is difficult to drive this car.

(31)

- a. These chickens kill easily.
- b. This car drives nicely.

Fosse a estrutura subjacente ao predicado encaixado dessas TCs uma estrutura transitiva canônica em que os verbos envolvidos subcategorizam um

argumento interno e um argumento externo, se esperaria que o sistema VP checasse o traço de Caso do seu complemento, tornando-o inativo para outras relações de checagem dessa natureza

No entanto, assim como nas MCs, na oração encaixada das TCs, o DP com papel- θ agente não é projetado e o sistema verbal não checa Caso acusativo. Deste modo, para que o núcleo de TP da matriz tenha seus traços- ϕ , de Caso checados e o argumento interno tenha o seu traço de Caso checado, T localiza o DP como um elemento com traços formais compatíveis e checa seus traços não-interpretáveis. Com esta operação, o traço de Caso do DP é valorado como nominativo (cf. contraste entre (32b) e (32c) e entre (33b) e (33c)). Como T apresenta o traço forte EPP, esse núcleo atrai o DP para a posição de especificador.

(32)

- a. Peter is tough to tease.
- b. He is tough to tease.
- c. * Him is tough to tease.

(33)

- a. Chickens are easy to kill.
- b. They are easy to kill.
- c. * Them are easy to kill.

A ausência de VoiceP e FP seria a explicação para o fato de, nessas sentenças, o objeto lógico do verbo encaixado não exibir Caso acusativo, mas nominativo, compatível com o traço de Caso do núcleo do TP da matriz.

Os fatos discutidos nessa seção representam um primeiro aspecto indicativo da viabilidade da hipótese de que nas TCs, assim como nas MCs, a co-interpretação entre a lacuna pós-verbal e o DP na posição de sujeito é derivada

do movimento-A desse DP para SpecTP para checagem de traços não-interpretáveis.

4.2.3. O tipo de verbo leve selecionado pelo predicado *tough*

Um outro aspecto relevante na formação das TCs I é o tipo do verbo leve que subcategoriza o verbo dessas sentenças. As TCs parecem apenas permitir a formação de sentenças em que o núcleo que segue o predicado *tough* é subcategorizado por um verbo leve do tipo v^0_{CAUSE} ou v^0_{DO} . Confira-se o comportamento das sentenças em (34)³⁹, (35)⁴⁰, tendo-se em vista sentenças como (36).

(34)

- a. *Smith was easy for Jones to expect to recover.
- b. * Advantage was easy to take of Bill.
- c. * Attention is difficult to pay to boring lectures.

(35)

- a. * Female students generally expect to do better at written examinations.
- b. * Advantage doesn't take of graduate students very often in this country.
- c. * Graduate students don't take advantage of very often in this country.

(36)

- a. John is tough to please.
- b. Bureaucrats are easy to bribe.
- c. The wall paints easily.
- d. This car drives nicely.

³⁹ O exemplo (34a) é de Runner (2006:20). Exemplos (34b-c) extraídos de Lasnik & Fiengo (1974: 64).

⁴⁰ Exemplos (35-a,b,c) extraídos de Riemsdijk & Williams (1986:98).

À primeira vista, parece bastante plausível que o requerimento de que o DP a ocupar a posição de sujeito sintático da matriz seja o argumento afetado pela ação expressa pelo verbo impede a formação de TCs e MCs com verbos de Marcação Excepcional de Caso (ECM) (34a) e (35a) e com VPs que representam expressões idiomáticas (34b-c) e (35b-c). Em (34a) e (35a), o DP *Smith / Female students* participa da estrutura argumental do segundo predicado encaixado, funcionando como argumento externo do verbo *to recover / to do*. Já no caso de (34b-c) e (35b-c), o DP *advantage/attention/graduate students*, na posição de sujeito da matriz, participa de uma expressão idiomática, não sendo, portanto, um argumento afetado pelo verbo *take/pay*.

No entanto, a condição de que o DP alçado à posição de sujeito sintático seja o objeto afetado pelo verbo da oração encaixada não parece ser suficiente para barrar a formação de TCs. Vejam-se os exemplos em (37)⁴¹.

(37)

- a. **Students are easy to expect to be arrested.
- b. **Bill is tough to believe to be kissed.
- c. *?Sam is hard to be convinced.

Em (37), o DP que aparece na posição de sujeito sintático da oração matriz (*students/ Bill / Sam*) funciona como objeto lógico do verbo temático da oração encaixada (*arrest/ kiss/ convince*). Assim, fosse a restrição verificada nas sentenças em (34) e (35) relacionada ao papel temático do objeto semântico do verbo da oração encaixada, as sentenças em (37) deveriam ser bem-formadas, no entanto essas sentenças são agramaticais. A agramaticalidade de (37) indica que o que restringe a formação dessas TCs é o tipo de verbo leve que subcategoriza raízes como *expect, be*. Esses itens seriam subcategorizados por um verbo leve que indica estado v_{BE}^0 , o qual, a contar pela agramaticalidade de (37), é incompatível com o predicado *tough*. Ou seja, embora as TCs I tenham uma

⁴¹ Sentenças submetidas ao julgamento de falante nativo.

leitura estativa, o verbo da oração infinitiva deve ser subcategorizado por um v^0_{CAUSE} ou v^0_{DO} . A leitura estativa derivaria da estrutura do predicado encaixado, que não projeta VoiceP e FP, resultando na interpretação arbitrária do agente e do tipo de verbo leve que subcategoriza o verbo *be*, na oração principal.

4.2.4. Construções *tough* e *preposition stranding*

A análise de movimento-A estará também sendo aqui adotada para explicar a relação sintática entre a posição de sujeito da matriz e a categoria vazia que funciona como complemento de uma preposição adjacente ao verbo, como se vê em (38). A contraparte transitiva dessas sentenças seria como (39), em que os DPs *this problem* e *Peter* e *those children* seguem as preposições *with*, *on* e *after*.

(38)

- a. This problem is tough to deal with.
- b. Peter is easy to rely on.
- c. Those children are tough to look after.

(39)

- a. It is tough to deal with this problem.
- b. It is easy to rely on Peter.
- c. It is tough to look after those children.

Como foi mencionado na seção introdutória, está sendo assumido que, em sentenças como essas em (38), está envolvido um processo de reanálise (ou reestruturação). Esse processo muda a estrutura de uma seqüência de elementos, de forma que essa seqüência apresente um padrão sintático diferente do que apresentava antes da aplicação do processo (Wekker & Haegeman, 1985:175).

No caso dessas sentenças (38), a reanálise faz com que a seqüência em que se vê um verbo seguido por um sintagma preposicional (V-PP) seja

interpretada como constituída de um verbo seguido de um objeto direto (V-DP), ou seja, o verbo e a preposição passam a ser lidos como um único item lexical, que tem o DP como seu complemento. Assim, nesse processo, a preposição perde as propriedades formais responsáveis pela sua capacidade de atribuir Caso ao seu complemento e o DP que a segue passa a ter o seu Caso checado pelo verbo (ou composto [V-Prep]).

Se a proposta de análise para as construções com *tough-movement* defendida neste trabalho estiver correta, a explicação para a sintaxe dessas sentenças em (38) também estará relacionada com a ausência de VoiceP e FP em sua estrutura. Sendo F o núcleo responsável pela checagem do traço de Caso do complemento da preposição em sentenças transitivas em que ocorre a reanálise [V-Prep], a sua ausência resultaria em o DP manter seus traços- ϕ ativos e não ter o seu traço de Caso checado.⁴² Isso manteria esse sintagma disponível para a computação no que concerne à checagem de traços não-interpretáveis junto a outros núcleos e motivaria o seu movimento para posições mais altas na sintaxe. Esse movimento resultaria em *preposition stranding*.

Nesta perspectiva, uma sentença como (38a), repetida em (40a), teria uma estrutura como (40b), em que o sujeito da matriz é derivado do movimento do DP *this problem* da posição pós-verbal na oração encaixada para a posição de especificador de T. Na ausência de FP, esse DP restaria com seu traço de Caso não checado. Ao mesmo tempo, uma vez que a oração encaixada não projeta VoiceP e, assim, não projeta uma posição para argumento externo, T encontraria nesse DP os traços compatíveis para a checagem de seus traços- θ e de Caso não-interpretáveis e seu traço EPP atrairia esse constituinte para o seu

⁴² Como será mostrado mais adiante neste trabalho, *preposition stranding* é permitido, embora marginalmente, até em CMs (i).

(i)

a. ? John laughs at t_i easily.

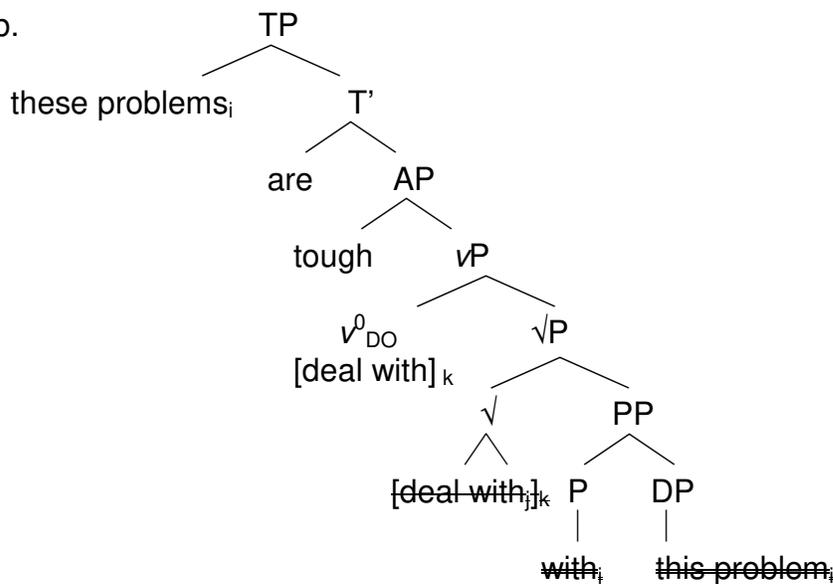
b. ? John depends on t_i easily. (Keyser e Roeper (1984, p. 400))

especificador. Nessa operação o traço de Caso do DP é checado como nominativo.

(40)

a. These problems are tough to deal with.

b.



Hornstein & Weinberg (1981) afirmam que a aplicação do processo de reestruturação seria restrita apenas aos casos em que a preposição (ou o PP) é dominada pelo VP. Os casos em que a preposição relevante é dominada por S não seriam passíveis de reanálise. Tomando-se como exemplo uma sentença como (41a), é mostrado que as duas interpretações possíveis que advêm dessa seqüência podem ser explicadas a partir da definição da sua sintaxe interna⁴³.

⁴³ Segundo Hornstein & Weinberg (1981), a aplicação da regra de *preposition stranding* é restringida pelos pressupostos abaixo:

(i) existe um filtro universal que exclui como agramatical NPs sem matriz fonética marcados com Caso oblíquo (*[NP e oblíquo]);

(ii) há a imposição de que o PP seja contíguo ao verbo, ou seja, de que o verbo c-comande a preposição (ou PP);

(iii) conforme as regras de marcação de Caso, NP-wh recebe o mesmo Caso do seu vestígio mais próximo que esteja numa posição de Caso.

(41)

- a. John decided on the boat.
- b. John decided while standing on the boat.
- c. John decided to buy or look at the boat.

Significando (41b), a sentença em (41a) apresentaria uma estrutura em que a preposição seria diretamente dominada por S e, num contexto de movimento-wh do objeto, não admitiria *preposition stranding*, como se vê em (42a). Por outro lado, com o significado de (41c), a preposição seria dominada pelo VP, o que facultaria a ocorrência de reanálise (42b).

(42)

- a. On what did John decide?/ * What did John decide on?
A'. John decided while standing on the boat.
- b. On what did John decide?/ What did John decide on?
B'. John decided to buy or look at the boat.

O contraste entre os exemplos em (43), sentenças bem-formadas, e (44), sentenças não licenciadas, é também explicado pelos autores como resultante do requerimento de que o PP esteja sob domínio do VP para que se aplique a regra de reanálise e se configure, na sintaxe visível, o fenômeno de *preposition stranding*.

(43)

- a. What are you talking about?
- b. Who did you speak to Harry about yesterday?

(44)

- a. *What time did John arrive at?
- b. *Who did you speak to Harry yesterday about?

De acordo com a sua análise, os PPs [about what] e [about who] em (43) seriam dominados por VP ao passo que os PPs [at what time] e [about who] em (44) seriam dominados por S.

A previsão que se faz aqui é que as condições apresentadas para a aplicação da operação de reestruturação (relacionadas à categoria que domina o PP) restringem a formação de TCs com *preposition stranding*. Na verdade, esse fato é atestado por Hornstein & Weinberg (p. 77) ao certificarem a agramaticalidade de sentenças com *tough-movement* como (45a-b). Comparem-se essas sentenças com a que segue em (45c), sugerida por Jairo Nunes (c.p.).

(45)

- a. * Harry is tough to throw the ball.
- b. * Harry is tough to write a song.
- c. This song was tough to write to Harry.

Nos exemplos em (45) acima, os verbos *throw* ‘atirar’ e *write* ‘escrever’ assemelham-se a núcleos bitransitivos, selecionando um objeto preposicionado (*Harry*) e um não preposicionado (*the ball / a song*). Mas, conforme assinalou Mary Kato (c.p.), esses exemplos exibem um núcleo que subcategoriza apenas um argumento interno (*the ball / a song*), o PP sendo externo a *vP*.

Assim, a proposta de análise de Pylkkänen (op. cit.), segundo a qual construções bitransitivas apresentam um núcleo funcional aplicativo que licencia o movimento do objeto aplicado por este estar mais próximo do alvo de movimento, não se aplica a sentenças como aquelas em (45) já que essa proposta se baseia em construções bitransitivas em que o objeto aplicado é subcategorizado pelo *vP*. Fosse de outra forma, sentenças como (45a-b) deveriam ser bem formadas já que o DP *Harry* seria o objeto aplicado, logo, o candidato mais legítimo ao movimento (cf. estrutura sintática em (46b)) e a derivação da sentença (45c) não o seria, uma vez que o DP *Harry*, estando em uma posição mais alta entre o DP objeto direto e

o alvo do movimento, bloquearia o alçamento de *this song* (cf. estrutura sintática em (46d)) .

(46)

a. * Harry is tough to write a song.

b. * [_{TP} Harry_i is [_{AP} tough [_{VP} v⁰_{DO} to [_{VP} √write [_{AppIP} ~~Harry_i~~ AppIP [a song]]]]]]

c. This song was tough to write to Harry.

d. [_{TP} This song_i is [_{AP} tough [_{VP} v⁰_{DO} to [_{VP} √write [_{AppIP} to Harry AppIP [~~this song_i~~]]]]]]

Se estiver correta a hipótese de que as TCs I derivam de movimento-A do objeto lógico do predicado encaixado para a posição de sujeito sintático da oração matriz e se for assumida a análise de Hornstein & Weinberg, a agramaticalidade de (45) poderá ser explicada pela impossibilidade de o DP *Harry* se mover para uma posição argumental de sujeito sintático devido ao fato de este DP ser o complemento de um PP externo a vP: uma vez que este constituinte não forma uma palavra semântica com os respectivos verbos (*throw* e *write*), a preposição nula checa Caso oblíquo com o DP *Harry* antes do seu alçamento e o filtro *[NP e oblíquo] exclui as sentenças por apresentarem um vestígio de DP marcado com Caso oblíquo. Assim, se movimento é motivado por checagem de traço não-interpretável e na sentença em (45a-b) a preposição *to* checa o traço de Caso do DP *Harry*, em termos minimalistas, a agramaticalidade dessas sentenças deve-se à violação da Condição de Atividade (Chomsky, 2001), que prevê que o elemento candidato a movimento deve carregar algum traço não-interpretável.

Além disso, assumindo-se que esse tipo de TC é uma estrutura em que FP não é projetado, com o movimento do DP *Harry* para o SpecTP, o DP *the ball / a song* resta sem o traço de Caso checado, violando o Filtro do Caso. Dessa forma, (45a-b) são bloqueadas por dois tipos de restrições sintáticas. Por outro lado, (45c) é licenciada, admitindo-se que o DP *Harry* tem o seu traço de Caso checado junto à preposição *to* e que o núcleo T checa seus traços-φ e de Caso não-

interpretáveis com os traços- ϕ de *this song*, valorando o Caso do DP como nominativo e este DP se move para SpecTP, checando o traço EPP do núcleo.

Veja-se que, diferentemente do que acontece nas sentenças em (45a-b), *preposition stranding* é permitida em sentenças denominadas pseudo-passivas como (47), em TCs como (48) e, embora marginalmente, em MCs (49).

(47)

- a. The problem_i has been dealt with t_i.⁴⁴
- b. The bed was slept in.⁴⁵
- c. The region_i was fought over t_i by Sweden and Russia for centuries.⁴⁶

(48) The problem_i was tough to deal with t_i.⁴⁷

(49)

- a. ? John laughs at t_i easily.⁴⁸
- b. ? John depends on t_i easily.

Uma vez que a proposta de Hornstein & Weinberg contempla a hipótese de movimento-A que apresento para as TCs, assumirei a sua análise sobre as condições sintáticas que regem a aplicação da regra de reanálise.

Os fatos apresentados por Hornstein & Weinberg para as estruturas com *preposition stranding* favorecem a proposta de que a posição do sujeito nas TCs, bem como nas MCs, é derivada do movimento do DP argumento interno do verbo temático. A explicação para a sintaxe de sentenças como as mostradas em (48) e (49) está na composição de seu sistema verbal. Nessas construções, VoiceP e FP não são projetados. Com isto, o composto [V-Prep] checa o papel- θ do seu

⁴⁴ Exemplo extraído de Fischer et al (2000: 258).

⁴⁵ Exemplo extraído de Hornstein & Weinberg (1981: 88).

⁴⁶ Exemplo extraído do texto *An internet pilgrim's guide to stranded prepositions*, de Mark Liberman, disponível em <http://itre.cis.upenn.edu/~myl/languageelog/archives/000743.html>.

⁴⁷ Exemplo extraído de Fischer et al (2000:256).

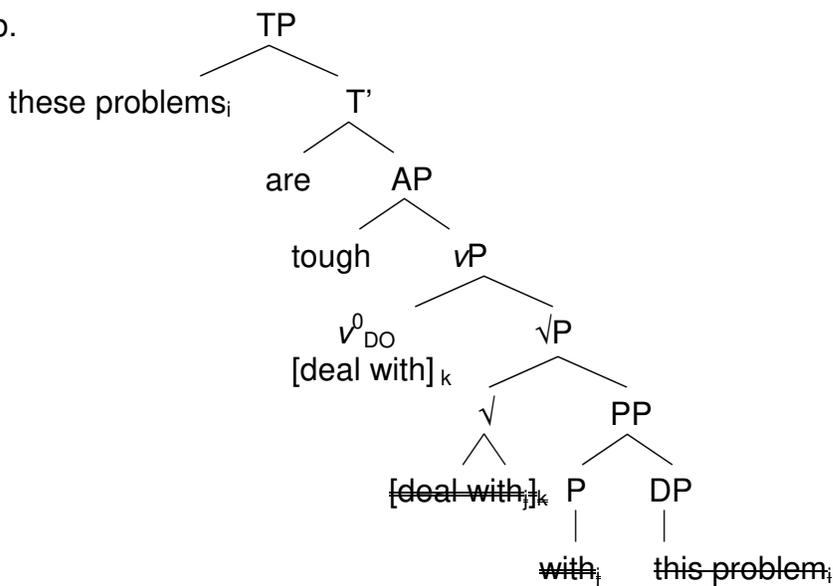
⁴⁸ Exemplos de Keyser & Roeper (1984, p. 400).

argumento interno, mas não checa o traço de Caso. Estando com seu traço não-interpretável ativo, o DP continua disponível na computação e entra em relação de checagem com o T finito. Essa relação de checagem motiva o movimento do DP para o especificador T e assim resulta na ordem superficial em que se vê a preposição em posição final. A representação sintática de TCs com *preposition stranding* foi apresentada em (40) e está repetida em (50) e de MCs com *preposition stranding* está em (51).

(50)

a. The problem_i was tough to deal with t_i

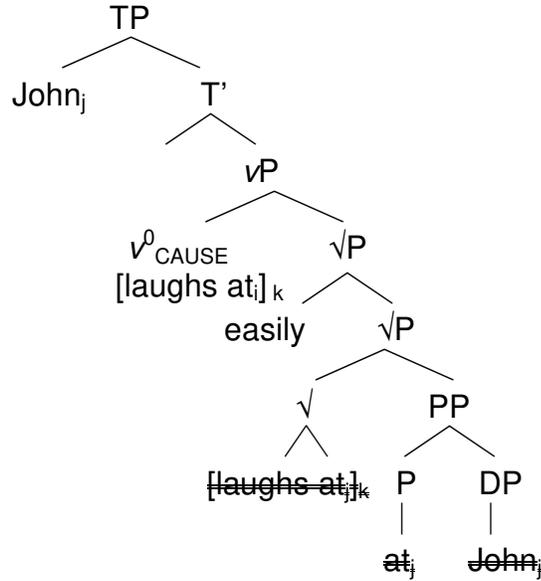
b.



(51)

a. ? John laughs at t_i easily.

b. .



4.2.5. Requerimento de modificador

O requerimento da projeção de um modificador também une as TCs e as sentenças médias do inglês. Conforme ilustrado anteriormente, no caso das sentenças médias, a modificação pode ser feita por um advérbio, como mostram os exemplos em (52a), pela negação (52b), por um sujeito quantificado negativamente (52c) ou por um acento de foco (52d).

(52)

a. Bureaucrats bribe easily.

b. Bureaucrats don't bribe.

c. Few bureaucrats bribe.

d. Bureaucrats BRIBE.

Embora nas TCs não possam ser usados esses outros três tipos de modificadores (excetuando a negação, que é permitida não substituindo, mas

modificando o adjetivo), é possível observar que a modificação neles presente se reflete nos adjetivos que caracterizam essas sentenças.

(53)

- a. Bureaucrats are tough to bribe.
- b. Bureaucrats are easy to bribe.

Roberts (op. cit.) relaciona a exigência de que as MCs sejam modificadas por um advérbio do tipo *easily* ou pelos outros modificadores ilustrados em (52a-c) ao fato de tais construções licenciarem um papel- θ *chômeur*. Para Roberts, por essas sentenças não serem eventivas, os únicos advérbios apropriados para modificar o seu núcleo seriam aqueles que não requerem a projeção na sintaxe de um sujeito agente⁴⁹. Além disso, segundo o autor, a presença de um dos modificadores em T seria necessária para que o sujeito lógico fosse interpretado como arbitrário, o modificador funcionando como um quantificador responsável por este tipo de interpretação.

Essa explicação, no entanto, se mostra insatisfatória uma vez que a relação que se percebe nas MCs é aquela entre o advérbio e o verbo e não entre o modificador e o agente *chômeur* de tais construções.

Assim, se estou assumindo que a estrutura da oração encaixada infinitiva das TCs I resulta dos mesmos passos derivacionais das estruturas médias, o caminho mais natural seria procurar investigar como o requerimento de modificação se faz presente nessas sentenças com predicado *tough* e com qual constituinte o modificador é diretamente associado.

Como se pode perceber a partir das sentenças em (53), a modificação nas TCs I é estabelecida através do adjetivo (*tough, easy*)⁵⁰, núcleo da oração

⁴⁹ Advérbios que Jackendoff (1972) agrupa na Classe IV: *easily, badly* etc.

⁵⁰ Outros adjetivos que selecionam um complemento oracional podem ser confundidos com os adjetivos do tipo *tough/easy*. São eles adjetivos como *eager/ready* 'ansioso'/'pronto' e adjetivos como *pleasant/handsome/famous* 'agradável'/'bonito'/'famoso'. Entretanto, esses núcleos adjetivais

principal. Assim, a análise que faço, tendo como foco esse modificador e tomando como ponto de partida a ordem superficial dessas TCs, sugere que o tipo do verbo leve do predicado encaixado é selecionado em função do tipo do adjetivo que aparece nessas construções. É a ação expressa pela raiz verbal que é modificada pelo adjetivo.

Essa proposta coaduna com a idéia de Kato & Castilho (1991) de que advérbios como *possivelmente*, formados a partir de adjetivos como *possível* e, nessa mesma linha, incluem *fácil* e *difícil*, são núcleos predadores que selecionam a sentença como seu argumento interno (cf. (54)). De acordo com essa análise, de uma sentença como (54b) seria derivada uma sentença como (54a), com o movimento do argumento externo para uma posição acima do advérbio.

(54)

- a. Certamente Pedro comprou um carro novo.
- b. Pedro certamente comprou um carro novo.

Assim, conforme a hipótese a ser aqui delineada, uma sentença como aquelas em (53) teria, em determinado momento de sua derivação, uma formação

distanciam-se dos adjetivos *tough/easy* em um aspecto importante: os adjetivos das *tough-constructions* modificam o predicado que funciona como seu argumento interno, enquanto esses outros modificam DPs. É possível perceber essa divergência entre esses tipos de adjetivos através da comparação entre os exemplos em (i) e (ii).

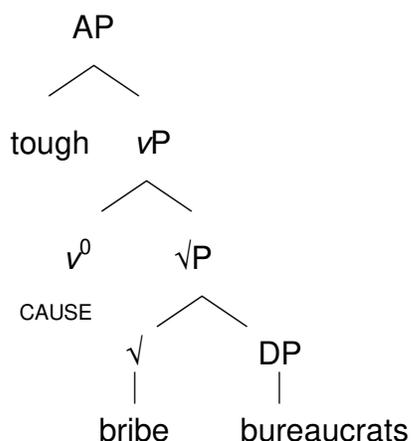
- (i) a. John_i is handsome to look at.
b. *It is handsome to look at John.
(Hicks, 2004:1)

- (ii) a. John is easy to please.
b. It is easy to please John.

De forma diferente de adjetivos como *tough/easy*, adjetivos como *eager/ready* e *pleasant/pretty* não participam de estruturas em que a posição de sujeito sintático é preenchida por um pronome expletivo. Tal fato indica que esses adjetivos atribuem papel- θ externo a um DP, podendo as estruturas de que participam ser analisadas conforme a proposta de derivação desenvolvida por Hornstein (2001) para as construções *tough*, já que esse autor prevê o movimento do DP da oração encaixada para a oração matriz motivado pela necessidade do adjetivo do checar seu papel- θ .

como (55), com o adjetivo como um núcleo predicador que subcategoriza um verbo leve do tipo v^0_{CAUSE} OU v^0_{DO} como seu complemento.

(55)



Tal proposta baseia-se também em Lasnik & Fiengo (1974), para quem o complemento do adjetivo *easy / tough* das TCs não é um IP ou CP, mas um VP.

Um outro argumento favorável a essa análise é encontrado na classificação dos adjetivos proposta por Vendler (1968).

Com base em expressões como *easy problem* (problema fácil) e *difficult language* (língua difícil), Vendler já observava que adjetivos dessa natureza (que ele designou adjetivos do tipo IV – A₄) são ligados ao constituinte na posição de sujeito através de um verbo (ou de uma determinada classe de verbos). Segundo o autor, para uma expressão como *easy problem*, o verbo relevante seria *solve* (resolver), como em (56a), assim como os verbos relevantes para *difficult language* poderiam ser *learn* (aprender), *speak* (falar) ou *understand* (entender) como em (56b).

(56)

- a. This problem is easy to solve.
- b. This language is difficult to speak.

Desta forma, Vendler deixa claro que o nome modificado pelo adjetivo funciona como objeto do verbo a ele associado, o que permite concluir que é o verbo da oração encaixada e não o sujeito de interpretação arbitrária dessa oração, o constituinte associado ao licenciamento desse tipo de adjetivo. A relação direta entre o adjetivo e o verbo da oração encaixada é ilustrada através da regra de transformação em (57) (Vendler, 1968:97), que pode ser lida como (58). Note-se que, de acordo com essa regra, o adjetivo tem escopo diretamente sobre o verbo e o DP que é relativizado e aparece na oração matriz é interpretado como objeto lógico do verbo encaixado.

(57) $A N \leftarrow N \text{ wh } \dots \text{ is } A \text{ to } [V -]$

(58) $\text{easy problem} \leftarrow \text{problem}_i \text{ which is easy to solve } \underline{\quad}_j$

Como uma evidência de que a modificação do objeto passa pelo verbo, o autor mostra que, nos casos de nominalização do núcleo verbal, é o verbo nominalizado que é diretamente modificado pelo adjetivo (59).

(59) The solution of the problem is easy.

Vendler (p. 99) ainda ressalta que essa regra em (58) é responsável pela formação de construções como (60) – TCs – e (61) – sentenças médias, em que, como é sabido, o objeto lógico do verbo tem como antecedente o sujeito sintático da oração matriz e da oração absoluta, respectivamente.

(60) This tree is difficult to grow.

(61) The car drives easily.

No que concerne ao tipo de verbo apropriado à regra em (58), o autor esclarece que, uma vez que o N nas construções geradas a partir dessa regra de

transformação é objeto de V, os verbos intransitivos são excluídos da classe de verbos relevantes.

Além de tornar mais clara a relação de modificação que se estabelece entre o predicado *tough* e o verbo da encaixada, a análise de Vendler tem o crédito de trazer evidências para as relações temáticas que se verificam nas TCs. Ao mostrar que o objeto lógico estabelece relação temática direta com o verbo da oração encaixada e que este núcleo, por sua vez, é o elemento modificado pelo predicado *tough*, esse autor acaba por sugerir a ausência de relação temática entre esse modificador e o objeto lógico do verbo encaixado. Além disso, essa análise acaba por explicar a identificação semântica entre os adjetivos das TCs e os advérbios das MCs.

Ademais, a aceitação dessa proposta tem uma segunda conseqüência: se é verdade que a modificação do predicado *tough* incide diretamente sobre o verbo, isso indica que, entre o predicado *tough* e o verbo da encaixada, não há nenhuma outra projeção. Ou seja, a relação de modificação direta entre o adjetivo da oração matriz e o verbo evidencia que a oração encaixada desse tipo de construção é um *vP* e não um TP ou CP.

As considerações de Vendler sobre a relação entre as MCs e as TCs no que diz respeito ao comportamento do modificador presente nessas estruturas também se relacionam com os princípios da DM no que concerne ao pressuposto de que os itens substantivos constituintes da sentença são selecionados como morfemas lexicais e ganham suas definições a partir das relações locais que estabelecem com os morfemas funcionais. Assim, um radical é especificado como *nome* se o morfema funcional mais próximo que o c-comande for um D (determinante), mas será definido como verbo ou particípio se for c-comandado localmente por morfemas funcionais como T (flexão), Asp (aspecto) ou *v* (verbo leve). Desta forma, é plausível que *easily* e *easy* (e outros modificadores que participam das TCs e das MCs)⁵¹ sejam derivados do mesmo vocábulo que, em vez de entrarem

⁵¹ Segundo afirmam Ackema & Schoorlemmer (2005), a gama de modificadores que podem ser usados nas *tough constructions* não é exatamente a mesma dos modificadores que podem ser

na computação já como advérbio ou adjetivo, entram na forma de um radical como *ease*; daí, esse radical poderá ser o advérbio *easily* se participar de um *vP* ou o adjetivo *easy*, se funcionar como núcleo de um predicado.

A variação na ordem dos itens lexicais pode resultar em objetos sintáticos diferentes, porém com sentidos semelhantes ou aproximados. Por exemplo, uma língua pode derivar ou estruturas como (62a), um tipo de sentença resultativa, segundo Jackendoff & Goldberg (2004), ou como (62b).⁵²

(62)

- a. John swam across the river
- b. João cruzou o rio nadando.

usados nas construções médias. Alguns modificadores podem apenas aparecer nas *tough constructions* (i) enquanto outros apenas ocorrem nas construções médias (ii).

(i)

- a. This book is impossible to read.
- b. *This book reads impossibly.

(ii)

- a. This meat cuts just like that.
- b. *It is just like that to cut this meat.

Como foi visto no capítulo III, as CMs podem ser modificadas por constituintes de diferentes naturezas. São naturalmente modificadas por advérbios como *easily*, mas um advérbio de negação ou simplesmente um acento de foco podem também modificar essas construções. Por outro lado, as TCs aqui consideradas são mais restritivas, admitindo como núcleo da oração matriz apenas modificadores que pertencem à categoria gramatical adjetivo como *easy*, *tough*, *hard*. Não são licenciados na posição de núcleo de TCs modificadores que representam expressões idiomáticas.

⁵² Segundo Snyder (2001) esse tipo de diferença entre as línguas não é isolada, mas faz parte de um conjunto de particularidades sintáticas relacionadas ao Parâmetro de Formação de Compostos (*Compounding Parameter*), cuja marcação distingue, por exemplo, línguas que licenciam, durante a derivação sintática, a formação de sentenças resultativas como (i) e de sentenças em que o verbo forma um composto com uma partícula (ii) (línguas germânicas) de línguas que não admitem a formação de tais estruturas (línguas românicas).

(i)

- a. John beat the iron flat.
- b. Juan golpeó el hierro (*plano). (espanhol)

(ii)

- a. Mary lifted the box up.
- b. María levantó la caja (*arriba). (espanhol)

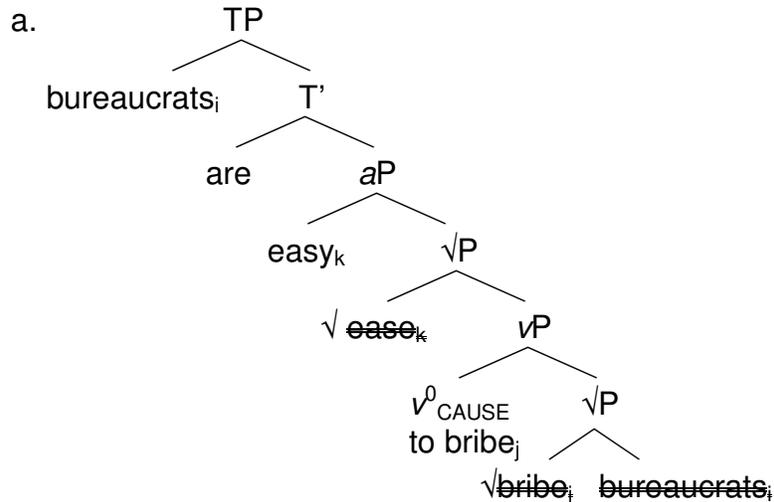
Na sentença em (62a) do inglês, a raiz lexical \sqrt{swim} “nadar” é subcategorizado por um verbo leve v^0 , sendo então especificado como verbo, núcleo do predicado. Já em (62b), do português, a raiz lexical \sqrt{nadar} não aparece como verbo, mas como advérbio *nadando*, um adjunto, o que indica que não é um verbo leve v^0 que o subcategoriza, mas um *adv^0*.

Essa variação na ordem dos constiuintes parece explicar a diferença sintática e a semelhança semântica entre as sentenças em (63)⁵³. As estruturas de TCs e MCs seriam distintas no concerne ao ponto em que a raiz *ease* entra na derivação. As estruturas propostas são apresentadas em (64a) e (64b).

(63)

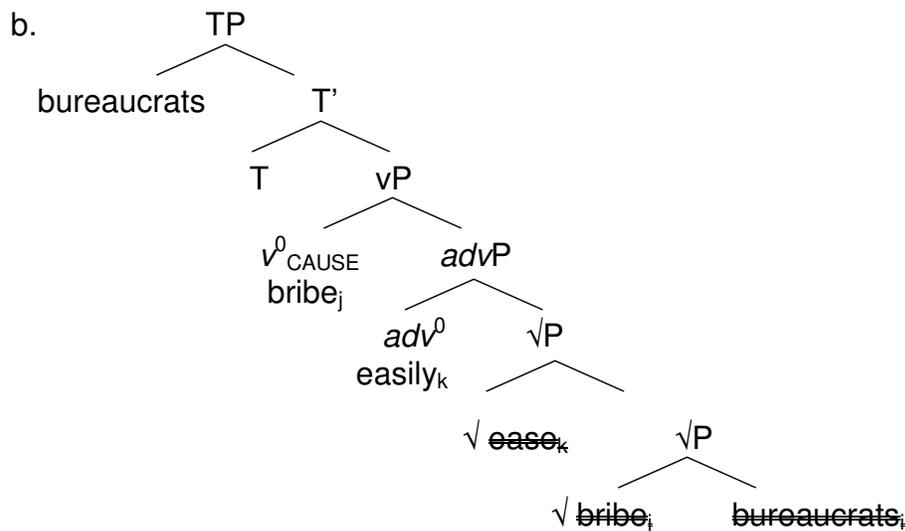
- a. Bureaucrats are easy to bribe.
- b. Bureaucrats bribe easily.

(64)



⁵³ Snyder (2003, p.152), no entanto, observa que a alternância na ordem dos constituintes pode gerar diferenças de ordem semântica. Como exemplo, o autor apresenta o par em (i) abaixo. Segundo sua análise, em (i-a) a interpretação que se tem é a de que a parede foi totalmente coberta por tinta; essa mesma interpretação não é obtida em (i-b).

- (i)
- a. Bill sprayed the wall with paint.
- b. Bill sprayed paint on the wall.



Em (64a), após a formação do objeto sintático \sqrt{P} , constituído da raiz lexical *bribe* com o DP *bureaucrats*, é selecionado da numeração o verbo leve v^0_{CAUSE} , que atrai a raiz *bribe*, especificando-a como verbo. Em seguida, é selecionada a raiz lexical *ease*, que é atraída por a^0 , formando o adjetivo *easy*. O núcleo T entra na derivação e a cópula *are* ocupa esse núcleo. Tendo traços- ϕ e de Caso não-interpretáveis, T encontra no DP *bureaucrats* traços compatíveis para a checagem de seus traços. Nessa relação de checagem, o DP também checa o seu traço de Caso não-interpretável. Finalmente, o traço EPP desse núcleo motiva o movimento do DP para o seu especificador.

Na derivação em (64b), diferente da derivação em (64a), a raiz lexical *ease* é subcategorizada por adv^0 , núcleo do sintagma *advP*, que se adjunge ao \sqrt{P} . Nesta operação sintática, forma-se o advérbio *easily*. Em seguida, o verbo leve v^0_{CAUSE} é selecionado e a raiz lexical *bribe* se move para esse núcleo. Com o movimento do DP *bureaucrats* para o especificador de T para a checagem de seu traço de Caso e dos traços não-interpretáveis T, é obtida a sentença em (64b).

É interessante perceber que tanto a representação da estrutura sintática da TC como a da MC reflete a relação semântica que o item lexical *ease* estabelece com o predicado [*bribe bureaucrats*]: o primeiro subcategoriza o segundo. Esse fato indica que o predicado funciona como um complemento de *ease*, atendendo

às restrições semânticas (e.g. não é estativo) e sintáticas (e.g. possui argumento interno com papel- θ paciente/tema) impostas por este item lexical⁵⁴.

Uma evidência de que, nessas construções, o modificador estabelece uma relação direta com o verbo por ele subcategorizado vem do sueco. Nessa língua, o modificador e o verbo aparecem reanalisados no componente morfológico como uma palavra, conforme mostra o exemplo (65) de Klingvall (2008)⁵⁵.

(65) Kakan är lättbakad.
cake-def is easy.bake-past.part
'The cake makes easily.'

4.3. Conclusão

Neste capítulo foram abordados aspectos relevantes de natureza semântica e sintática que aproximam as TCs I das MCs. A idéia defendida foi que essas duas estruturas têm como núcleo um mesmo item lexical – *ease* – que toma como complemento um *vP* cuja constituição interna deve atender às suas especificações de subcategorização. Uma dessas especificações seria relativa à espécie do verbo leve do *vP* que, dentre os tipos propostos por Halley, exclui *vP_{BE}* e *vP_{BECOME}*.

Foi mostrado que propriedades semânticas compartilhadas por essas construções, tais como interpretação arbitrária do agente da ação expressa pelo verbo e leitura estativa, podem ser explicadas a partir da ausência de VoiceP e FP (núcleos relacionados à projeção do argumento externo e à checagem do traço de Caso acusativo do argumento interno, respectivamente) nas MCs e no predicado encaixado das TCs I. Uma vez que esses predicados não possuem um sistema

⁵⁴ As especificações de subcategorização do predicado *tough* impedem, por exemplo, a formação de TCs I em que o núcleo do *vP* é inergativo (i), exemplo de Culicover (1997:207).

(i) *John is tough to win.

⁵⁵ Klingvall traduz esse tipo de sentença como CMs. No entanto, a presença da cópula parece indicar que esse tipo de sentença está bem mais próximo sintaticamente das TCs I.

verbal capaz de checar o traço de Caso do argumento interno, esse DP procura numa posição mais alta na sintaxe um núcleo com traços formais completos com o qual ele possa checar seu traço de Caso. Como nessas construções a posição do argumento externo não é projetada, o argumento interno checa seu traço não-interpretável junto ao T finito. Nesse contexto, a interpretação do agente do evento expresso pelo predicado torna-se arbitrária, o DP na posição sintática de sujeito sendo o antecedente da lacuna na posição de objeto direto e não da lacuna na posição de sujeito. A estrutura passa, assim, a expressar uma propriedade do sujeito-tema e a leitura que se obtém desses predicados é estativa.

A ausência de VoiceP e FP também explica características sintáticas dessas construções. O requerimento de que o predicado envolvido nas MCs e TCs I seja transitivo e subcategorize apenas um argumento externo e um argumento interno constitui a base para a derivação dessas sentenças: por serem derivados a partir de uma estrutura que não projeta uma posição sintática para o argumento externo e que não projeta o núcleo que checa o traço de Caso acusativo do argumento interno, nessas construções resta apenas um único núcleo funcional (T) com traços não-interpretáveis a serem checados e eliminados por um DP (o argumento interno) com traços compatíveis com esse tipo de checagem. Esse ambiente sintático explica o fato de o objeto lógico ocupar a posição de sujeito sintático e exibir marca de Caso nominativo. Segundo observa Mary Kato (c.p.), TCs I e MCs formariam, então, uma subclasse de construções inacusativas.

CAPÍTULO V: *Tough constructions*: reestruturação vs movimento longo

São semelhantes as condições de licenciamento da lacuna em posição pós-verbal das TCs I e as condições de licenciamento da categoria vazia originada do movimento do DP que se vê nas construções de reestruturação analisadas por Wurmbrand (2001). O objetivo deste capítulo é mostrar que TCs I podem ser analisadas como sentenças que têm subjacente uma construção de reestruturação e que, nesse aspecto, o movimento do argumento interno das TCs I difere do movimento que se vê nas TCs II.

5.1. As estruturas de reestruturação

Wurmbrand, com base em dados do alemão, apresenta uma proposta de análise para as orações infinitivas (de alçamento e de controle) segundo a qual, esses predicados não representariam uma única estrutura, mas diversas estruturas sintática e semanticamente diferentes. A partir dessas diferenças, é proposta a divisão das construções infinitivas em infinitivas de reestruturação (*Restructuring infinitives* – RI) e infinitivas de não-reestruturação (*Non-restructuring infinitives* – NRI). O principal fator que norteia a autora na classificação dessas estruturas está relacionado ao tipo de categoria que o núcleo da matriz seleciona.

As RIs teriam como complemento um constituinte menor – um VP – não projetando uma posição de Caso estrutural, ao passo que as NRIs teriam um *vP*, TP ou CP como complemento e projetariam a posição de Caso estrutural. Com tal configuração, as RIs licenciariam movimento longo do objeto (1) enquanto as NRIs não licenciariam tal movimento (2)⁵⁶.

⁵⁶ Exemplo extraído de Wurmbrand (2001:267).

(1) dass der Traktor zu reparieren versucht wurde
that the tractor-NOM to repair tried was
'That they tried to repair the tractor'

(2)

a. *dass der Traktor zu reparieren geplant wurde
that the tractor-NOM to repair planned was
'That they planned to repair the tractor'

b. *dass der Traktor zu reparieren beschlossen wurde
that the tractor-NOM to repair decided was
'That they decided to repair the tractor'

Verbos proposicionais (*declare* (declarar), *pretend* (fingir) etc.) e factivos (*regret* (lamentar), *forget* (esquecer) etc.) seriam exemplos de núcleos de oração matriz de NRIs. Verbos modais (*can* (poder), *must* (dever) etc.), de alçamento (*seem* (parecer)), aspectuais (*start* (começar), *finish* (terminar)) e de movimento (*go* (ir), *come* (vir) etc.) seriam alguns dos núcleos de construções de reestruturação funcionais (*Functional Restructuring* – FR) enquanto verbos como *promise* (prometer) e *permit* (permitir), *manage* (conseguir), *forget* (esquecer) e *avoid* (evitar) seriam exemplos de núcleos de construções de reestruturação lexicais (*Lexical Restructuring* – LR). A diferença entre esses dois tipos de construções de reestruturação é que nas FRs, as propriedades temáticas seriam determinadas apenas no predicado encaixado ao passo que nas LRs, o núcleo da oração principal possuiria propriedades temáticas.

Wurmbrand esclarece que nas RIs, devido à ausência do vP, o objeto da oração infinitiva move-se para uma posição mais alta na oração onde possa ter seu traço de Caso checado. Se o predicado da oração mais alta é passivo ou inacusativo, o DP não encontrará outro núcleo apropriado para a checagem de seu traço de Caso senão o T da matriz. Neste contexto, o DP checa Caso

nominativo junto a T e ocupa a posição de sujeito sintático. Veja-se a concordância que se estabelece entre o DP e o verbo da oração matriz (3)⁵⁷.

(3)

a. dass die Traktoren zu reparieren versucht wurden

that the tractors to repair tried were

‘That they tried to repair the tractors’

b. dass der Tractor und der Lastwagen zu reparieren versucht wurden

that [the tractor and the truck]-NOM to repair tried were

‘That they tried to repair the tractor and the truck’

Ademais, Wurmbrand mostra que, nas RIs, a ausência do *vP* resulta no não licenciamento de um sujeito sintático no predicado encaixado. A ausência de *vP* seria responsável não só pela incompatibilidade com DPs lexicais, mas também de PRO como sujeito da encaixada. Tal aspecto sintático é confirmado pela autora ao mostrar a agramaticalidade de (4)⁵⁸, que apresenta uma anáfora na oração encaixada que deveria ser ligada localmente a um objeto sintático na posição de sujeito para que fosse licenciada.

(4) *...weil {sich} der Fisch {sich} vorzustellen versucht wurde.

...since {self} the fish-NOM {self} to-imagine tried was

...‘since someone tried to recall the image of the fish’

Além da ausência da posição de Caso estrutural e da posição sintática do objeto, Wurmbrand ainda observa que as RIs exibem outras propriedades associadas ao fato de a oração complemento constituir um VP. Ela mostra, por exemplo, que nessas construções a especificação de tempo da oração encaixada

⁵⁷ Exemplo extraído de Wurmbrand (2001:19).

⁵⁸ Exemplo extraído de Wurmbrand (2001: 232).

é dependente da matriz (5) e que a oração encaixada não admite negação sentencial (6).⁵⁹

(5) Hans wagte (*morgen) einen Brief zu schreiben.

Hans dared tomorrow a letter to write

* Hans dared to write a letter tomorrow.

(6) * ... weil [den Kuchen nicht zu essen] versucht wurde.

... since [the cake-ACC not to eat] tried was

*...since they didn't try to eat the cake.

A combinação dessas propriedades leva Wurmbrand a concluir que as RIs são estruturas mono-clausais que envolvem apenas um conjunto de traços funcionais: aqueles pertencentes à oração matriz.

5.2. Semelhanças entre as TCs I e as construções de reestruturação

A co-interpretação que se verifica entre a categoria vazia pós-verbal e o fato de o adjetivo presente na cláusula matriz subcategorizar um vP parecem indicar que a oração completiva das TCs I é uma oração infinitiva de reestruturação. Nas TCs (8), (9) e (10), assim como nas construções de reestruturação (7), o movimento do DP é motivado pela necessidade do DP de ter o seu traço de Caso checado. Em ambas as estruturas, o DP se move para o especificador do T finito.

(7)

a. weil diese Pilze nicht zu essen sind/*ist

since these mushrooms -NOM not to eat are/*is

‘Since these mushrooms cannot be eaten’

⁵⁹ Exemplos extraídos de Wurmbrand (2001: 79,117).

b. weil der Zaun bis morgen zu reparieren ist
since the fence-NOM by tomorrow to repair is

(8)

- a. John_i is tough to please e_i.
- b. He_i is tough to please e_i.
- c. *Him_i is tough to please e_i.

(9)

- a. Jane_i is hard to convince e_i.
- b. She_i is hard to convince e_i.
- c. *Her_i is hard to convince e_i.

(10)

- a. Bureaucrats_i are easy to bribe e_i.
- b. They_i are easy to bribe e_i.
- c. *Them_i are easy to bribe e_i.

A gramaticalidade das sentenças em (8b), (9b) e (10b), em contraste com a agramaticalidade das sentenças em (8c), (9c) e (10c), como já mostrado em seções anteriores, indica que os DPs *John*, *Jane* e *Bureaucrats* estão no SpecTP, posição em que têm o traço de Caso checado como nominativo. Além disso, a oração encaixada das TCs I não admite negação sentencial (11) e a especificação de tempo da oração encaixada dessas construções demonstra ser dependente do tempo da oração matriz (12)⁶⁰.

(11)

- a. *? Bill is tough not to praise.
- b. ** Students are always hard not to convince.

⁶⁰ Exemplos submetidos a julgamento de falante nativo.

(12)

- a. ** Today, Bill is tough to convince tomorrow.
- b. * These bureaucrats are tough to bribe by the next election.

Note-se que se Wurmbrand está correta em sua análise sobre as infinitivas do alemão, que classifica a oração infinitiva de verbos de alçamento como construção de reestruturação e se as estruturas de alçamento do inglês se comportam conforme as do alemão, argumentos adicionais de que as TCs I são construções de reestruturação podem ser verificados ao se compararem essas TCs e as estruturas de alçamento do inglês.

5.3. Semelhanças entre TCs I e as construções de alçamento

Martin (1996) observa (fundamentando-se em Stowell (1982 apud Martin (1996))) que as cláusulas infinitivas das estruturas alçamento, diferentemente das infinitivas das estruturas de controle, apresentam um T com traço [-Tempo] e que essa propriedade semântica pode ser atestada através de algumas propriedades interpretativas relativas à categoria Tempo.

Como exemplo, Martin constata que, nas estruturas de alçamento, o tempo expresso na oração infinitiva encaixada deve coincidir com o tempo expresso na oração matriz. Desta forma, a sentença em (13a) só será verdade se e somente se Flávio é brilhante no momento em que se fala. Essa sentença não poderá significar que Flávio poderá ser brilhante no futuro.

(13)

- a. Flávio seems [e to be brilliant]
- b. Kim appears [e to be in love with someone]⁶¹

Segundo Martin (p.59), as cláusulas infinitivas encaixadas nas estruturas de alçamento denotam estados. Tal característica desse tipo de estrutura complexa

⁶¹ Exemplos de Martin (1996:101).

pode ser ilustrada através da má-formação das sentenças em (14)⁶², que apresentam verbos que denotam eventos⁶³.

(14)

- a. * Flávio seems to pass the ball right now.
- b. * Kim appears to kiss someone right now.

Para o autor, a explicação para esse comportamento das estruturas de alçamento está no fato de a oração infinitiva encaixada dessas construções projetarem um T com o traço [-tense], sendo então temporalmente dependente da oração matriz. Assumindo a proposta de Enç (1990 apud Martin (1996)) segundo a qual, os predicados eventivos contêm uma variável do tipo evento, que deve ser ligada a Tempo ou a um outro operador de Tempo qualquer, Martin explica que a má-formação das sentenças em (14) se deve ao fato de os predicados eventivos *pass the ball* ‘passar a bola’ e *kiss someone* ‘beijar alguém’ (e a variável *evento*) não encontrarem no T da oração infinitiva da estrutura de alçamento traços compatíveis⁶⁴.

⁶² Exemplos de Martin (1996:101).

⁶³ Embora Martin atribua a agramaticalidade das sentenças em (79) ao fato de possuírem, na oração encaixada, um núcleo que denota evento, vê-se também que essas construções são modificadas por uma expressão de tempo incompatível com predicados estativos, com já foi visto em seções anteriores. A presença de *right now* estaria indicando que a ação ou processo está acontecendo no exato momento em que se fala, num tempo pontual.

⁶⁴ No que concerne às estruturas de alçamento com adjetivos do tipo *likely/certain*, Martin defende que essas construções exibem um comportamento diferente daquele das estruturas de alçamento com verbos como *seem/appear*. Ele verifica que sentenças como (i) abaixo possuem uma oração infinitiva encaixada cujo T aparenta ter o traço [+ Tense].

(i)

- a. Jorginho is likely to score a goal.
- b. Jorginho is certain to score a goal.
- c. It is likely that Jorginho will score a goal.

O autor observa que, nas sentenças em (ia) e (ib), o tempo do evento da oração encaixada é mudado para o futuro hipotético em relação ao tempo do evento expresso pela oração matriz.

Uma outra evidência que, para Martin, indica que essas sentenças são diferentes das construções com verbos como *seem* e *appear* é o fato de *likely* e *certain* subcategorizarem orações infinitivas que permitem núcleos verbais que denotam eventos. Assumindo que

Além disso, as estruturas de alçamento com *seem/appear* não licenciam elipse do VP. Para Martin, tal recurso sintático só é permitido em orações infinitivas quando o VP é complemento de um T [+Tense] que, conforme Martin, checa o Caso nulo do PRO em seu especificador. No caso de VP complemento de T não-finito, que não checa nenhum tipo de traço de Caso com o constituinte em seu especificador, a elipse não é permitida, como se verifica nos exemplos em (15), que são estruturas de alçamento com os verbos *seem* e *appear*.

(15)

a. * Carl Lewis may still [_{VP} be the fastest American], but he doesn't seem (to me) to [_{VP} e]

b. * Kim really can [VP be nice], even if she doesn't always appear to [_{VP} e]⁶⁵

Fatos sintáticos como estes levam Martin a concluir que as estruturas de alçamento com verbos como *seem* e *appear* selecionam um T [-Tense], que exhibe no seu especificador um vestígio do DP que aparece na posição de sujeito da matriz.

Como se pode ver, a ausência de uma posição de Caso estrutural, a dependência temporal da oração encaixada em relação à matriz (e outras propriedades relacionadas à ausência de um T [+Tense]) e a ausência de propriedades temáticas no núcleo da matriz associam as estruturas de alçamento do inglês às construções de reestruturação funcionais, conforme descrito por Wurmbrand.

No entanto, essa autora (2001:69) questiona a análise de Martin no que concerne ao critério usado pelo autor para comprovar a distinção entre as estruturas de controle e as de alçamento. O que Wurmbrand contesta é a relação

eventividade pressupõe a ligação de uma variável *evento* a um operador de Tempo, a conclusão desse autor é que existe no T da encaixada um operador temporal de algum tipo.

⁶⁵ Exemplos de Martin (1996:101).

estrita que Martin afirma existir entre verbos de controle/T[+tense]/complemento infinitivo com *tense* independente da matriz de um lado e verbos de alçamento/T[-tense]/ complemento infinitivo com *tense* dependente da matriz de outro lado. Wurmbbrand contra-argumenta, por exemplo, que existem construções de controle que licenciam infinitivas cuja categoria tempo se mostra dependente do tempo da matriz, como no exemplo em (16), em que a expressão de tempo da oração infinitiva se mostra incompatível com o tempo da matriz.

(16) *Hans versuchte Maria in zwei Monaten zu besuchen.

John tried Mary in two months to visit
'John tried to visit Mary in two months'

Além disso, Wurmbbrand mostra que construções com ECM (com verbos como *expect* 'esperar' e *want* 'querer') podem licenciar infinitivas com a categoria tempo independente do tempo da matriz, como ilustra o exemplo em (17)⁶⁶, em que o complemento infinitivo licencia uma expressão de tempo diferente do tempo da matriz e apresenta uma leitura eventiva⁶⁷.

(17) The bridge is expected to collapse tomorrow.

Wurmbbrand, então, pondera que distinguir essas duas classes de verbos por meio dos diagnósticos relativos ao tipo de [*tense*] no T da encaixada não seria a via mais adequada e propõe que as orações infinitivas se dividem em duas classes: infinitivas com categoria tempo e infinitivas sem categoria tempo,

⁶⁶ Exemplo de Boeckx, Hornstein & Nunes (2008)

⁶⁷ Como outra contra-evidência para a proposta de Martin, Boeckx, Hornstein & Nunes (2008) pontuam que PRO, que segundo Martin só é licenciado no especificador de T [+tense], pode funcionar como sujeito de orações gerundivas embora essas estruturas sejam consideradas como não marcadas por *tense* (i).

(i)

a. John hated [PRO eating turnips (*tomorrow)]

b. John preferred [PRO eating turnips (*tomorrow)]

podendo tanto verbos de construções de controle quanto verbos de construções de alçamento selecionar um ou outro tipo de oração infinitiva.

Voltando para as TCs I, está aqui sendo proposto que essas sentenças são construções de reestruturação, em que o DP objeto lógico da oração encaixada se move, desde a posição pós-verbal da oração infinitiva sem posição de Caso estrutural, para ter o seu traço de Caso checado junto ao T finito da matriz.

Observando-se as propriedades das estruturas de alçamento com *seem/appear* aqui descritas, percebe-se a similaridade entre essas construções e as TCs I. Em ambas as estruturas o sujeito sintático da matriz é derivado do movimento de um DP de um contexto em que não há um núcleo compatível para checagem de seu traço de Caso; o papel temático do DP é definido na oração encaixada e há dependência temporal da oração encaixada em relação à oração matriz. Essas propriedades coincidem com as características das sentenças analisadas por Wurmbrand como construções de reestruturação funcionais.

Uma análise para o comportamento sintático desse tipo de TC que vai na mesma direção da proposta assumida neste trabalho é trazida por Roberts (1997), para quem em construções *easy-to-please*, o adjetivo *easy* se comporta como um verbo reestruturante, induzindo à incorporação do verbo da oração encaixada ao predicado da oração matriz e, dessa forma, permitindo o movimento do objeto do verbo encaixado para a posição de sujeito sintático da oração matriz. Segundo sua análise, no inglês, devido à presença de PRO na posição de argumento externo da oração encaixada, o verbo *please* não é acoplado ao adjetivo. Corroborando a análise de Roberts, observe-se que, conforme mostram dados do sueco, a incorporação do verbo da oração encaixada ao adjetivo pode se dar tanto no componente coberto (18a) como também pode acontecer abertamente (18b) (cf. também o exemplo (65) do Capítulo IV)⁶⁸.

⁶⁸ Exemplos extraídos de Klingvall (2006).

(18)

a. Det här brödet är lätt att skära.

this bread-def is easy to cut

‘This bread is easy to cut.’

b. Den här skjortan är svårstruken.

This shirt-def is hard.iron- past.part

‘This shirt is hard to iron.’

Veja-se que em (18a), o verbo aparece na forma infinitiva, precedido da partícula de infinitivo *to*, e a acoplagem do verbo ao adjetivo não acontece. Já em (18b) o verbo do predicado encaixado, na forma de particípio passado, se acopla ao adjetivo *hard*, formando uma única palavra morfológica. Em ambos os casos, verifica-se o movimento do objeto lógico do verbo encaixado para a posição de sujeito sintático da oração matriz.

5.4. Dois problemas para a análise

Existem algumas sentenças que exibem *tough movement* que se apresentam como problemas para a proposta de que sentenças como (19a) abaixo representam construções de reestruturação, cuja oração infinitiva não projeta núcleos funcionais. Sentenças como (19b), em que um sintagma *for*-DP ocupa a posição pré-verbal, parecem ser contra-evidência para a afirmação de que as TCs I não projetam C (núcleo que hospeda complementizadores) e Voice, cuja posição de especificador é reservada ao argumento externo. Além desse tipo de sentenças, TCs em que se vê a adjunção de uma oração com lacuna parasita (19c), parecem ser uma evidência de que o núcleo F é projetado e, conseqüentemente, o argumento interno tem o seu traço de Caso checado antes do movimento para a posição de sujeito da matriz, uma vez que esse tipo de lacuna depende de uma outra lacuna na oração anterior derivada de movimento-A barra. Nas seções seguintes, esses dois tipos de sentenças serão discutidos. O

objetivo será verificar se essas construções representam contra-evidências para a análise apresentada neste trabalho.

(19)

- a. This paper is easy to file.
- b. This paper is easy for John to file.
- c. This paper is easy to file without his reading first.

5.4.1. O sintagma *for*-DP

Segundo Chomsky (1977), a presença do sintagma *for*-DP na oração completiva das construções com *tough movement* as aproxima de sentenças como essas em (20), em que um sintagma *for*-DP se encontra dentro da oração completiva antecedendo o verbo infinitivo e o DP complemento da preposição *for* é interpretado como agente do verbo do predicado encaixado.

(20)

- a. It is a waste of time for us [*for them* to teach us Latin]
- b. It is pleasant for the rich [*for the poor* to do the hard work]
- c. John is eager [*for Bill* to leave]
- d. John would be happy [*for Bill* to win]
- e. The house is ready [*for Bill* to buy (it)]⁶⁹

Observe-se, no entanto, que as TCs I e as sentenças em (20) acima apresentam comportamentos diferentes no que concerne às propriedades temáticas dos predicados envolvidos. Perceba-se que em (20c-d) é flagrante a relação temática entre o DP-sujeito e o adjetivo. De forma diferente do adjetivo *tough*, adjetivos como *eager* (ansioso) e *happy* (feliz) selecionam um DP como argumento independentemente das propriedades seletivas do predicado encaixado, ou seja, o DP que se vê na posição de sujeito de orações com esse

⁶⁹ Exemplos extraídos de Chomsky (1977:103).

tipo de adjetivo não é interpretado como argumento do predicado encaixado. Veja-se que a presença de um expletivo em SpecTP resulta em agramaticalidade (cf. (21)). O mesmo não ocorre em construções com o adjetivo *tough* que, como foi visto anteriormente, licencia este tipo de formação (22).

(21)

- a. *It is eager *for Bill* to leave.
- b. *It would be happy *for Bill* to win.
- c. *It is ready for John to buy the house.

(22) It is easy (for us) to please John.

Além da diferença relativa às propriedades temáticas do adjetivo *tough* e de adjetivos como *eager*, *happy* e *ready*, observe-se que, em (20), a supressão do sintagma preposicionado *for Bill* altera o sentido da sentença no que diz respeito ao argumento externo da oração completiva. Por exemplo, em (20c), na presença do *for-DP*, *Bill* é interpretado como argumento externo de *leave*; na sua ausência, o argumento externo do verbo encaixado é correferente ao sujeito da matriz *John*. Já em TCs I, a supressão do *for-DP* não interfere na significado da sentença; o que se afirmou sobre o tema da sentença continua sendo verdadeiro: com ou sem a presença do sintagma *for-DP*, a interpretação é que *John* é difícil de ser elogiado. Compare-se (23a) com (23b). As relações temáticas são alteradas com a supressão do sintagma *for-DP* em (23a), mas não em (23b).

(23)

- a. John is eager for Bill to leave. ≠ John is eager to leave.
- b. John is easy for us to please. = John is easy to please.

Considero, assim, que a proposta de Chomsky que prevê que a oração completiva de uma TC como (23b) seja essencialmente a mesma de sentenças

como (23a) não observa as diferenças relacionadas às propriedades temáticas dos adjetivos e dos verbos em questão.

Uma análise das TCs que considera as propriedades temáticas do adjetivo e do verbo das TCs e analisa a relação que se estabelece entre esses núcleos e o sintagma *for*-DP é apresentada por Hicks (op. cit.). Esse autor afirma que esse sintagma representa dois tipos distintos de constituintes conforme sua distribuição nas construções com predicado *tough* e usa como evidência o fato de TCs que apresentam o expletivo *it* na posição de sujeito da matriz admitirem mais de um *for*-phrase. Para Hicks, em um caso, *for* é uma preposição que subcategoriza como complemento um DP com o papel- θ de experienciador, atribuído pelo predicado *tough for*-DP; no outro, *for* funciona como complementizador e o DP como sujeito/agente da oração infinitiva (24).

(24)

- a. It would be awkward (for John) (for Mary) to join that dating agency.
- b. It would be [_{AP} awkward [_{PP} for John] [_{CP} for [_{TP} Mary [_{T'} to join that dating agency]]]

No entanto, o autor acrescenta, quando apenas um *for*-phrase está presente numa TC com expletivo *it*, como em (25a), a interpretação é ambígua. Sua estrutura pode corresponder à representação em (25b) – em que *John* é o experienciador de *awkward* ‘embaraçoso’ e também o agente de *join* ‘juntar-se/participar’ – e à representação em (25c) – em que *John* é apenas o agente de *join* e o experienciador de *awkward* é implícito ou tem interpretação arbitrária.

(25)

- a. It would be awkward for John to join that dating agency.
- b. It would be [_{AP} awkward [_{PP} for John] [_{CP} PRO to join that dating agency]]
- c. It would be [_{AP} awkward [_{CP} for John to join that dating agency]]

Já as TCs que exibem o objeto lógico do verbo encaixado na posição de sujeito da matriz apenas comportam um tipo de *for-phrase*. O que Hicks questiona é qual seria o tipo de *for-phrase* em uma TC como (26a). Ou seja, a sentença em (26a) tem uma representação sintática como (26b) ou (26c)?

(26)

- a. That dating agency would be awkward for John to join.
- b. That dating agency would be [_{AP} awkward [_{PP} for John] [_{CP} PRO to join]
- c. That dating agency would be [_{AP} awkward [_{CP} for John to join]

Para Hicks, o DP interpretado como agente da encaixada de sentenças como (26a) deve ser também interpretado como experienciador do adjetivo da matriz, o que significa que o sintagma *for-DP* de TCs como (26a) corresponde a um PP que se apresenta fora da oração infinitiva. Estivesse esse PP interno à oração encaixada, se depreenderia a leitura em que o DP *John* seria o agente da ação expressa pelo verbo da oração encaixada, mas o experienciador do adjetivo seria implícito ou teria interpretação arbitrária.

Uma outra evidência trazida por Hicks para mostrar que o sintagma *for-DP* de TC como (26a) representa um PP que se encontra externo à oração infinitiva é o fato de ele ser realizado mesmo nas ocorrências em que a oração infinitiva é omitida (27). Estivesse esse sintagma interno à oração infinitiva, o apagamento da oração resultaria também no seu apagamento.

(27) Mathematical problems involving quadratic equations are easy for me (to solve)

Hicks então conclui que, em construções como (26a), o sintagma *for-DP* é um PP argumento do adjetivo. E sua análise procede uma vez que, sendo um adjetivo avaliativo, o predicado *tough* pressupõe a existência de um

experienciador. Desta forma, o adjetivo *tough* seria um predicado de dois lugares que subcategorizaria como seus argumentos uma oração infinitiva e um DP preposicionado.

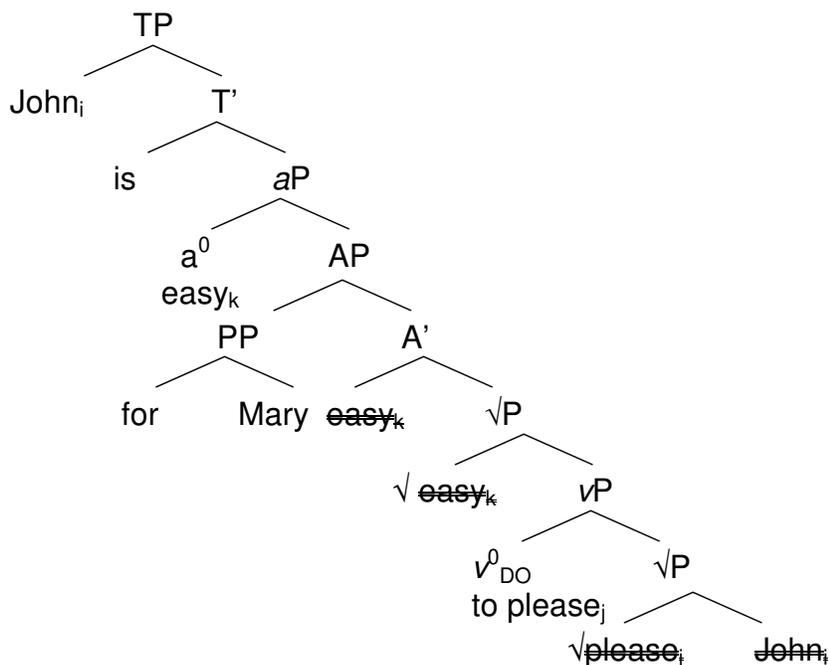
Assumindo-se com Hicks que o PP está fora do limite da oração encaixada, a análise adotada aqui para as TCs I se mantém sem problemas no que concerne ao tipo de projeção que representa a oração infinitiva. O constituinte ao qual o DP complemento da preposição está diretamente ligado é o adjetivo, ou seja, participa da oração matriz e não a cláusula infinitiva.

Assim, a estrutura que proponho para uma *tough construction* como (28a) é ilustrada em (28b). Essa estrutura não se distancia do que tenho proposto para as TCs I. A diferença é a inserção do sintagma *for*-DP.

(28)

a. John is easy for Mary to please.

b.



Essa estrutura, no que concerne à oração matriz, assemelha-se à apresentada por Hicks ao comportar mais uma camada do sintagma adjetival, nucleado pelo morfema funcional *a*⁰. Como já discutido, a sugestão desse

morfema funcional está em consonância com proposta da DM, que prevê que o morfema lexical é especificado quanto à categoria gramatical conforme o núcleo que o subcategoriza.

Todavia, essa análise e a de Hicks se distanciam no que diz respeito à oração encaixada. Como foi mostrado anteriormente, Hicks considera as construções com *tough movement* como derivadas da inserção de um operador nulo complexo na posição de objeto do verbo da oração encaixada. Esse operador nulo seria dotado de traços- ϕ -wh interpretáveis, responsáveis pela checagem dos traços- ϕ não-interpretáveis de v ; dos traços-wh não-interpretáveis – que serviriam de gatilho para o movimento para SpecCP – e também dos traços de Caso e EPP não-interpretáveis de T.

Aqui, o item lexical \sqrt{ease} inicialmente seleciona o complexo verbal [_{VP} v^0 DO [_{VP} \sqrt{to} please John]]. A raiz lexical *ease* é subcategorizada pelo a^0 . Com a projeção do sintagma *aP*, o PP é conectado ao objeto sintático já formado. Há então o movimento de *easy* para se adjungir ao a^0 , núcleo de *aP*. Em seguida, o T é selecionado e o verbo *is* ocupa o seu núcleo. Como já foi dito no percurso deste trabalho, a idéia é que a ausência de FP e VoiceP acarreta o movimento do DP argumento interno da encaixada para o SpecTP, onde checa seu traço de Caso e os traços não-interpretáveis de T. O fato de o item lexical \sqrt{ease} selecionar o complexo verbal [_{VP} v^0 DO [_{VP} \sqrt{to} please John]] reflete o escopo do adjetivo sobre o verbo da encaixada, em conformidade com a proposta de Vendler (op.cit), que observa a relação de modificação entre o adjetivo *tough* e o núcleo do predicado encaixado.

No entanto, embora sintaticamente a presença do sintagma *for*-DP não interfira na análise que está sendo proposta para as TCs I, veja-se que esse sintagma preposicionado interfere semanticamente no que está sendo assumido para as TCs I: enquanto a interpretação do sujeito lógico do verbo encaixado é arbitrária na ausência do sintagma *for*-DP, na presença desse sintagma, o DP que checa o papel- θ de experienciador do predicado *tough* é também interpretado como sujeito lógico do verbo da oração encaixada.

À primeira vista, isso estaria em desacordo com a proposta aqui defendida de que a posição de argumento externo do predicado encaixado das TCs I não é projetada. No entanto, assumindo-se que esse tipo de TC é uma construção de reestruturação, em que o verbo da oração encaixada é acoplado, no componente coberto, ao núcleo da oração encaixada, nos termos apresentados por Roberts (1997), parece razoável propor que, com o movimento do verbo para se acoplar ao adjetivo, forma-se um predicado complexo e, com isso, o argumento do adjetivo acaba por ser interpretado também como argumento externo do predicado encaixado.

Essa análise para as TCs I explica o contraste entre as sentenças em (29), apontado por Chomsky (1982:312).

(29)

- a. * The hard work is pleasant for the rich for the poor to do.
- b. The hard work is pleasant for the rich to do.

A sentença (29b), contendo apenas um *for-phrase* é gramatical enquanto (29a), que apresenta duas instâncias *for-phrase*, é agramatical.

Para a proposta de Chomsky, o contraste apresentado acima é problemático. Se, de acordo com a sua análise anterior (Chomsky, 1977), TCs são derivadas do movimento de um sintagma-wh nulo da posição pós-verbal para o SpecCP da encaixada somado à aplicação da regra de predicação entre o DP em SpecTP da matriz e a cabeça da cadeia formada pelo movimento do sintagma-wh nulo, por que sentenças como (29a) não são licenciadas? A única diferença entre as duas é a projeção do sintagma *for the poor* na posição de sujeito sintático da encaixada e tal projeção não interfere em movimento-wh.

A explicação de Chomsky (1982) para essa assimetria se baseia na aceitação de que o adjetivo *tough* e a oração complemento são submetidos à reanálise e passam a formar um predicado complexo. Desse modo, a categoria vazia na posição pós-verbal não é mais uma variável ligada a um elemento em

posição A-barrá. Passa a existir uma relação antecedente-anáfora entre o DP sujeito da matriz e a categoria vazia. Assim, para Chomsky, (29a) é agramatical porque a presença do sintagma (*for*) *the poor* impede a formação do predicado complexo, bloqueando também a ligação entre o DP sujeito da matriz e a categoria vazia pós-verbal da oração encaixada. No entanto, essa explicação para a sintaxe das TCs baseada em reanálise apresenta problemas relativos à inserção do DP em SpecTP na Estrutura Superficial (cf. capítulo II).

Tem sido defendido que as TCs I são construções de reestruturação. Sendo assim, a oração encaixada dessas estruturas não apresenta projeções funcionais como FP, VoiceP, TP ou CP, mas apenas um *vP*. Sendo um *vP*, a oração infinitiva não apresenta posição para Caso estrutural nem para argumento externo. Não projetando um CP, a oração encaixada não exibe uma posição para complementizador. Assumiu-se também que o predicado *tough* subcategoriza a oração infinitiva (*vP*) e um PP (*for*-DP) como argumentos internos. Dessa forma, a gramaticalidade da sentença em (29b) se explica. No caso de (29a), considerando-se que o primeiro *for*-DP participe da oração matriz e o segundo da oração encaixada, essa sentença é agramatical por apresentar itens lexicais que não encontram posição na sintaxe no curso da derivação da estrutura. Uma vez que na numeração não estão presentes o núcleo C encaixado nem o núcleo Voice, o complementizador *for* e o DP *the poor* não são selecionados da numeração e a derivação fracassa.

5.4.2. Construções *tough* e lacuna parasita

Uma outra particularidade das TCs que se coloca como um impedimento para a adoção de uma análise apresentada neste trabalho para as TCs I é o comportamento de TCs como as apresentadas em (30a) que, de acordo com alguns autores (cf. Engdahl, 1983; Lasnik & Uriagereka, 1988), licenciam lacuna parasita (30b).⁷⁰

⁷⁰ Exemplo de Engdahl (1983:12).

(30)

- a. These papers_i were hard for us to file
- b. These papers_i were hard for us to file e_i without reading pg_i.

O problema que (30b) traz para uma proposta de explicação baseada em movimento-A para as TCs I é que lacuna parasita tem sido analisada como uma categoria vazia que depende da existência de uma outra lacuna derivada por movimento-A barra. Na verdade, o licenciamento de sentenças como (30b) tem sido utilizado como um argumento para a proposta de que as TCs envolvem movimento-wh (Lasnik & Uriagereka, 1988).

Como ressaltam Lasnik & Uriagereka (1988), o requerimento de uma lacuna derivada de movimento-A barra na cláusula anterior explicaria o contraste entre (31a) e (31b)⁷¹. No primeiro exemplo, a categoria vazia que licencia a lacuna parasita é derivada do movimento A-barra do sintagma *which report*, enquanto na sentença passiva, a categoria vazia seria resultado de movimento-A do DP *the report*.

(31)

- a. Which report_i did you file e_i after you read pg_i.
- b. *The report_i was filed e_i after Bill read pg_i.

Observando-se as propriedades das sentenças com lacuna parasita, se perceberá que o fato de essas estruturas requererem uma lacuna derivada de movimento A-barra está relacionado a uma das propriedades de construções acusativas, que possuem núcleos relacionados à checagem de Caso acusativo. Isto significa que as propriedades de construções que permitem adjunção de uma oração com lacuna parasita são incompatíveis com a análise aqui proposta para as TCs I, de acordo com a qual, nessas sentenças VoiceP e FP não são

⁷¹ Exemplos de Lasnik & Uriagerka (1988:72-74).

projetados, o que resulta em uma estrutura sem posição para Caso acusativo e para argumento externo; mas compatíveis com uma análise baseada em movimento-A barra do argumento interno.

No entanto, conforme assinala Engdahl (1983), os julgamentos de construções com lacuna parasita variam entre os falantes:

When I started to collect judgments on sentences with parasitic gap, it became painfully clear to me that there is a lot of variation among speakers. Some speakers are very restrictive about which positions they accept parasitic gaps in, others are much more permissive. This makes indicating the status of the example sentences rather problematic. (Engdahl, 1983:8)

Esse mesmo tipo de variação encontrei entre os falantes por mim consultados. Embora na literatura sobre TCs seja afirmado que essas construções licenciam lacuna parasita, não foi consensual o julgamento sobre a gramaticalidade das TCs com lacuna parasita. Alguns falantes disseram ser gramaticais enquanto outros consideraram agramaticais sentenças como (32). Um dos informantes, diante da sentença em (32a), inseriu o pronome *them* após o verbo *reading*.

(32)

- a. Those books are tough to file without my reading first.
- b. This table is easy to clean without my polishing first.

A título de ilustração, um dos sujeitos consultados analisa as construções apresentadas e faz referência ao julgamento geral de falantes nativos. De acordo com este informante:

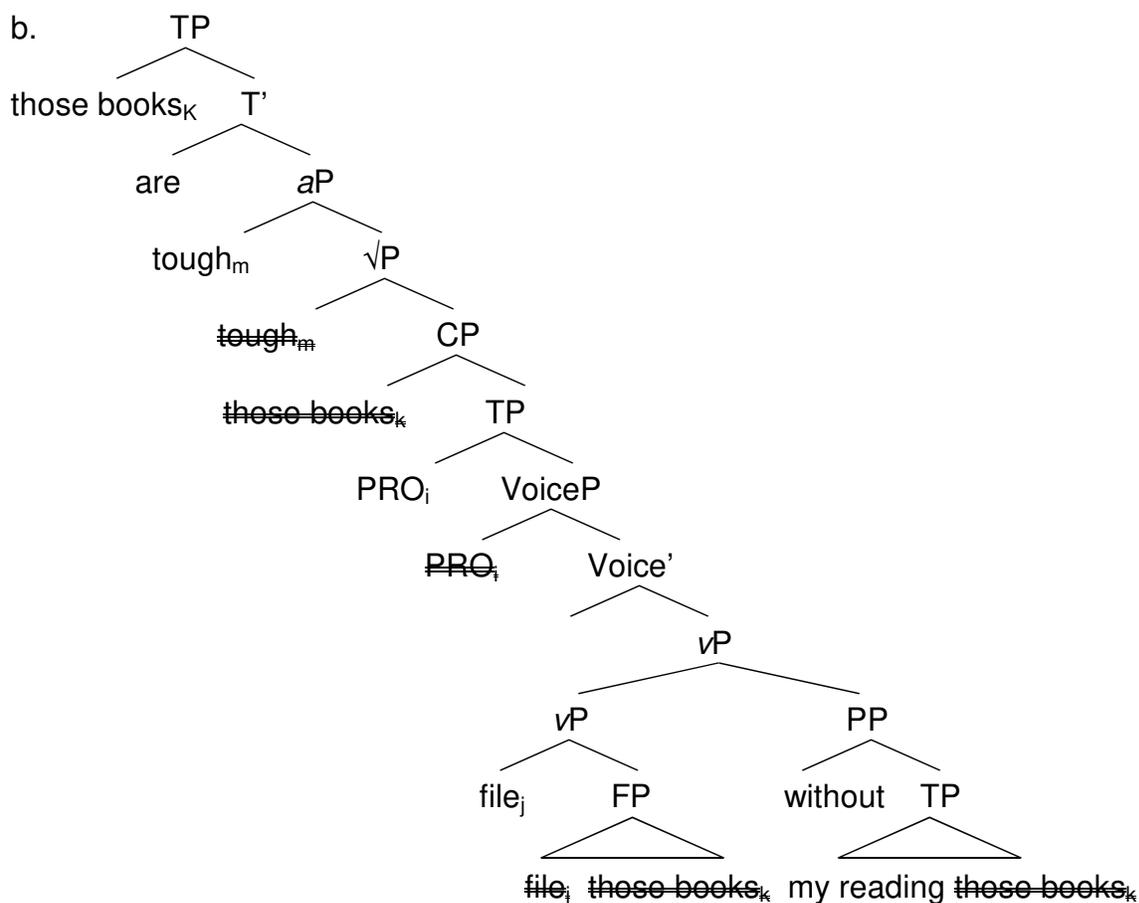
“Ah! The old issue of whether Tough Movement has A or A-bar properties! In my experience, average people really don’t treat tough movement like A-bar movement. I have to say that I agree with (what I think) is the silent majority

here. Although imbuing tough-movement with A-bar properties is not shockingly bad, it's pretty marginal, and the examples do *not* sound entirely fluid or natural. Oh yeah, the judgement: *? (question mark, star)."

Em face dessa variação, o que se presume é que estão em competição duas estruturas subjacentes para TCs como (32): uma que licencia adjunção de oração com lacuna parasita e outra que não licencia adjunção desse tipo de oração. Isso indicaria que os falantes que bloqueiam TCs com lacuna parasita derivam TCs como (32a) como uma estrutura em que FP e VoiceP não são projetados (cf. numeração em (33a)). Assumindo-se com Nunes (2004) que lacuna parasita é construída via movimento lateral, numa leitura em que (32) é agramatical, o DP *those books* seria gerado como objeto de *reading* e depois movido lateralmente para a posição de objeto de *file*. Como os núcleos F e Voice não estariam presentes, T e o DP *those books* entrariam em relação de checagem de seus traços não-interpretáveis e o DP *those books* seria movido para SpecTP e a lacuna “real” seria derivada de movimento-A do argumento interno. Da mesma forma como acontece com lacunas parasitas com sentenças passivas (cf. Nunes 2004: 198), a cópia interna ao adjunto não poderia formar cadeia nem com a cópia na posição de objeto de *file* (porque não estariam em configuração de c-comando) nem com a cópia em SpecTP (porque o DP *my* interviria entre as duas cópias). Nesse contexto, a cópia objeto de *reading* não seria apagada e a derivação fracassaria (33b).

(33)

a. N= {T_(3a. sing; Caso; EPP), $\sqrt{\text{be}}$, *a*, $\sqrt{\text{tough}}$, *v*, *to*, $\sqrt{\text{file}}$, {without ,T_(inf, +tense), *my*, Voice, *v*, *to*, $\sqrt{\text{read}}$, *those books*}}



Desta forma, a possibilidade de adjunção de uma oração com lacuna parasita não inviabilizaria a análise aqui proposta para as TCs I, mas seria uma evidência de que existem mais de um tipo de *tough movement* no inglês: TC I (que envolve movimento-A do argumento interno para o especificador de TP da oração matriz) e TC II (que compreende movimento A-barra do argumento interno). Somente esse segundo tipo de derivação licenciaria a presença de uma lacuna parasita.

Note-se que se a derivação de uma TC I com lacuna parasita é bloqueada por restrições relativas às condições de licenciamento desse tipo de lacuna, que não são encontradas nesse tipo de TC, do mesmo modo a derivação de uma TC I a partir de uma numeração com núcleos funcionais associados à TC II será

bloqueada. Considerem-se uma numeração como (35) – proposta para uma TC I – e outra como (36) para uma TC II.

(35) N= { T_(3a. sing; Caso; EPP), $\sqrt{\text{be}}$, a, $\sqrt{\text{tough}}$, v, to, $\sqrt{\text{file}}$, those books}

(36) N= { T_(3a. sing; Caso; EPP), $\sqrt{\text{be}}$, a, $\sqrt{\text{tough}}$, C_(+wh), T_(inf, +tense), PRO, Voice, v, to, $\sqrt{\text{file}}$, F, those books_(+WH)}

(37) Those books are tough to file.

A derivação de uma sentença como (37) com os itens funcionais da numeração em (36) fracassaria uma vez que núcleos como Voice, T_{inf} e C_(+WH) seriam selecionados da numeração, mas não encontrariam constituintes apropriados para checar seus traços não-interpretáveis. Note-se que a derivação, sendo iniciada com a seleção do item lexical *file* e do seu argumento *those books*, teria como passos seguintes a seleção de F e o movimento do DP para o SpecFP, onde checaria Caso acusativo estrutural. O núcleo Voice seria então selecionado da numeração. Mas o SpecVoiceP não seria preenchido uma vez que o único DP da numeração já checou o papel temático interno do verbo, ficando indisponível para checar o papel temático externo do mesmo predicado. O mesmo aconteceria com os núcleos T_{inf} e C_(+WH) da oração encaixada, que seriam selecionados da numeração, mas não teriam seus traços não-interpretáveis checados devido à ausência de constituinte com traços apropriados: o DP não checaria o traço EPP de T, uma vez que seus traços- ϕ já estariam indisponíveis para outras operações de checagem desse tipo e não checaria o traço [+WH] de C porque não é dotado de traço compatível. Deste ponto da derivação, já se conclui que o objeto sintático enviado para *Spell-Out* violaria a condição de *Full Interpretation*, uma vez que enviaria constituintes com traços não-interpretáveis pelos níveis de interface.

A questão que se põe é por que a opção com movimento A-barrado não está sempre disponível. Obviamente, essa possibilidade deve ser bloqueada, pois do contrário TCs I e TCs II não teriam propriedades diferentes. Seguindo as linhas gerais da proposta de Bošković (1997) para a estrutura de complementos

infinitivos, gostaria de propor que considerações de economia representacional são responsáveis pela exclusão dessa possibilidade indesejada.

Fundamentado na proposta de economia sobre representações apresentada por Law (1991), Bošković (1997) propõe o *Minimal Structure Principle*, de acordo com o qual uma vez que os requerimentos lexicais dos elementos relevantes tenham sido satisfeitos, se duas representações têm a mesma estrutura lexical e servem à mesma função, então a representação que tem menos projeções deve ser escolhida como a representação sintática que serve àquela função. No caso em questão, a derivação mais econômica para TCs monoclausais como *[DP is tough to V]* é a que não lança mão das projeções de Voice e F. Assim, TCs monoclausais deveriam sempre envolver movimento-A e não licenciar lacunas parasitas, o que, como vimos, corresponde aos julgamentos de parte dos falantes. Quanto aos falantes que permitem lacuna parasita com TCs monoclausais, uma sugestão apresentada por Jairo Nunes (c.p.) é que, para esses indivíduos, o licenciamento de uma lacuna parasita torna a comparação entre estruturas mais e menos complexas irrelevante, pois só a derivação complexa, com mais categorias funcionais e movimento A-barra, é que licencia lacunas parasitas. A questão de por que os falantes divergem quanto ao peso que o licenciamento de lacunas parasitas pode ter em relação ao cômputo de economia representacional fica ainda em aberto, a depender de pesquisas futuras.

5.5. Evidências translingüísticas para diferentes “*tough movements*”

Além da variação no julgamento de falantes do inglês quanto à gramaticalidade de TCs com lacuna parasita, a variedade de construções com *tough movement* encontrada em outras línguas naturais também representa uma evidência de que *tough movement* pode ser de tipos diferentes.

Um exemplo de língua que permite mais de um tipo de *tough movement* é o português brasileiro (PB). Porém a gramática do PB apresenta-se muito menos restritiva em relação às construções com predicado *tough* em que o objeto lógico ocupa a posição de sujeito da matriz do que a gramática do inglês. Sentenças

como (38)⁷² são semelhantes às TCs I do inglês em diversos aspectos como, por exemplo, o seu caráter estativo, que resulta na incompatibilidade com o tempo progressivo e com advérbios iterativos, como se vê em (39a-b), e na impossibilidade de funcionarem como complemento de verbos de percepção (39c) ou de verbos de controle de objeto (39d).

(38)

- a. O João_i é difícil de pagar e_i.
- b. O João_i é difícil de convencer e_i.

(39)

- a. *Este tipo de feijão está sendo difícil de cozinhar todos os dias.
- b. *Os políticos estão sendo fáceis de subornar a cada eleição.
- c. *Pedro viu João ser fácil de pagar/convencer.
- d. *Pedro forçou João a ser fácil de pagar/convencer.

Há também construções com *tough movement* do PB que apresentam um DP na posição de argumento externo da oração encaixada em que a categoria vazia correferente ao sujeito da matriz se encontra, indicando ter havido um movimento longo do objeto semelhante ao das TCs II (40).

(40) Esse livro é fácil de convencer Maria a ler.

No entanto, afastando-se do inglês, o PB admite construções com *tough movement* em que o verbo do predicado encaixado aparece no infinitivo flexionado, conforme aponta Galves (2001) (41). Nesses casos, o sujeito da oração encaixada pode ser identificado pela morfologia flexional presente no verbo (41a)⁷³ ou pela presença de um pronome na posição pré-verbal (41b). Nesse

⁷² Exemplos extraídos de Galves (2001:78-79).

⁷³ Exemplo de Galves (2001:79).

contexto, a exemplo do que acontece com TCs como em (40) acima, se inviabiliza a proposta com base em movimento-A do argumento interno para SpecTP, uma vez que o movimento deste DP, cruzando a posição de argumento externo do verbo encaixado, violaria Minimalidade.

(41)

- a. O João_i é difícil de e_j convenceremos_j e_i.
- b. O João_i é difícil de eles convencerem e_i.

Galves (2001) ainda mostra que um outro tipo de estrutura com o predicado *tough* permitida no PB exibe correferência entre o sujeito da oração matriz e o sujeito da oração encaixada (42).

(42)

- a. O João_i é difícil de e_i pagar.
- b. O João_i é difícil de e_i pagar a conta para sua mãe.

Nunes (2008) considera essas sentenças como estruturas de alçamento. Para ele, a preposição *de*, que antecede a oração infinitiva, é realização morfológica da checagem de caso inerente entre o adjetivo e a oração infinitiva. Assim, uma vez que o CP recebe Caso inerente, ele se torna indisponível para operações de movimento-A, permitindo que o sujeito se mova para o especificador de TP da matriz. Segundo Martins & Nunes (2005), esse movimento seria resultado de uma tendência geral do PB de reanalisar construções impessoais como construções de alçamento e permitido devido ao caráter defectivo do T da oração encaixada dessa língua (Rodrigues, 2000; Ferreira, 2000), que seria incapaz de checar o traço de caso do DP sujeito. Nesse contexto, conforme Martins & Nunes, uma sentença impessoal com uma estrutura como (43-a) é reanalisada como (43-b).

(43)

- a. [TP T_(+Caso) V [TP DP T_(+Caso) ...]]
b. [TP DP_i T_(+Caso) V [TP t_i (T-Caso) ...]]

Como um aspecto ainda mais interessante das TCs do PB, Ferreira (2000) mostra que nessa língua há construções com predicado *tough* que não se restringem às condições de movimento na sintaxe, podendo a lacuna co-indexada com o sujeito da matriz ocorrer dentro de ilhas sintáticas (44a)⁷⁴. O fato de a posição de argumento interno poder ser preenchida por um pronome foneticamente realizado (cf. (44b)) é utilizado por Ferreira como uma evidência de que essas estruturas envolvem dependência A-barra. Entretanto, tal dependência A-barra não seria de uma cópia apagada em relação ao constituinte movido, mas de um pronome resumptivo gerado na posição pós-verbal que seria ligado a um DP gerado na posição de tópico da oração encaixada. A estrutura que Ferreira propõe para uma sentença como (44b) está em (44c).

(44)

- a. Esses livros_i são fáceis da gente encontrar alguém que já tenha lido e_i mais de uma vez.
b. Esses livros são fáceis da gente encontrar alguém que já tenha lido *eles* mais de uma vez.
c. [TP [TP Estes livros são [AP fáceis estes livros]] [TopP estes livros [CP da gente encontrar alguém que já tenha lido *pro* mais de uma vez]]]

Por outro lado, há línguas que restringem as construções com *tough movement* a apenas aquelas com movimento curto do argumento interno. Wurmbbrand (2001) mostra que o alemão licencia a formação de TCs somente em

⁷⁴ Exemplo de Ferreira (2000:97).

contextos em que o movimento é estritamente local, não admitindo movimento longo. Note-se o contraste entre (45a) e (45b)⁷⁵.

(45)

a. Diese Texte sind leicht zu lesen

These texts are easy to read

'These texts are easy to read'

b. *Dieses Buch ist schwer Hans zu überzeugen zu lesen.

This book is hard John to convince to read

'This book is hard to convince John to read'

Esse mesmo padrão Wurmbrand observa em línguas românicas, como o italiano (46) e o francês (47) (conforme mostrado no capítulo I através dos dados de Authier & Reed (2009))

(46)

a. Questo libro è difficile da finire prima di lunedì

this book is difficult to finish before Monday

'This book is difficult to finish before Monday'

b. *Questo libro è difficile da convincere Mario a finire prima di lunedì

this book is difficult to convince Mario to finish before Monday

'this book is difficult to convince Mário to finish before Monday'

⁷⁵ Exemplos de Wurmbrand (2001: 27,29).

(47)

- a. Ce genre de livre serait difficile à lire
this kind of book would-be difficult to read
'This kind of book would be difficult to read
- b. *Ce genre de livre serait difficile à convaincre Jean de lire
this kind of book would-be difficult to convince Jean to read
'This kind of book would be difficult to convince Jean to read

Além disso, conforme mostram exemplos de Raposo (1987:104), as TCs do português europeu (PE) também licenciam apenas movimento curto do argumento interno (cf. contraste entre (48a) e (48c), mas com uma particularidade de formar TCs em que a oração encaixada está na forma passiva (48b). Sitaridou (2005) atribui a agramaticalidade de (48c) ao fato de o PE não licenciar movimento longo do objeto.

(48)

- a. Esses relógios são difíceis de arranjar.
b. Esses relógios são difíceis de serem arranjados.
c. *Esses relógios são difíceis de arranjarmos.

Segundo Sitaridou, o grego moderno apresenta um comportamento similar ao do PE no que diz respeito ao tipo de movimento que o argumento interno pode ser submetido numa TC. Conforme ilustram os exemplos em (49), no grego moderno TC são licenciadas apenas com movimento curto (49a), porém com a oração infinitiva na voz passiva. Conforme se vê em (49b), TCs em que o verbo se apresenta no infinitivo flexionado não são permitidas, o que sugere o bloqueio de movimento longo nessas construções. Ainda segundo Sitaridou, a inserção do pronominal *to* (*it/ele*) na posição pós-verbal seria uma estratégia de salvamento da estrutura (49c).

(49)

- a. Afto to roloi ine diskolo na diorthothi
this watch be-3SG difficult de repair-PASS3SG
'This watch is difficult to be repaired'
- b. *Afto to roloi ine diskolo na diorthosome
this watch be-3SG difficult na repair- 1PL
'This watch is difficult for us to repair'
- c. Afto to roloi ine diskolo na to diorthosome
this watch be-3SG difficult na it repair- 1PL
'This watch is difficult for us to repair'

O que a diferença nos julgamentos de falantes nativos do inglês e a discrepância no comportamento das TCs entre as línguas indicam é que as construções com predicado *tough* em que o objeto lógico do verbo ocupam a posição de sujeito da oração matriz estão sujeitas a uma variação intra e trans-lingüística no que concerne ao tipo de movimento a que o objeto é submetido.

5.6. *Tough constructions* e movimento longo

Até este ponto do trabalho, foi apresentada uma análise para as TCs em que se identifica uma co-interpretação entre o DP na posição de sujeito da oração matriz e a categoria vazia na posição de objeto direto (TC I). A hipótese defendida foi a de que essas sentenças são construções de reestruturação e que o movimento do DP desde a posição de argumento interno do verbo até a posição de sujeito da matriz é motivado pela ausência de caso acusativo estrutural na oração infinitiva, que não projetaria VoiceP e FP. Além das propriedades semânticas e sintáticas de uma sentença como (50), essa análise conseguiu explicar o contraste entre as sentenças em (51). No entanto, como já foi

mencionado, outros tipos sentença com *tough movement* não podem ser analisados como derivados de movimento-A (52).

(50)

- a. John is tough to convince.
- b. This book is easy to read.

(51)

- a. * The hard work is pleasant for the rich for the poor to do.
- b. The hard work is pleasant for the rich to do.

(52)

- a. John_i is easy to persuade Mary to please.
- b. This girl is hard to convince Bill to marry.
- c. John is easy to convince Bill that he should meet.
- d. John is easy to convince Bill to arrange for Mary to please.

Um outro fato envolvendo TCs que uma análise que prevê o movimento-A do argumento interno não consegue resolver é o contraste entre as sentenças em (53).

(53)

- a. *Which sonatas_i are the violins_k easy to play t_i on t_k?
- b. Which violins_k are the sonatas_i easy to play t_i on t_k ?

Essas sentenças, por se parecerem sintaticamente, têm sido analisadas como pertencentes a um mesmo tipo de TC. Aqui, apresentarei uma proposta de análise para as TCs em (53), fundamentando-me em Hornstein (2001) e, a partir desta, mostrarei que essas sentenças em (53) podem ser explicadas considerando-se diferentes tipos de *tough movement*.

5.6.1. A sintaxe das TCs II: Hornstein (2001)

Hornstein (2001) apresenta uma proposta de análise para as TCs, de acordo com a qual a relação temática que se observa entre o objeto da oração encaixa e o sujeito da matriz seria derivada do movimento do objeto da posição pós-verbal motivado pelo traço temático do adjetivo núcleo da oração matriz. Nessa proposta, o DP seria dotado de algum traço A'/WH que o habilitaria a ser promovido para uma posição mais alta na sintaxe.

A idéia de promoção de um DP parece encontrar um respaldo de ordem pragmática uma vez que a promoção de um argumento não-agente para a posição de sujeito sintático é um recurso disponível quando se quer topicalizar um elemento da sentença que não seja o agente⁷⁶.

O problema que foi observado por Hicks (op.cit.) nessa análise é que ela estabelece que o DP checa os traços- θ do verbo da encaixada antes do movimento para o especificador de CP, mas nada é dito sobre os traços- ϕ e de Caso desse núcleo; o DP entra em checagem de traços- ϕ e de Caso com o T da matriz. Da forma como foi implementada, a derivação da sentença fracassaria, pois, assumindo-se um sistema verbal com traços formais completos (traços- ϕ e de Caso não-interpretáveis), esse núcleo chegaria a LF com esses traços não-interpretáveis ativos.

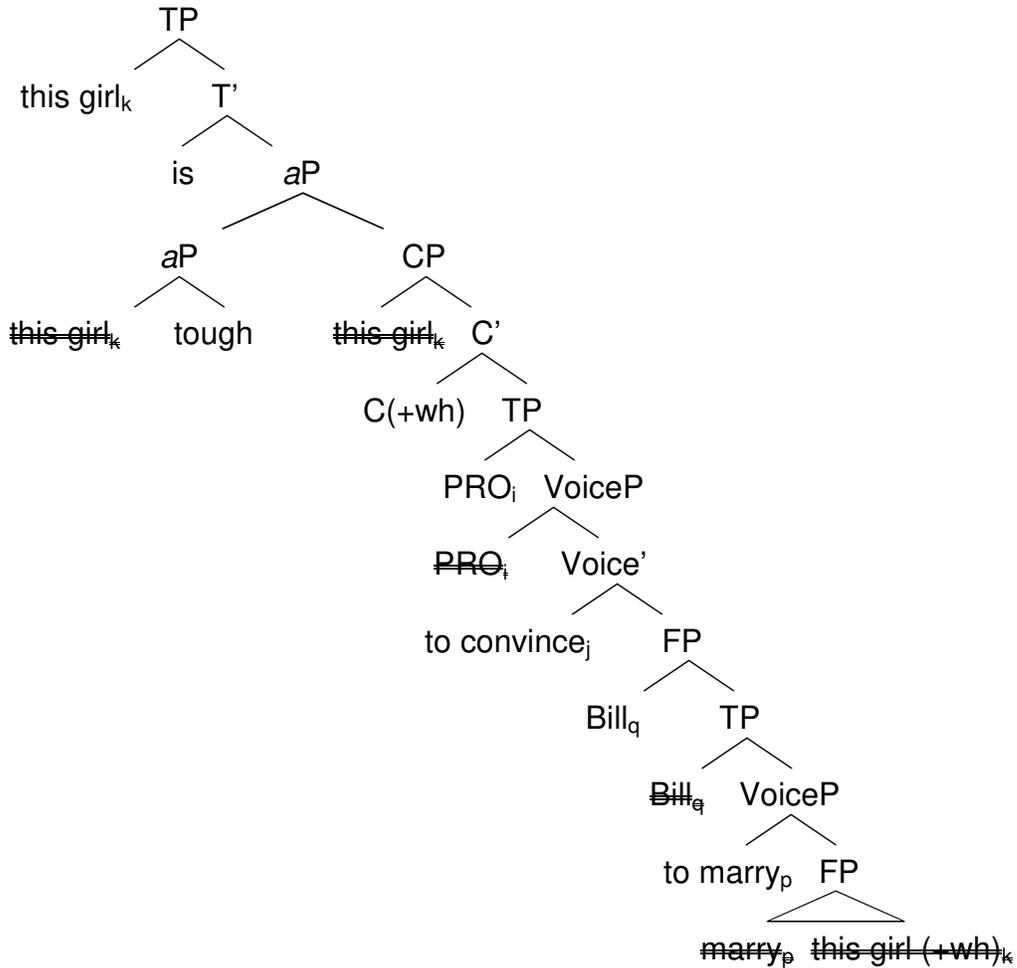
No entanto, assumindo-se, neste trabalho, que a estrutura sintática de uma TC II como (54a) se apresenta como (54b), em que os núcleos Voice e F estão presentes e por isso licencia projeção de argumento externo e checagem de Caso acusativo, essa proposta de Hornstein de que o argumento interno do verbo encaixado é dotado de um traço A'/WH explica o movimento a que esse DP é submetido.

⁷⁶ Conforme nota Jairo Nunes (c.p.), esse traço A'/WH proposto por Hornstein pode ser traduzido como [+Top].

(54)

a. This girl is hard to convince Bill to marry.

b.



Veja-se que na derivação em (54b) o complemento oracional apresenta uma estrutura completa no que concerne à estrutura argumental dos predicados. O núcleo da oração infinitiva mais encaixada *marry* exibe como argumento interno o DP *this girl* e como argumento externo o DP *Bill*. Essa oração infinitiva, por sua vez funciona como complemento do verbo *convince* da primeira oração infinitiva, subcategorizada pelo predicado *tough*. Esse verbo tem como argumento interno o mesmo DP *Bill*, argumento externo do verbo *marry*. Percebe-se então que a estrutura em questão evidencia um contexto de controle de objeto.

Para explicar a sintaxe desse tipo de estrutura, assumo uma outra hipótese de Hornstein (op.cit) segundo a qual, controle obrigatório é derivado de movimento e papel temático é traço que precisa ser checado, podendo motivar o movimento de um DP já com um papel temático para uma outra posição temática. Porém, para preencher a posição sintática de sujeito de referência arbitrária, assumirei um PRO, que teria seu traço de Caso (Caso nulo) checado por um T[+tense] (cf. Martin, 1996; Bošković, 1997).

Assim, na derivação aqui proposta, o DP *this girl* checa o papel- θ interno do verbo *marry*. O DP *Bill*, após checar papel- θ externo do verbo *marry*, é atraído para o SpecTP, checa o traço EPP do núcleo desse sintagma e depois se move para o especificador do núcleo F do predicado mais alto, posição onde tem seu traço de Caso checado como acusativo. A posição de argumento externo do predicado *convince* é saturada por um PRO que, após a projeção de T, se move para o SpecTP da oração infinitiva e checa o traço EPP de T. O DP *this girl*, motivado por seu traço A'/WH, se move para o SpecCP da oração encaixada. Desta posição, o adjetivo *easy* identifica esse DP como candidato apropriado para a checagem de seus traços temáticos e o DP se move lateralmente (cf. Nunes 1995, 2001) para se conectar ao adjetivo. Em seguida o DP é alçado à posição de especificador de T.

A concordância que se verifica entre o T e o DP objeto lógico do verbo encaixado em TCs II como (52a) é uma questão que terei de deixar de lado neste trabalho. Esse problema também é encontrado nas análises para as sentenças com lacuna parasita baseadas em movimento lateral propostas por Nunes (2001, 2004) e por Hornstein (2001), não sendo então específico das TCs II. Assim, apenas para efeito de discussão, mesmo sem apresentar um motivo sintático que explique tal fato, assumirei que a Condição de Atividade proposta por Chomsky não se aplica nas relações de checagem estabelecidas por movimento lateral. Se esta for a análise correta, o DP argumento interno de TCs II como (54a), quando é movido lateralmente para checar o papel- θ do predicado *tough*, ainda se

encontra ativo para entrar em relação de checagem com o núcleo T da matriz, eliminando os traços- ϕ não-interpretáveis desse núcleo.

Dessa forma, a proposta de derivação para uma TC como (54a) também se aplica a sentenças como (55a).

(55)

- a. John is easy to convince Bill to arrange for Mary to please.
- b. K = [_{CP} for Mary to please John]
- c. K = [_{CP} John [_C for [_{TP} Mary to please ~~John~~]]]
- d. K = [_{TP} Bill to arrange [_{CP} John [_C for [_{TP} Mary to please ~~John~~]]]]]
- e. K = [_{CP} John [_{TP} PRO to convince [_{TP} Bill to arrange [_{CP} ~~John~~ [_C for [_{TP} Mary to please ~~John~~]]]]]]]
- f. O = [A easy] K = [_{CP} John [_{TP} to convince [_{TP} Bill to arrange [_{CP} ~~John~~ [_C for [_{TP} Mary to please ~~John~~]]]]]]]
- g. O = [_{AP} John A easy] K = [_{CP} John [_{TP} to convince [_{TP} Bill to arrange [_{CP} ~~John~~ [_C for [_{TP} Mary to please ~~John~~]]]]]]]
- h. O = [T is [_{AP} John A easy] K = [_{CP} John [_{TP} to convince [_{TP} Bill to arrange [_{CP} ~~John~~ [_C for [_{TP} Mary to please ~~John~~]]]]]]]]]
- i. O = [_{TP} John [T is [[_{AP} John A easy]]] K = [_{CP} John [_{TP} to convince [_{TP} Bill to arrange [_{CP} ~~John~~ [_C for [_{TP} Mary to please ~~John~~]]]]]]]]]]]
- j. P = [_{TP} John [T is [[_{AP} ~~John~~ A easy]]] [_{CP} ~~John~~][_{TP} to convince [_{TP} Bill to arrange [_{CP} ~~John~~]][_C for [_{TP} Mary to please [~~John~~]]]]]]]]]]]

Considerando-se com mais atenção o DP argumento interno da oração encaixada, a derivação em (55) começa com a formação do CP mais encaixado (55b). Em seguida, o DP *John* se move para SpecCP motivado por traços A'-WH (55c). A derivação continua com a conexão das orações e com o movimento do DP *John* para o SpecCP da primeira oração encaixada. Uma segunda estrutura se inicia com a seleção do adjetivo *easy* (55f). Seus traços temáticos atraem o DP *John*. Este DP é submetido a um movimento lateral para a posição de argumento

interno do adjetivo (55g). Em seguida, o T entra na derivação e checa seus traços não-interpretáveis junto ao DP *John*, que se move para a posição de especificador de T (55i). Neste ponto da derivação, o objeto sintático K se adjunge ao objeto sintático O, formando o objeto sintático P e as cópias do DP são apagadas (55j).

5.7. Uma vantagem da proposta

A adoção de uma análise para as TCs do inglês que preveja dois tipos de movimentos distintos (movimento-A, para TC I e movimento-A barra para TC II) consegue explicar a o contraste em (53), repetido em (56) abaixo.

(56)

- a. *Which sonatas_i are the violins_k easy to play t_i on t_k?
- b. Which violins_k are the sonatas_i easy to play t_i on t_k ?

Note-se que, sem movimento-wh, ambas as estruturas são bem-formadas, o que demonstra que a formação de TCs é licenciada nos dois casos (57).

(57)

- a. The violins_k are easy to play the sonatas on t_k.
- b. The sonatas_i are easy to play t_i on these violins.

Chomsky (1982:310) explica que, considerando-se que S é uma categoria fronteira para o inglês, uma vez que o movimento-wh do PRO (gerado em posição pós-verbal) para COMP nas TCs acontece dentro do complemento oracional do adjetivo, a estrutura em (56a) se torna uma ilha para outros movimentos. Assim, o movimento de *which sonatas* para o COMP da matriz viola subjacência. A representação sintática proposta por Chomsky (p.309) está em (58).

(58)

- a. John is [AP [_S COMP [_S PRO to please PRO]]]
- b. John is [AP [_S PRO_i [_S PRO to please t_i]]]

Segundo o autor, estruturas como (56a) são muitas vezes consideradas mais inaceitáveis do que violações de ilha-wh. No entanto, ele observa que a restrição que bloqueia (56a) deveria também bloquear (56b); o que não acontece. Para justificar o contraste em (56), Chomsky observa que movimento-wh de sintagmas periféricos é mais aceitável do que violações de ilha-wh. Assim, ele conclui que extração de um sintagma interno a um adjetivo complexo (o objeto direto *which sonatas* em (56a)) parece ser uma violação muito grave enquanto extração de um sintagma periférico (o adjunto *which violins* em (56b)) não é tão grave.

A análise a ser apresentada aqui considerará que o par em (56) possui estruturas subjacentes diferentes. Inicialmente, considerem-se as sentenças em (57b) e (56b), repetidas em (59).

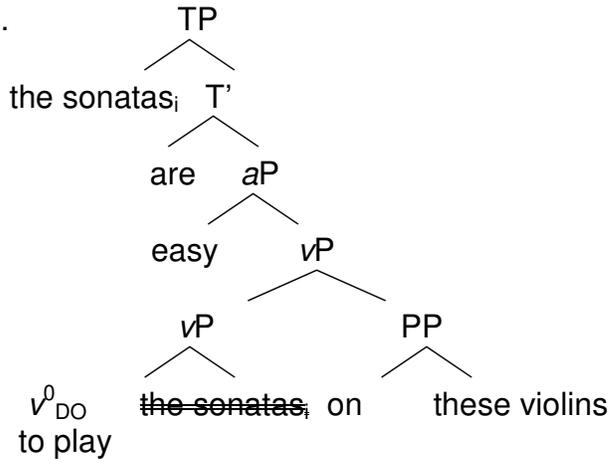
(59)

- a. The sonatas_i are easy to play t_i on these violins.
- b. Which violins_k are the sonatas_i easy to play t_i on t_k ?

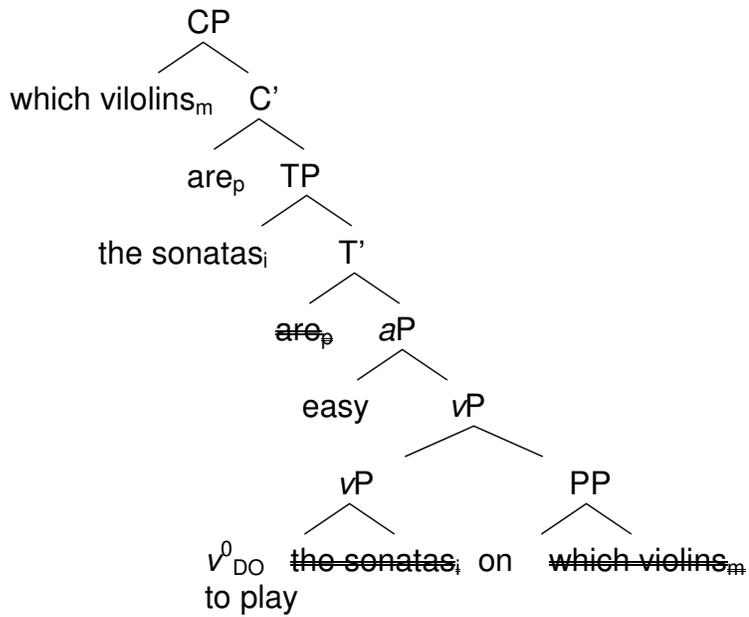
Note-se que em (59a) o DP *the sonatas*, que aparece na posição de sujeito da matriz, é interpretado como objeto lógico do verbo *play*, sendo assim o antecedente da lacuna pós-verbal. Assumindo-se que essa sentença tem subjacente uma construção de reestruturação, (59a) é explicada pelo movimento do DP *the sonatas*, que recebe o papel- θ tema do verbo da encaixada, para a posição de sujeito da matriz, motivado pela necessidade de checagem de traços não-interpretáveis do DP e do T da matriz. A sentença em (59b), sendo derivada de (59a), resulta do movimento para CP do DP adjunto *which violins* após ter checado o seu traço de Caso com a preposição. As derivações das estruturas de (59a) e (59b) estão em (60a) e (60b).

(60)

a.



b.



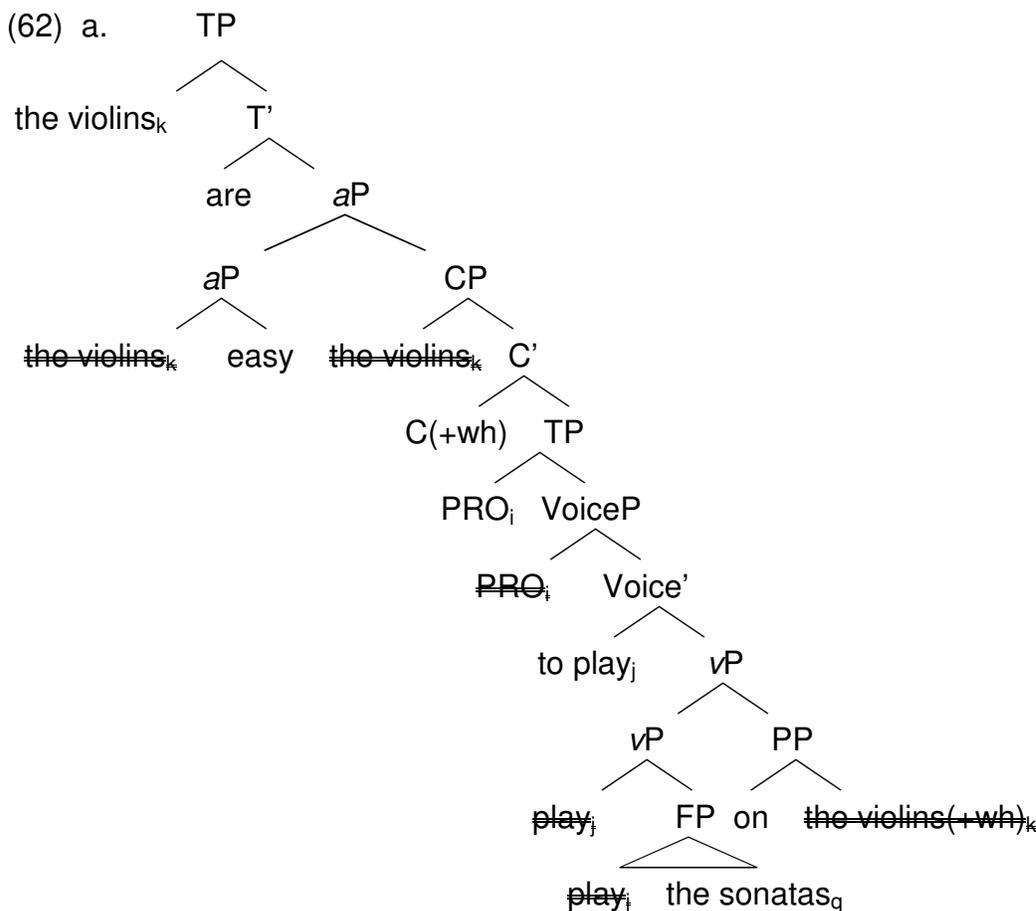
Agora, considerem-se as sentenças em (57a) e (56a), repetidas em (61).

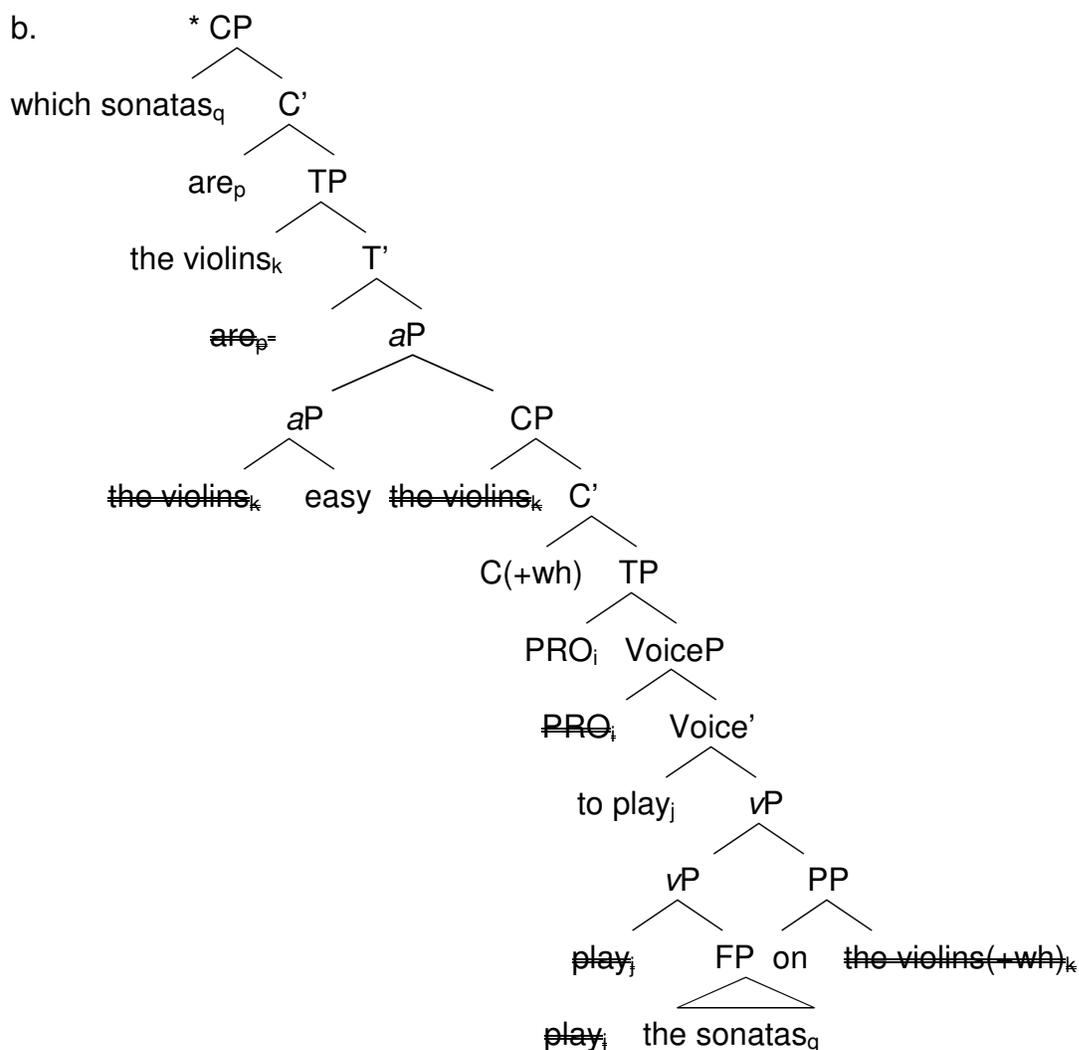
(61)

a. The violins_k are easy to play the sonatas on t_k.

b. *Which sonatas_i are the violins_k easy to play t_i on t_k?

Em (61a), o DP *the violins*, que se encontra na posição de sujeito da matriz não é interpretado como objeto lógico do verbo, mas como um adjunto. O objeto lógico do verbo se encontra *in situ*, o que indica que o sistema verbal dessa sentença é capaz de checar o traço de Caso do argumento interno, logo diferente do sistema verbal de sentenças como (59), em que FP não é projetado. O que proponho, então, é que essa sentença não se enquadra na classe de TCs I, mas na de TC II. O movimento de *the violins* para SpecTP, passando pelo CP, seria motivado por um traço A’/WH, do modo proposto por Hornstein e assumido, neste trabalho. Desse modo, o movimento posterior do DP *the sonatas* para CP resulta em agramaticalidade porque no trajeto para o SpecCP da matriz, esse DP teria que passar pelo SpecCP encaixado, posição já ocupada pela cópia do DP *this violin*. As estruturas sintáticas de (61a) e (61b) estão em (62a) e (62b).





Como se percebe, essa análise explica a relação de correferência entre o sujeito da matriz e a lacuna pós-verbal nas TCs II e consegue capturar o contraste entre os pares de sentenças em (59) e (61). Além disso, essa análise explica a estrutura das sentenças em (63c) que, segundo Chomsky (1977), apresenta a mesma estrutura das TCs, mas que será aqui mostrada como um tipo de sentença que exibe um comportamento similar apenas ao das TCs II. Antes, porém, será mostrado que no caso de sentenças como essas em (63a-b) que, como foi visto nesse trabalho, Chomsky também analisa como projetando uma estrutura similar às TCs, não está envolvido nenhum tipo de *tough movement*.

(63)

- a. John is eager [*for Bill to leave*]
- b. John would be happy [*for Bill to win*]
- c. The house is ready [*for Bill to buy (it)*]⁷⁷

Conforme a análise apresentada para as TCs I nos capítulos anteriores, nota-se que as sentenças em (63a-b) são diferentes desse tipo de TC no que se refere à transitividade do verbo da oração encaixada e a sua capacidade de checar Caso acusativo do argumento interno. Veja-se, de antemão, que em (63a), se encontra um verbo intransitivo *leave* e, como vimos anteriormente, os verbos que participam das TCs I devem ser transitivos e o constituinte que se move para SpecTP da matriz nas TCs I é o argumento interno desse verbo (cf. a agramaticalidade / marginalidade de (64)).⁷⁸ No que concerne ao exemplo em (63b), note-se que o verbo empregado é transitivo como o verbo das TCs I, mas, embora o argumento interno do verbo *win* não esteja foneticamente realizado, essa posição poderia ser preenchida por um DP sem nenhum prejuízo para a sentença (cf. (65)). Além disso, o DP *Bill* funciona com argumento externo do verbo (*leave* e *win*); assim, uma vez que a oração encaixada infinitiva apresenta um T defectivo no que concerne à capacidade de checar o traço de Caso do DP, for do núcleo de CP, checa o traço do caso do argumento externo. Desta forma, se for observada a estrutura argumental dos verbos dessas sentenças se perceberá que não há nenhuma relação de correferência entre o sujeito da oração matriz e a lacuna pós-verbal e as sentenças em (63a-b) são excluídas das TCs.

(64)

- a. *John_i is tough to e_i win.
- b. ?? Mary is tough to believe e_i saw you.

⁷⁷ Exemplos extraídos de Chomsky (1977:103).

⁷⁸ Exemplos extraídos de Culicover (1997:207).

(65) John would be happy for Bill to win the game/the race/ the competition.

Quanto à sentença em (63c), percebe-se a identidade entre o DP na posição de sujeito da oração matriz e a lacuna pós-verbal, característica das construções com *tough movement*, mas a possibilidade da presença de um pronominal em posição pós-verbal nessas construções em (63c) indica que a lacuna nessa sentença não seria resultado do mesmo tipo de movimento proposto aqui para as TCs I.

Assumindo-se que sentenças como (63c) são derivadas de movimento-A barra, como as TCs II, uma possibilidade de explicação para o preenchimento da posição pós-verbal seria considerar o constituinte *it* como a realização fonética do vestígio do sintagma movido. Essa proposta para (63c) fundamenta-se na análise de Nunes (2004) para sentenças em que uma cópia do constituinte movido para o SpecCP da oração matriz é foneticamente realizada no SpecCP intermediário. O exemplo em (66) é do frisão.⁷⁹

(66) Wêr tinke jô wêr't Jan wennet?
where think you where-that Jan lives
'Where do you think that Jan lives?'

Nunes arrazoa que a derivação de (66) deveria ser cancelada uma vez que se as duas instâncias de sintagma-wh não são cópias distintas, a co-ocorrência das duas deveria evitar que a estrutura fosse linearizada, conforme LCA (Kayne, 1994)⁸⁰. Então, assumindo com Chomsky (1995) que LCA não se aplica internamente à palavra, o autor propõe que a gramaticalidade de sentenças como (66) se explica por meio de um processo de reestruturação morfológica em que uma das cópias se cliticiza a um núcleo, estes passam a ser interpretados por

⁷⁹ Exemplo de Hiemstra (1986, apud Nunes (2004)).

⁸⁰ De acordo com o LCA (Axioma de Correspondência Linear), uma categoria α precede β se e somente se α c-comanda β assimetricamente ou γ precede β e domina α .

LCA como uma palavra e a linearização torna-se possível. No exemplo em (66) a cópia intermediária teria se cliticizado ao núcleo C.

Deste modo, com base na análise de Nunes para sentenças como (66), proponho que *it* em (63c) seja a realização fonética do vestígio do constituinte movido que, após ter checado o traço do papel temático junto ao verbo, foi alçado para F e se cliticizou a esse núcleo, *it-F* sendo reanalisados pelo componente fonológico como uma palavra⁸¹.

Em resumo, a sentença mostrada em (63c) – repetida em (67a) abaixo não compartilha da mesma estrutura de uma TC como (67b) uma vez que enquanto a primeira admite o preenchimento da posição pós-verbal por um vestígio do constituinte movido, a construção com predicado *tough* não admite tal recurso. A impossibilidade da realização fonética desse vestígio que, em (67a), teria se cliticizado a F é mais uma evidência de que uma TC I como (67b), diferentemente das TC II, não projeta o núcleo que checa o traço de Caso do argumento interno.

(67)

- a. The house_i is ready for John to buy (it_i).
- b. John_i is easy (for us) to please (*him_i).

5.8. Conclusão

Nesse capítulo foi mostrado que TCs I como (68a) podem ser analisadas como sentenças que têm subjacente uma construção de reestruturação. Desta forma, a oração infinitiva subcategorizada pelo predicado *tough* seria desprovida de projeções funcionais (FP, VoiceP, TP ou CP). A representação sintática apresentada para esse tipo de sentença com predicado *tough* é ilustrada em (68b).

⁸¹ Uma outra possibilidade de explicação para a sintaxe de sentenças como (63c) aventada por Jairo Nunes (c.p.) seria considerar que se o pronome *it* não participa da estrutura, o DP *the house* é gerado na posição de objeto, gerando uma TC II; mas se o pronome faz parte da numeração, este é gerado na posição de objeto e o DP *the house* como argumento do adjetivo *ready*.

(68)

a. John is easy (for Mary) to please.

b. [TP John_i T is [_{aP} a⁰ easy_k ([_{aP} [PP for Mary])] [_{vP} ease_k [_{vP} v⁰_{CAUSE} to please_j [_{vP} v⁰_{please_j} John_i]]]]]]]]

Com a ausência desses núcleos funcionais, a oração encaixada desse tipo de TC representa um vP (nos temos propostos por Halley (op.cit.)). Sendo essa estrutura mono-clausal, ficam explicados a dependência temporal da oração encaixada em relação à oração matriz e o não licenciamento de negação sentencial da oração encaixada.

Sobre a presença do sintagma *for*-DP antes do verbo da oração encaixada, foi assumido, com base nas evidências trazidas por Hicks (2003), que o PP está diretamente ligado é o adjetivo, sendo um de seus argumentos, logo fora do limite da oração encaixada. Desta forma a possibilidade de inserção desse sintagma numa TC como (68) não se constitui uma contra-evidência para a análise aqui defendida sobre o tipo de projeção que a oração infinitiva das TCs I representa.

No que concerne à possibilidade de adjunção de uma oração com lacuna parasita a uma TC I (69), foi mostrado que a aceitação desse tipo de construção não foi consensual. Para alguns dos falantes nativos consultados (69) era gramatical, mas para outros a sua aceitação estava condicionada à inserção do pronome *them* após o verbo.

(69) Those books are tough to file without my reading first.

Considerando-se o *Minimal Structure Principle* proposto por Bošković (1997), o que se questionou foi que se a derivação mais econômica para TCs monoclausais como (68a) é aquela que não projeta Voice e F e, assim, a ordem que se vê é resultante de movimento-A do DP argumento interno do verbo da oração encaixada para o SpecTP da oração matriz, essas estruturas não devem

licenciar lacunas parasitas, o que, como vimos, corresponde aos julgamentos de parte dos falantes.

A variação de aceitabilidade nos julgamentos de TC com lacuna parasita e a variedade de estruturas com *tough movement* nas línguas naturais foram utilizadas como mais uma evidência de que existem diferentes tipos de movimentos sintáticos que resultam numa sentença com predicado *tough* em que o objeto lógico ocupa a posição de sujeito da oração matriz.

Com as TCs I sendo analisadas como construções de reestruturação, para explicar a sintaxe das TCs II, assumiu-se a hipótese de Hornstein (2001) de que o alçamento do argumento interno em direção ao SpecTP nesse contexto é motivado por um traço A'/WH presente no DP. Para checar esse traço, o DP se move para SpecCP. Com o início de um outro objeto sintático para o qual o predicado *tough* é selecionado, o DP se move lateralmente para checar o traço temático do adjetivo e depois os traços não-interpretáveis do T da matriz o atraem para SpecTP.

Considerações finais

Este trabalho teve como objetivo principal propor uma análise sintática, baseada no Programa Minimalista, para as construções com *tough movement* para explicar como a sintaxe reflete a co-interpretação entre o DP que preenche a posição de sujeito da oração matriz e lacuna que aparece na posição de argumento interno da oração encaixada dessas sentenças. Para isto, foram levadas em consideração as propriedades sintáticas e semânticas que caracterizam as estruturas das sentenças em (1) e em (2).

(1)

- a. John_i is easy (PP for Mary) [to convince e_i]
- b. Peter is tough (PP for Mary) [to please e_i]

(2)

- a. John_i is easy (for us) [to convince Bill that he should meet e_i]
- b. The books_i are easy (for Kate) [to convince people to read e_i]

Assim, foi mostrado que sentenças como (1) e (2) possuem subjacentes estruturas sintáticas diferentes do que tange ao complemento infinitivo do predicado *tough*. Sentenças como (1) apresentam um complemento oracional que representa o VP, enquanto a oração completiva de sentenças como (2) pode se apresentar como um TP ou um CP.

Nessa perspectiva, foram trazidas evidências de que as TCs I têm na sua base uma construção de reestruturação. Isto significa que a oração infinitiva subcategorizada pelo predicado *tough* dessas sentenças é desprovida de projeções funcionais (FP, VoiceP, TP ou CP), sendo então representada por um vP cujo núcleo seria do tipo v^0_{CAUSE} ou v^0_{DO} .

A ausência dos sintagmas FP e VoiceP explicaria a falta de uma posição de Caso acusativo estrutural e de uma posição para o argumento externo, o que justificaria as semelhanças entre as TCs I e as MCs do inglês, sentenças em que o Caso do objeto direto do verbo não é checado acusativo nem o papel- θ externo é projetado.

No que concerne às propriedades seletivas do predicado *tough*, foi assumido, conforme Hicks (2003), que esse adjetivo pode subcategorizar, além da oração infinitiva, um PP que recebe o papel- θ de experienciador. Foi proposto também que, nesta estrutura, o sintagma adjetival é composto de duas camadas: um sintagma funcional *aP*, acima do AP, para o qual o adjetivo se move. Com esse movimento se obtém a ordem que se vê na sintaxe visível.

A representação sintática (simplificada) desse tipo de construção com predicado *tough* é apresentada em (3).

(3) TP John_i [TP is [*aP* easy_i [AP for us [AP ~~easy~~_i [VP CAUSE to please ~~John~~_i]]]]]]

Essa análise para as TCs I, baseada na ausência do núcleo Voice e F, consegue explicar as propriedades dessas sentenças no que diz respeito à relação temática que se verifica entre o verbo da oração encaixada e o DP sujeito da matriz: uma vez que F não é projetado, não é disponibilizado um núcleo capaz de checar traço de Caso acusativo e, na ausência de Voice, não há uma posição para o argumento externo. Com isto, o núcleo T entra em relação de checagem com o DP pós-verbal, que se move para a posição de especificador desse núcleo.

Nessa perspectiva, nas TCs I apenas se verifica uma relação temática entre o verbo encaixado e o DP que, no final da derivação, se encontra na posição sintática de sujeito. A posição vazia pós-verbal seria, pois, uma cópia apagada derivada do movimento argumental do DP para o especificador de T da matriz. No que diz respeito à lacuna pré-verbal, foi constatado que essa posição não é sequer projetada semântica ou sintaticamente.

Sendo esse complemento oracional um *vP*, justifica-se também o caráter mono-clausal das TCs I. Daí resultam a impossibilidade de negação exclusiva da oração encaixada e a dependência temporal da oração encaixada em relação à oração matriz.

Um problema que se coloca para a viabilidade desta análise é a aceitabilidade de TCs I com lacuna parasita. No entanto, a partir dos dados apresentados por falantes nativos, observou-se que o julgamento dessas estruturas varia bastante no que concerne à sua gramaticalidade. Mas, diante do julgamento dos falantes que consideram uma sentença como (4) agramatical e apresentam como estratégia de salvamento da estrutura a inserção de um pronome após o verbo da oração adjunta que contém a lacuna parasita, o que se verifica é que esses falantes derivam essa sentença tendo como estrutura subjacente uma TC I, construída a partir de movimento-A e, por isso, não se permite a adjunção de uma oração com lacuna parasita.

(4) This report is easy to file without reading.

Quanto às TCs do tipo II (2), foi mostrado que essas sentenças apresentam restrições bastante diferentes das TCs I. Essas estruturas admitem preenchimento da posição pós-verbal, apresentam independência temporal da oração encaixada em relação à oração matriz e permitem adjunção de advérbios voltados para o agente e de orações com lacuna parasita.

Para essas TCs mais complexas, assumiu-se a análise sintática proposta por Hornstein (2001) segundo a qual, a lacuna pós-verbal é gerada pelo movimento A-barrado do argumento interno em direção primeiro ao SpecCP da encaixada, motivado pela presença de um traço-wh do DP. Na derivação desse tipo de TC estaria também envolvido um movimento lateral do DP da oração encaixada para o especificador do adjetivo e um último movimento deste DP para a posição de sujeito sintático da matriz.

Assim, percebem-se duas instâncias de checagem de papel- θ : a primeira entre o DP argumento interno do verbo encaixado e o núcleo que o seleciona e a segunda entre esse DP e o predicado *tough*. A categoria vazia na posição pós-verbal se apresenta como um vestígio de movimento-wh; e a posição vazia de sujeito é ocupada por um PRO de referência arbitrária.

Como foi proposto, esta tese apresentou uma análise para construções com *tough movement* do inglês, partindo dos aspectos semânticos e sintáticos do predicado encaixado.

Na sua realização, procurei explicar a sintaxe dessas estruturas, levando em consideração categorias funcionais e operações sintáticas já consolidadas dentro da Teoria da Gramática.

Espero que as análises trazidas para essas construções com predicado *tough* venham a contribuir para o entendimento do funcionamento dessas sentenças e sirvam de motivação para o desenvolvimento de outras pesquisas que suplementem as idéias aqui expostas sobre as relações semânticas sintáticas que se verificam entre os constituintes que formam as construções com *tough movement* estudadas.

Referências bibliográficas

ACKEMA, P. & SCHOORLEMMER, M. Middles. In: Martin Everaert & Henk Van Riemsdijk (eds.) *The Blackwell Companion to Syntax*, Vol. III, 131 – 203, Oxford: Blackwell, 2005.

ANDERSON, Deborah L. *The Acquisition of Tough-Movement in English*. Tese de Doutorado. University of Cambridge, 2005.

AUTHIER, J.-Marc & REED, Lisa A. French Tough-Movement Infinitives as Deverbal Nominals. In: *Proceedings of the 32nd Annual Penn Linguistics Colloquium*. *UPenn Working Papers in Linguistics* 15.1, 2009.

BAYER, Samuel. Tough movement as function composition. In: *The Proceedings of the Ninth West Coast Conference on Formal Linguistics*, 29–42. Stanford, CA: Stanford Linguistics Association, 1990.

BELLETTI, A. The case of unaccusatives. *Linguistic Inquiry* 19: 1-34, 1988.

BOECKX, Cedric ; HORNSTEIN, Norbert & NUNES, J. Copy-reflexive and Copy-control Constructions: A Movement Analysis. In: *Linguistic Variation Yearbook*, 8: 61-100, 2008.

BOŠKOVIĆ, Ž. *The syntax of nonfinite complementation: An economy approach*. Cambridge, Mass.: MIT Press, 1997.

BRESNAN, Joan, & MOSHI, Lioba. Object Asymmetries in Comparative Bantu Syntax. In: Sam A. Mchombo (ed.) *Theoretical Aspects of Bantu Grammar*. Stanford, CA: CSLI Publications, 47-91, 1993.

BURZIO, L. *Italian Syntax*. Dordrecht: Reidel, 1986.

CARVALHO, Cristina dos Santos. *Cláusulas encaixadas em verbos causativos e perceptivos: uma análise funcionalista*. Tese de Doutorado. Universidade Estadual de Campinas, 2004.

CHOMSKY, Noam. *Aspects of the theory of syntax*. Cambridge, Mass.: MIT Press, 1965.

_____. On wh-movement. In: Peter Culicover (ed.) *Formal syntax*. New York: Academic Press. 71-132, 1977.

- _____. *Lectures on government and binding*. Dordrecht: Foris, 1981.
- _____. *Some concepts and consequences of the theory of government and binding*. Cambridge, Mass.: MIT Press, 1982.
- _____. *Barriers*. Cambridge, Mass.: MIT Press, 1986a.
- _____. *Knowledge of language: its nature, origin and use*. New York: Praeger, 1986b.
- _____. *Language and problems of knowledge*. Cambridge, Mass.: MIT Press, 1988.
- _____. *The Minimalist Program*. Cambridge, Mass.: MIT Press, 1995.
- _____. Minimalist inquiries: the framework. In: *MIT Working Papers in Linguistics*, 1998.
- _____. Derivation by phase. In: *MIT Working Papers in Linguistics*, 1999.
- _____ & LASNIK, H. The Theory of Principles and Parameters. In: Noam Chomsky (org.). *The Minimalist Program*. Cambridge, Mass.: MIT Press, 1995.
- CHUNG, Taegoo. On English middle formation. In: *Studies in Generative Grammar* 6.2: 281-317, 1996.
- CINQUE, Gugliermo. On si constructions and the theory of arb. In: *Linguistic Inquiry* 19:521-582, 1988.
- CULICOVER, Peter W. *Principles and Parameters: An Introduction to Syntactic Theory*. Oxford: Oxford University Press, 1997.
- DEN DIKKEN, Marcel and SYBESMA, Rint. *Take serials light up the middle*. Paper presented at the *20th GLOW Colloquim*, Tilburg, 1998.
- DOWTY, D. R. *Word Meaning and Montague Grammar*. Dordrecht: Reidel, 1979.
- EMONDS, J. *A Transformational Approach to English Syntax*. New York: Academic Press, 1976.
- ENÇ, M. On the absence of the present tense morpheme in English. Ms. University of Wisconsin, 1990.

FAGAN, Sarah. M. B. The English Middle. In: *Linguistic Inquiry*. 19:181–203, 1988.

FERREIRA, Marcelo. *Argumentos Nulos em Português Brasileiro*. Dissertação de Mestrado. Universidade Estadual de Campinas, 2000.

FISCHER, O. et al. *The Syntax of Early English*. Cambridge: Cambridge University Press, 2000.

FLICKINGER, Dan & NERBONNE, John. Inheritance and complementation: a case study of *easy* adjectives and related nouns. In: *Computational Linguistics* 18.3: 269-309, 1992.

FOLLI, Raffaella & HARLEY, Heidi. Consuming results: Flavors of little-*v*. In: P. Kempchinsky & R. Slabakova (eds.) *Aspectual Enquiries*. 1–25. Dordrecht: Kluwer, 2004.

GALVES, Charlotte. *Ensaio sobre as Gramáticas do Português*. Campinas: Editora da UNICAMP, 2001.

GIVÓN, Talmy. *Syntax: A functional-typological introduction*. Vol. II. Amsterdam: John Benjamins, 1990.

HAEGEMAN, Liliane. *Introduction to Government and Binding Theory*. Oxford: Blackwell, 1994.

HALE, K., & KEYSER, S. On argument structure and the lexical expression of syntactic relations. In: K. Hale & S. Keyser (eds.) *The view from Building 20*, 53-109. Cambridge, Mass.: MIT Press, 1993.

HALLE, Morris & MARANTZ, Alec. Distributed Morphology and the Pieces of Inflection. In: K. Hale and S. Keyser (eds.) *The View from Building 20*, 111-176, Cambridge, Mass.: MIT Press, 1993.

HARLEY, Heidi. *Subjects, Events, and Licensing*. Tese de Doutorado, MIT, 1995.

_____. How do verbs get their names? denominal verbs, manner incorporation, and the ontology of verb roots in English. In N. Erteschik-Shir & T. Rapoport (eds.) *The Syntax of Aspect*. 42–64. Oxford: Oxford University Press, 2005.

_____. The morphology of nominalizations and the syntax of *vP*. In: Anastasia Giannakidou & Monika Rathert (eds.) *Quantification, Definiteness, and Nominalization*. Oxford: Oxford University Press, 2006.

_____ & NOYER, R. Distributed morphology. In: *Glott International* 4.4, 1999.

HIEMSTRA, Inge. Some Aspects of WH-Questions in Frisian. In: *North-Western European Language Evolution*, Vol.8, 1986.

HICKS, Glyn. *So Easy to Look At, So Hard to Define: Tough Movement in the Minimalist Framework*. Dissertação de Mestrado. University of York, 2003.

_____. Talking tough: a minimalist account for *tough*-movement. In: Napoleon Katsos et al. (eds.) *CamLing 2004: Proceedings of the Second Postgraduate Conference in Language Research*. University of Cambridge, 2004.

HORNSTEIN, Norbert. *Move! a minimalist theory of construal*. Oxford: Blackwell, 2001.

_____ & WEINBERG, Amy 1981. Case theory and preposition stranding. In: *Linguistic Inquiry* 12:55–91.

_____; NUNES, Jairo. & GROHMANN, Kleanthes. *Understanding Minimalism*. Cambridge: Cambridge University Press, 2005.

JACKENDOFF, Ray. *Semantic Interpretation in Generative Grammar*. Cambridge, Mass.: MIT Press, 1972.

_____. On Larson's Treatment of the Double Object Construction. In: *Linguistic Inquiry* 21: 427-56, 1990.

_____ & GOLDBERG, Adele. *The English resultative as a family of constructions*. *Language* 80: 532-567. 2004.

JACOBSON, Pauline. The lexical entailment theory of control and the toughconstruction. In: Ivan A. Sag and Anna Szabolcsi (eds.) *Lexical matters*. 269–299. Stanford, CA: CSLI Publications, 1992.

KATO, Mary. A. & CASTILHO, Ataliba de. Advérbios como núcleos predicadores. *D.E.L.T.A.* 7.1: 409-423, 1991.

KAYNE, Richard S. *The Antisymmetry of Syntax*. Linguistic Inquiry Monograph 25. Cambridge, Mass.: MIT Press, 1994.

KEYSER, Samuel. J. & ROEPER, Thomas. On the Middle and Ergative Constructions in English. In: *Linguistic Inquiry*. 15: 381–416, 1984.

KLINGVALL, Eva. On a possible candidate for a Swedish middle. In: Heinat F.; E. Klingvall; S. Manninen (eds.) *The Department of English: working papers in English linguistics*, vol. VI, 2006.

_____. Agent Arguments in Generic Contexts. Paper presented at the *NORMS Workshop on Argument structure*, 2008.

KRATZER, Angelika. *The Event Argument and the Semantics of Voice*. Ms., University of Massachusetts, Amherst, 1993.

_____. Severing the External Argument from Its Verb. In: Johan Rooryck & Laurie Zaring (eds.) *Phrase Structure and the Lexicon*. 109-37. Dordrecht: Kluwer, 1996.

LARSON, Richard, K. On the double-object construction. In: *Linguistic Inquiry* 19: 335-391, 1988.

_____. Double Object Revisited: Reply to Jackendoff. In: *Linguistic Inquiry* 21: 589-632, 1990.

LASNIK, H. 1995. Case and expletives revisited: on Greed and other human failings. In: *Linguistic Inquiry* 26: 615-633

_____ & FIENGO, Robert. Complement object deletion. In: *Linguistic Inquiry* 5:535–572, 1974.

_____ & URIAGEREKA, Juan. *A Course in GB Syntax: Lectures on Binding and Empty Categories*. Cambridge, Mass.: MIT Press, 1988.

LAW, Paul. 1991 *Effects of head movement on theories of subadjacency and proper government*. Tese de Doutorado. MIT, 1991.

_____. On relative clauses and the DP/PP adjunction asymmetry. In: Alexiadou, Artemis et al. (eds.) *The syntax of relative clauses*. Amsterdam: John Benjamins Publishing Co, 2000.

LEFEBVRE, Claire. Take serial verb constructions in Fon. In: Claire Lefebvre (ed.) *Serial Verbs: Grammatical, Comparative and Cognitive Approaches*. 37-78, 1991.

MAIR, C. Tough-Movement in Present-Day British English: A Corpus-Based Study. *Studia Linguistica* 41.1: 59-71, 1987.

MARTIN, R. *A minimalist theory of PRO and control*. Tese de Doutorado. University of Connecticut, 1996.

MARTÍN ARISTA, Javier & CABALLERO, Laura. Arguments or macroroles? Two functional approaches to Old English quirky case. *Journal of English Studies*. Vol. 3.2: 131-148, 2001.

MARTINS, Ana Maria & NUNES, Jairo. Raising Issues in Portuguese. *Journal of Portuguese Linguistics* 4:53-77, 2005.

MASSAM, Diane. Null objects and non-thematic subjects. In: *J. Linguistics* 28:115:137, 1992.

MCGINNIS, Martha. Phases and the syntax of applicatives. In: *NELS* 31, 2001.

MOULTON, Keir. External arguments and gerunds. In: *Toronto Working Papers in Linguistics* 22: 121–136, 2004.

NANNI, D. L. On the surface syntax of constructions with *easy*-type adjectives. In: *Language* 56:568-581, 1980.

NUNES, Jairo. *The copy theory of movement and linearization of chains in the Minimalist Program*. Tese de Doutorado. University of Maryland, College Park, 1995.

_____. Sideward movement. In: *Linguistic Inquiry* 32:303-344, 2001.

_____. *Linearization of Chains and Sideward Movement*. Cambridge, Mass.: MIT Press, 2004.

_____. Inherent Case as a Licensing Condition for A-movement: The Case of Hyper-raising Constructions in Brazilian Portuguese. In: *Journal of Portuguese Linguistics*, v. 7.2, p. 83-108, 2008.

PACHECO, J. C. *As Sentenças Médias no Português do Brasil sob a perspectiva teórica da Morfologia Distribuída*. Dissertação de Mestrado. Universidade de São Paulo, 2008.

PESETSKY, D. *Zero Syntax: Experiencers and Cascades*. Cambridge, Mass.: MIT Press, 1995.

POSTAL, P. & ROSS, J. R. Tough Movement Si, Tough Deletion No!. In: *Linguistic Inquiry* 2, 544-546, 1971.

PYLKÄNEN, Liina. What applicative heads apply to. *Proceedings of the 24th Annual Penn Linguistics Colloquium*. *UPenn Working Papers in Linguistics* 7.1, 2000.

RAPOSO, Eduardo. Case theory and Infl-to-Comp: The inflected infinitive in European Portuguese. In: *Linguistic Inquiry*, 18: 85-109, 1987.

RIEMSDIJK, Henk van, WILLIAMS, Edwin. *Introduction to the Theory of Grammar*. Cambridge, Mass.: MIT Press. Tradução portuguesa. São Paulo: Martins Fontes, 1986.

ROBERTS, Ian. *The representation of implicit and dethematized subjects*. Tese de Doutorado. University of Southern California, 1985.

_____. Reestructuring, head movement, and locality. In: *Linguistic Inquiry* 28:423-460, 1997.

_____. *The Representation of Implicit and Dethematized Subjects*. Linguistic Models Series. Dordrecht.: Foris, 1987.

RODRIGUES, Cilene. *Aspectos Sintáticos e Semânticos das Estruturas Médias no Português do Brasil: um estudo comparativo*. Dissertação de Mestrado. UnB, 1998.

_____. Deriving referential null subjects from movement. University of Maryland, 2000.

ROTHSTEIN, Susan. *Structuring Events: A Study in the Semantics of Lexical Aspect*. Oxford: Blackwell, 2004.

RUNNER, Jeffrey. Lingering challenges to the raising-to-object and object-control constructions. In: *Syntax* 9.2: 193–213, 2006.

SITARIDOU, Ioanna. The (dis)association of Tense, *phi*-features EPP and nominative Case: Case studies from Romance and Greek. In: João Costa & Maria Cristina Figueiredo Silva (eds.). *Studies on Agreement*. 243–260, 2006.

SNYDER, William. On the nature of syntactic variation: Evidence from complex predicates and complex word-formation. In: *Language* 77:324-342, 2001.

_____. *The relationship between form and function in ditransitive constructions*. Tese de Doutorado. University of Pennsylvania, 2003.

SOSCHEN Alona. Derivation by phase: Russian applicatives. In: Canadian Linguistic Association Conference Proceedings, 2005.
Disponível em: <http://ling.uwo.ca/publications/CLA-ACL/Soschen.pdf>

SPORTICHE, Dominique. NP Movement: How to Merge and Move in Tough-Constructions. Ms. 2006. Disponível em: <http://ling.auf.net/lingBuzz/000258>.

STOWELL, T. The tense of infinitives. In: *Linguistic Inquiry* 13:561-570, 1982.

VENDLER, Zeno. *Linguistics in philosophy*. New York: Cornell University Press, 1967.

WEKKER, H. & HAEGEMAN, L. *A Modern Course in English Syntax*. London: Routledge, 1985.

WILLIAMS, E. Argument structure and morphology. In: *The Linguistic Review* 1:81-114, 1981.

WURMBRAND, S. *Infinitives: Restructuring and clause structure*. Berlin/New York: Mouton de Gruyter, 2001.